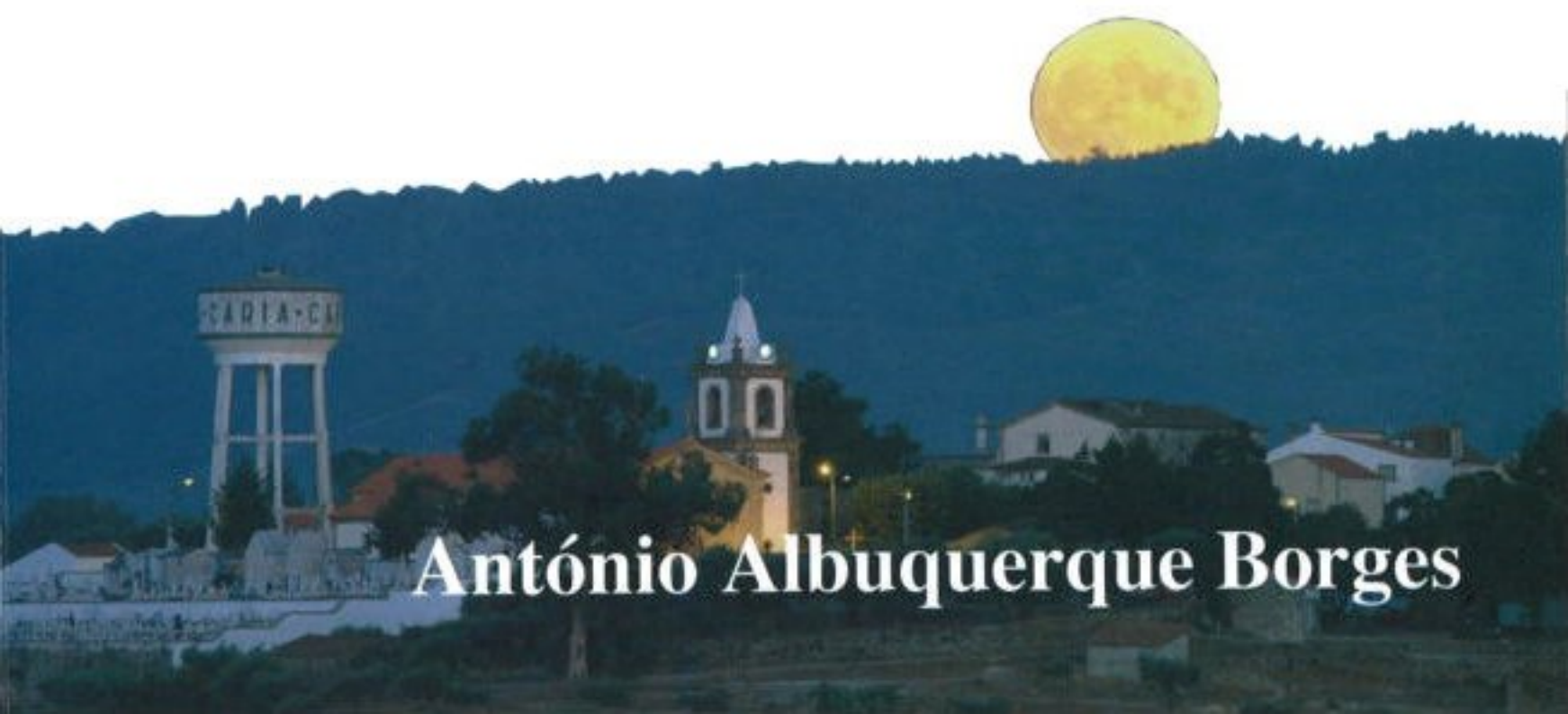


MONOGRAFIA DE CARIA



António Albuquerque Borges

MONOGRAFIA DE CARIA

2007





...Terra de gentes laboriosas, de muito querer e de muito saber....

Terra de acolhimento, encruzilhada de muitas chegadas e partidas, abraçada por ribeiras que lhe dão vida e beleza e que fazem de Caria o seu berço.

Caria orgulha-se de contar com um passado histórico que muito a enaltece e que, por isso, merece ser contado.

Assim, temos hoje nesta obra mais um contributo riquíssimo para se construir o futuro assente na grandeza do passado que faz das gentes de Caria, uma população que ama a sua terra e que em todos os momentos a engrandece. É o caso aqui quando o autor desta obra, Prof. António Albuquerque Borges, de forma altruísta e muito empenhada, se embrenhou nas profundezas das memórias buscando as raízes de uma terra magnânima trazendo-nos ao conhecimento as grandes virtudes de um passado glorioso que se reflecte na grandeza dos monumentos e solares que povoam a malha medieval, onde em cada pedra se lê o saber de quem a talhou, sem esquecermos as magnificas fontes que mataram a sede a quem chegava, tal qual recomenda a cortesia do bem receber e que, tão bem, o nosso autor soube descrever com um recorte literário simples mas profundo tendo, também ele, saciado a nossa vontade de saber.

È com muito orgulho que faço a apresentação desta obra, realçando a notável capacidade do Snr. Prof. Borges, a importância da sua iniciativa e também a sua disponibilidade para contribuir para o engrandecimento de Caria e do nosso Concelho.

Amândio Manuel Ferreira Melo

(Presidente da Câmara Municipal de Belmonte)

FICHA TÉCNICA

Titulo:	Monografia de Caria
Autor:	António Albuquerque Borges
Edição:	António Albuquerque Borges
Foto capa:	Luis Ribeiro
Impressão e acabamento:	Gráfica do Tortosendo, Lda
Tiragem:	1000
Depósito legal:	256330/07

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
INTRODUÇÃO	7
A ORIGEM DO NOME	9
ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	19
VESTÍGIOS DA PRESENÇA DE OUTROS POVOS	25
A VILA DE COLLOS	26
VIAS ROMANAS	29
CARIA E OS BISPOS	33
HISTÓRIA ADMINISTRATIVA	37
O FORAL DE CARIA	41
EXPLORAÇÃO MINEIRA	43
AS INVASÕES FRANCESAS	45
PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONSTRUÍDO	47
IGREJA MATRIZ	47
CASAS DA TORRE	62
SOLAR QUEVEDO PESSANHA	65
SOLAR DOS CONDES	70
PALACETES DOS VISCONDES DE TINALHAS	71
CASA DA RODA	72
CASA DAS CARAS	75
CASA DA CÂMARA	77
NICHOS	78
CAPELAS	79
PONTES E PONTÕES	92
FONTES E FONTANÁRIOS	95
TOPONÍMIA	101
NOS FORAIS	101
NAS RUAS	103
NOS PRÉDIOS	119

PERSONALIDADES	127
PÁROCOS.....	129
AUTARCAS.....	132
NOBRES, BRASÕES E CASAS SENHORIAIS	133
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA	147
ACTIVIDADES ECONÓMICAS	149
ENSINO	155
COLECTIVIDADES	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
ANEXOS	169
INQUIRIÇÕES DE D. DINIS (1288/1290).....	171
CARTA RÉGIA DE D. AFONSO V.....	172
DOCUMENTO DO «TOMBO».....	174
EXTRACTOS DOS FORAIS.....	176
AUTARCAS.....	179
GENEALOGIA.....	182
BANDA FILARMÓNICA.....	187
EMPRESAS.....	190
CORREIOS.....	198
IMPRENSA.....	198
MATRÍCULAS.....	200
INQUIRIÇÕES PAROQUIAIS DE 1758.....	201
GLOSSÁRIO	219
BIBLIOGRAFIA	239

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao Reverendíssimo Dr. Padre João Saraiva André, pároco de Caria, pela disponibilização dos seus arquivos e pela ajuda preciosa que me deu.

Também não posso esquecer o Dr. Quevedo Pessanha, pelas informações que me forneceu sobre a família e o solar.

Ao Luís Ribeiro e ao Mário Tomás, dois carrienses fervorosos, pela disponibilização de fotografias.

Ao Executivo Municipal, na pessoa do seu Presidente Amândio Melo, pelo apoio concedido e sem o qual não seria possível o aparecimento deste livro.

A todos quantos, oralmente ou por escrito, me facultaram informações, a minha gratidão.

ABREVIATURAS

aC	antes de Cristo
adj	adjectivo
alt	alteração
ant	antigo
Ár	Árabe
Arq/Arquit	Arquitectura
Bot	Botânica
c	cerca de
Cast	Castelhano
cc	casado com
dC	depois de Cristo
dim	diminutivo
Dir	Direito
Ecles	eclesiástico
ext	extensão
f/fem	feminino
fig	figurado
Fr	Francês
gén	género
Germ	Germânico/Alemão
Gr	Grego
Hebr	Hebraico
Heráld	Heráldica

MONOGRAFIA DE CARIA

int	intransitivo
IP	Inquirições Paroquiais
It	Italiano
Lat	Latim
m	masculino
n	nascido em (data)
o m. q.	o mesmo que
pl	plural
pop	popular
Pt	Partido
prov	provincianismo
rad	radical
Rev	Reverendo
s	substantivo
tr	transitivo
v	verbo

INTRODUÇÃO

Quando cheguei a Caria pela primeira vez, há perto de 30 anos, logo as suas graníticas casas espalhadas pela colina e as suas ruas estreitas e sinuosas, quais páginas de um livro à espera de serem lidas, despertaram em mim uma vontade enorme de saber mais sobre esta povoação que se me afigurava como tendo um passado cheio de factos interessantes para descobrir. Ao longo dos anos aqui passados fui-me apaixonando cada vez mais sobre a terra que me acolheu e procurei conhecer o máximo sobre a sua história.

Com o presente trabalho pretende-se reunir informação dispersa por vários documentos e contribuir para um melhor conhecimento desta terra.

A ausência de formação de base na área da historiografia, a falta de tempo e a pouca documentação disponível fizeram com que este trabalho me levasse alguns anos a concluir; porém, como o que me falta em formação histórica me sobra em vontade e entusiasmo de conhecer, aqui estou finalmente a trazer à luz do dia e a partilhar com todos alguns aspectos da vida desta terra com um passado tão rico que não deixam ninguém indiferente.

Porque me dirijo em especial aos alunos do Ensino Básico e com a finalidade de lhes facilitar a compreensão do texto, resolvi incluir um glossário com alguns termos menos usuais, embora sem a preocupação de ser exaustivo.

MONOGRAFIA DE CARIA

Ao dar a conhecer um pouco do nosso passado colectivo, espero contribuir para uma maior auto estima de todos os carrienses.

Pontualmente e para melhor compreensão e enquadramento dos acontecimentos, far-se-á referência a factos e personalidades da história nacional/internacional que tenham ligação com os assuntos em questão, tentando que essa visão global facilite a compreensão do contexto.



Vista Geral de Caria

A ORIGEM DO NOME

Determinar com rigor a origem do nome de uma localidade não é tarefa simples. Levantam-se hipóteses mas raramente se encontram certezas, pois na maior parte dos casos procura-se uma explicação mais ou menos plausível para o nome atendendo à sua sonoridade, outras vezes faz-se uma busca etimológica e em algumas situações recorre-se à lenda. Da conjugação destes factores resulta frequentemente uma versão que, se não é cem por cento correcta ou não totalmente coincidente com a realidade, é contudo aceite pela maioria das pessoas e passa a ser a «versão oficial».

Caria, nome de povoação, não é exclusivo da nossa terra, pois há, no nosso país, outros locais assim designados:

1. no concelho de Moimenta da Beira, povoação antiquíssima e cheia de história com a qual se têm feito muitas confusões;
2. no concelho do Sabugal (Caria Talaya) na freguesia da Ruvina, junto do rio Coa, antigo lugar fortificado;
3. no concelho do Fundão, Alcaria, de fundação posterior e com evidentes semelhanças fonéticas;
4. no concelho de Vouzela, freguesia de S. João do Mato.

MONOGRAFIA DE CARIA

Caria é também o nome de uma vasta região da antiga Ásia Menor que assim se terá chamado em honra a um dos seus grandes vultos, o rei Car.

Na capital dessa região,¹ onde nasceu o grande historiador da Antiguidade Heródoto, existiu uma das sete maravilhas do mundo, o mausoléu de Halicarnasso, mandado construir por Artemisa e destruído por um tremor de terra.

Caria é ainda uma povoação de Itália na província Vibo Valentia.

A verdadeira origem do nome desta terra permanece desconhecida, sendo várias as possibilidades levantadas:

1 – Romana

Terá existido um povoamento anterior a Caria? Em caso afirmativo, onde se situaria e qual seria o seu nome?

Vargas² refere uma tradição que aponta para os primeiros povoadores de Caria terem vindo do(s) castro(s) próximo(s) por causa de uma invasão de formigas, levantando a hipótese de essas «formigas»³ serem os romanos ou outros invasores. Parece pacífico que a povoação primitiva que deu origem a Caria se situava noutro lugar; desconhece-se o nome original, podendo ter-se chamado *Villa Collo* ou *Lavacollos*,

¹ Halicarnasso, hoje Bodrum, Turquia.

² VARGAS, José Manuel in *Jornal de Belmonte*, Dezembro de 1984

³ Também no Sabugal se diz que os primeiros habitantes terão vindo do Sabugal Velho por causa de uma praga destes insectos.

topónimos que aparecem em alguns documentos medievais e são claramente de origem latina.

Villa Collo, por exemplo, aparece na divisão das rendas da diocese da Guarda, feita em 1243 mas efectivada em 19 de Julho de 1260 no tempo do Bispo D. Rodrigo Fernandes, a seguir às igrejas de *Sortella* e *Valis Viridis* e antes de *Valle Lupi* e *Colmenal*.⁴ (Gomes 1981:192, 199) Surge também na carta de povoamento dada pelo Bispo de Coimbra D. Egas Fafes em 3 de Julho de 1257 a dezasseis povoadores de Valverdinho quando refere os limites que passariam «pelas divisões que existem entre Belmonte e a vila de Colos». (Marques, 2001: 76)

Sabendo-se que o mais antigo documento que refere o nome de Caria (Inquirições⁵ de D. Dinis) é de 1288 e atentando nas datas acima referidas, verificamos que o desaparecimento de *Villa Collo* e a aparição de Caria praticamente coincidem no tempo, não sendo, pois, de excluir que uma tenha sido a continuação da outra.

*Lavacollos*⁶ aparece nos forais de Sortelha, Belmonte e *Centum Cellas* indicando o limite do concelho. Situando-se algures entre Belmonte, Sortelha e Caria, seria um local que estava ligado por um caminho velho (via romana) que, vindo do Monte Santo, se dirigia depois ao cabeço de Castradinos. A

⁴ Sortelha, Valverdinho (?), Vale de Lobo (hoje Vale da Srª da Póvoa) e Colmeal.

⁵ Inquéritos ordenados pelos monarcas para averiguar do estado dos bens e direitos da Coroa. (Verbo, Vol X:1507)

⁶Este termo surge tanto a designar um local como um curso de água.

MONOGRAFIA DE CARIA

importância deste topónimo deve ter sido grande, uma vez que influenciou a escolha da primeira padroeira de Caria que foi precisamente Nossa Senhora de Lavacolhos.

Embora não tenha provas da sua sustentabilidade, não posso deixar de formular uma hipótese que me parece bastante plausível mas que só futuras escavações poderão confirmar ou desmentir:

Perto de Caria e da ribeira de S. Sebastião ficaria a *villa* de *Collos*, sendo natural que as pessoas se referissem ao dito curso de água como «a ribeira que leva a *Collos*»⁷; com o andar dos anos e da evolução fonética, teria derivado na denominação Lavacolhos, que primeiro indicaria nome de ribeira e mais tarde de localidade. A *villa* de *Collos* passaria assim a ser conhecida como Lavacolhos, a primitiva povoação que deu origem a Caria, o que explicaria a designação de Nossa Senhora de Lavacolhos como sua Padroeira.

O estudo etimológico da palavra Lavacolhos foi aprofundado pelo Padre Abel Guerra ⁸ quando estudava a terra com esse nome no concelho do Fundão. Este autor contraria a ideia que a palavra significava a acção de lavar, explicando que «a nota que dá o nome a uma terra tem de ser característica e distintiva» e como lavar é comum a todas,

⁷ Parece evidente que esta expressão só teria cabimento num local a montante, pelo que, na época romana, deveria existir um povoamento próximo; ora a lenda e alguns achados arqueológicos na zona da Senhora da Estrela em Inguias fazem-nos supor que aí existiu a cidade de Valongo, o que confirmaria a tese.

⁸ Dicionário Enciclopédico das Freguesias, p. 171

procura outra explicação. Assim, *levo* (levantar), *collum* (colo, pescoço), *collis* (colina, outeiro) deu – *Lava collus* – *Lavacolos* – *Lavacollos* – *Lavacolhos*, o que significa «terra que levanta a cabeça». Em meu entender pode também querer dizer terra «levantada numa colina», o que se aplica perfeitamente a Caria, bem visível no alto de uma elevação, claramente definida pelo curso das ribeiras que a ladeiam.

2 – Árabe

Segundo alguns autores⁹ a origem do nome é árabe (Quiria) e significa «aldeia». Tendo conquistado e ocupado tantas terras durante tanto tempo, por que razão havia de ser esta «a aldeia»? Que tesouros ou encantos aqui haveria para ser este lugar escolhido e baptizado com este nome? É, no mínimo, estranho e levanta interrogações que só estudos mais aprofundados serão capazes de explicar. A ser verdade, o nome original teria sido «alcaria», ou alquiria que também significa «planta das areias»; existe, aliás, a crença que os seguidores de Maomé terão fundado Caria «por aí existirem florinhas a que davam esse nome».¹⁰

Considerando a localização de Caria num importante cruzamento viário desde a época da ocupação romana, a hipótese de o nome ser de origem muçulmana aparece

⁹ Verbo, Vol. IV:1043.

¹⁰ FREXES, Susana (2002) in *Alcariense*, n.º 1, p. 3

MONOGRAFIA DE CARIA

reforçada se atendermos ao termo *charia* que em árabe significa a «via a seguir».¹¹

3 - Gentílica

O Dr. Vargas, reportando-se a factos históricos, cita as Inquirições de D. Dinis de 1290¹² onde aparece o nome Caria. Diz o documento, cujo texto completo em português arcaico se pode ler nos Anexos, que no reinado de D. Sancho II, portanto entre 1223 e 1248, Martim Caria, tendo herdado de seu pai «uma cavalaria» se estabeleceu neste lugar, que pertencia ao concelho da Covilhã, e povoou-o; como se foi apropriando «da herança do concelho», vieram os da Covilhã e mataram-no.¹³

Estando prevista no foral da Covilhã uma pena de cinco soldos mais a 7º ao bispo para quem mudasse marcos alheios na sua propriedade e o pagamento de mil soldos para o que desacatasse os limites do concelho, não se compreende que, em vez da aplicação da justiça, se tenha optado por medida tão violenta, perfeitamente desproporcionada e descabida.

No seguimento destes acontecimentos, D. Rodrigo, Bispo da Guarda, reclamou os bens de Martim Caria por ele ser deão. Como os da Covilhã se opuseram, o Bispo excomungou-os.

¹¹ Não se reporta ao caminho físico mas antes às atitudes a tomar (prescrições e proibições), sendo a base do direito (THORAVAL, 2000: 48).

¹² As Inquirições datam de 1288 mas apenas em 1290 foram julgadas, pelo que ambas as datas se referem ao mesmo documento. (Verbo, Vol X:1509)

¹³ Talvez este facto ajude a explicar a pouca simpatia que as gentes de Caria nutrem pelas da Covilhã.

Para compreendermos melhor estes factos convém lembrar que nessa época os actos de presúria eram frequentes e permitidos pela Coroa e que no reinado de D. Sancho II se viveu uma «guerra» entre o clero e o Rei com apropriações indevidas de propriedades e excomunhões da parte da Igreja. Em 1265 D. Afonso III, com base na Inquirições de 1258 apreende ao clero e aos nobres terras reguengas e foreiras. Esta fase de anarquia com roubos, homicídios e incumprimento da justiça só vai terminar com a Concordata de 1289.

Mais refere o citado texto que os de Caria «fazem foro ao bispo da Guarda» e «não querem ir a juízo dos juizes de Covilhã nem obedecem ao concelho em nenhuma coisa».¹⁴ Ora, se Caria ou os bispos da Guarda se tivessem apropriado indevidamente de algumas terras, o rei não deixaria de as exigir.

Também Marques (2001: 69) refere que «cerca de 1245, o cónego deão da Guarda, Martim Caria», se tornou donatário de uma póvoa agrícola que tomou o seu nome, gerindo bens herdados de seu pai, entre os quais se encontrava uma «cavalaria». Para Vasconcelos (1980:486) cavalaria estará no sentido de terra indivisa por consentimento dos herdeiros do respectivo casal, mas para Vargas, comentando as Inquirições de D. Dinis, terá o sentido de uma herdade capaz de prover as necessidades de um cavaleiro e seu equipamento.

¹⁴ Como se vê, a sede de independência de Caria e a sua ligação aos bispos da Guarda são bem antigas.

MONOGRAFIA DE CARIA

A interpretação do texto é duvidosa, permitindo também supor que o deão Martim, ao herdar de seu pai alguns cavalos, poderá ter estabelecido neste local um negócio de criação desses animais; aliás, atendendo à situação geográfica de Caria e sabendo-se pelos estudos do Dr. Ricardo Belo¹⁵ que no percurso da Estrada de Herodes¹⁶ havia nesta localidade uma *mutatio*¹⁷ não é descabido admitir que possa ter sido local de criação/ venda/ aluguer de animais de carga e/ou transporte, além de local de descanso para almocreves. De notar que, na Lusitânia entre os séculos IV e VI, a criação de cavalos para as corridas, que nessa época eram espectáculos muito apreciados, já tinha estado na origem da prosperidade dessa região.

De acordo com os factos narrados, esta localidade deve o nome a Martim Caria, o primeiro povoador destas terras, das quais se vai apoderar o bispo da Guarda D. Rodrigo Fernandes, após a morte do deão.

¹⁵ Nótulas sobre cinco marcos miliários da via militar romana Mérida-Viseu-Braga, encontrados nas proximidades da Torre Centum Cellae, de Belmonte, p. 13.

¹⁶ Nome pelo qual é conhecido o troço da via Mérida – Viseu – Braga nesta zona.

¹⁷ Estação viária para apoio aos viajantes onde se podia pernoitar ou mudar de montada.

4 – Grega¹⁸

A presença dos Gregos no território que hoje é Portugal Continental limitou-se ao litoral, pelo que está fora de questão a sua presença nestas paragens; isso não impede, porém, que a palavra *caria* seja de origem grega, já que pode derivar de:

a) *xarieis*, que significa gracioso

b) *karua*, que quer dizer noz

➤ Então Caria seria «a terra das nozes».¹⁹

O nome Caria poderia ter sido dado à localidade por ela ter sido fundada por colonizadores gregos ou fenícios vindos da Ásia Menor da região com o mesmo nome.

5 – Lendária

Diz-se na povoação que, em tempos idos, uma princesa moura que aqui viveu se apaixonou tanto por esta localidade, que na terra dela se sentia infeliz e chorava e CÁ RIA, sendo essa a razão pela qual se passou assim a chamar.

História ou lenda, o que é certo é que ainda hoje se fala de mouras. Conta-se que, certo dia, ao passar pelo cabeço de S. Giraldo em Caria, um lavrador encontrou, sentada ao sol ao lado de uns rochedos, uma linda senhora que penteava os

¹⁸ Esta hipótese é levantada para justificar o nome da localidade italiana mas apresenta-se aqui por ser muito interessante.

¹⁹ Ainda hoje as nozeiras abundam nas margens das ribeiras que circundam a nossa terra.

MONOGRAFIA DE CARIA

longos cabelos negros, tendo algo no regaço. Perguntou ao lavrador se queria, ao que ele, julgando serem figos, respondeu negativamente e continuou o seu caminho.

- Perdes uma grande oportunidade! - Diz a senhora mostrando o que tinha no avental.

É então que o lavrador abre os olhos de espanto e verifica que se tratava de jóias. Nem teve tempo de se arrepender pois, num instante, a misteriosa senhora desapareceu.

Na voz do povo tratava-se de uma moura encantada e as jóias ainda hoje se encontrariam sob os enormes penhascos do cabeço, num local conhecido como Toca da Moura, que tanto é referido como um labirinto («quem aí se aventurar a entrar, jamais encontrará a saída») como passagem secreta com ligação à fortificação das Casas da Torre, o que permitiria a fuga em caso de cerco.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O Neolítico ou período da pedra polida foi uma fase do desenvolvimento da Humanidade caracterizada por profundas transformações económicas nas sociedades (o homem, até aí caçador e pescador, torna-se mais sedentário dedicando-se à agricultura e à pastorícia). Teve início entre 8500 e 7500 aC, terminando por volta de 2500 aC com a Idade dos Metais. São desse período as antas ou dólmenes, monumentos sepulcrais constituídos por várias pedras (entre 6 e 9) colocadas verticalmente e dispostas em círculo ou polígono e cobertas por uma grande laje.

Povos da Península

1. Lígures – 2000 aC

Os primeiros povos que invadiram a Península eram oriundos da Europa meridional. Eram agricultores, navegadores e comerciantes, tendo-se espalhado por todo o litoral europeu.

2. Iberos – 1500 aC

Vindos do Norte de África, são um dos primeiros povos da Península, acabando por se fixar na região do Ebro²⁰. Terão alargado a sua presença a toda a Hispânia e serão

²⁰Também conhecido como Rio Ibero, discute-se se este povo adquiriu o nome do rio ou se foi o rio que tomou o nome dos colonizadores, admitindo-se como mais provável esta última hipótese. (Silva, 1967:46)

MONOGRAFIA DE CARIA

antepassados dos Lusitanos, pois estes são considerados por Diodoro de Sevilha «os mais fortes de todos os Iberos».²¹

Com os Fenícios irão aperfeiçoar as artes da cerâmica e tomarão contacto com o alfabeto.

3. Fenícios – 1100 aC

Disputaram aos Gregos a influência e comércio do Mediterrâneo tendo-se estabelecido no sul da Península (Cádiz) e, como eram comerciantes e navegadores experimentados, aventuraram-se até às costas ocidentais e subiram os seus maiores rios.

4. Celtas – 500 aC

São, de acordo com Heródoto, originários das bandas do Reno na Europa Central. Entram na Península pelos Pirenéus e cruzam-se com os Iberos, principalmente com tribos lusitanas, dando origem aos Celtiberos.

5. Lusitanos

Descendentes dos Iberos, estavam organizados em tribos. Muito belicosos, eram pastores e guerrilheiros, utilizando o cavalo para a guerra. Dormiam no chão duro e alimentavam-se de pão de bolota, castanha, leite e carne quer dos seus rebanhos quer da caça. Semeavam cevada e algumas variedades de trigo

²¹ Cidade e Selvagem (1967: 39)

que moíam em moinhos manuais. Usavam vestuário de lã e linho. Discutiam em assembleias tribais os assuntos de interesse colectivo e habitavam citânias de toscas pedras no alto de elevações com fossos para defesa. Viriato, oriundo da Serra da Estrela (Montes Hermínios), foi o seu principal chefe na resistência ao invasor romano. Utilizando como estratégia a luta de guerrilha, defrontou os Romanos a partir de 194 aC sendo seguido nessa luta pelas tribos celtibéricas.

Em 140 aC Viriato derrota o exército romano; podendo destruçá-lo, deixou-o libertar-se da posição desastrosa em que se encontrava, em troca de promessas e garantias de os Lusitanos conservarem o território que haviam conquistado. Em Roma esse tratado de paz foi depois considerado humilhante e vexatório e o Senado romano não cumpriu a palavra dada e continuou a guerra, tendo-o mandado assassinar à traição.

6. Romanos – cerca de 200 aC (218)

A romanização da península manteve-se durante quatro séculos (*Pax Romana*). Foram introduzidas inovações não só nos domínios político e administrativo (datam desta época os primeiros municípios) mas também a nível militar com a sua organização, armamento e fortificação. Construíram-se estradas (as célebres *vias romanas*) pontes, termas, aquedutos, templos, etc., alguns dos quais ainda podem hoje ser vistos. As normas do

MONOGRAFIA DE CARIA

direito civil são introduzidas e a língua latina substitui os diversos dialectos existentes.

7. Visigodos Séc V dC

Com o declínio do império romano, (em 476 é deposto o último imperador) hordas de bárbaros atacam em várias frentes. Os Alanos, os Vândalos e os Suevos, passando os Pirenéus, ocupam toda a Península e partilham-na entre si; mais tarde são os Visigodos que disputam o mesmo território. Durante séculos ocupam-no em permanente hostilidade até que em 585 o reino visigótico anexou o reino suevo. É publicado o Código Visigótico, inspirado no direito romano, verificando-se uma fusão dos povos através de casamentos inter raciais. Como na monarquia visigótica o rei era escolhido pelos nobres, as disputas entre as famílias mais poderosas foram minando a estabilidade do império que estava prestes a chegar ao fim.

Há quem afirme (Rodrigues, 1984:40) que a característica sibilante da pronúncia das gentes da Beira tem origem na língua visigótica.

8. Árabes

Em 711, numa altura em que as desavenças dividiam os Visigodos, os Mouros, em obediência aos ensinamentos de Maomé que os instigara a propagarem a sua religião mesmo

que para isso tivessem de fazer uma *djihad* ²² para conquistar os outros povos, invadem a Península sob o comando de *Tariq*.

À conquista apenas escaparam os Montes Cantábricos nas Astúrias, donde iria partir a reacção que ficou designada como Reconquista.

Do longo período de mais de sete séculos que viveram na Península não podiam deixar de ficar marcas nas artes e nas letras, na arquitectura, nas Ciências (a numeração árabe é um exemplo) na Astronomia, Matemática... na agricultura, com a introdução de novas técnicas, novos aparelhos (noras), novas culturas, etc além de centenas de palavras que ainda hoje pertencem ao nosso vocabulário.

A presença árabe foi complacente pois não oprimiu os povos subjugados.

Apesar de Portugal se tornar independente em 1143, a presença árabe no nosso território estendeu-se até 1249, data em que D. Afonso III conquistou o Algarve; todavia o seu abandono definitivo da Península Ibérica apenas aconteceu em 1492 após a conquista do Reino de Granada pelos Reis Católicos ²³ Fernando e Isabel.

²² Guerra santa. Originalmente (THORAVALL, 2000:58) significava esforço no combate às paixões de cada um.

²³ O título de Reis Católicos foi-lhes concedido pelo Papa Inocência VIII pelo seu catolicismo e pelo êxito alcançado na luta contra os Mouros.

VESTÍGIOS DA PRESENÇA DE OUTROS POVOS

A presença humana em Caria é antiquíssima e confirmada pela existência, num lugar conhecido como Anta, de um dólmen que, de acordo com Marques (2001: 39), «ainda tem mamoa, apresenta pedras apumadas mais ou menos descompostas que podem ser sinal de corredor».

No cimo do cabeço de S. Giraldo, à altitude de 576 m, encontram-se vestígios de uma antiga fortaleza, provavelmente um castro lusitano. De acordo com Marques, (2001:34) são dois e foram identificados em 1997 pela Prof. Dr.^a Raquel Vilaça que não encontrou motivos para estudo, tendo, no entanto, aí sido recolhida uma pedra de moinho manual.

Os castros ficavam normalmente em zonas ricas em recursos minerais e situavam-se no cimo de cabeços, perto de cursos de água e de bosques de caça abundante. Sucedia com frequência as populações descerem à planície em busca de terrenos mais férteis para o desenvolvimento da agricultura. Como consequência verificou-se o recuo da floresta e a formação de grandes propriedades agrícolas -«villas» - nas zonas baixas, as quais se tornaram verdadeiros centros colonizadores, surgindo delas os principais aglomerados populacionais. Ora acontece que Caria reúne todas essas condições, não espantando que, sendo habitada desde tempos imemoriais, tenha seguido esta linha de evolução.

MONOGRAFIA DE CARIA

Apesar de o nome Caria não aparecer referido em documentos da época romana, podem encontrar-se nesta localidade alguns sinais de ocupação desse povo²⁴ (restos de calçadas, vestígios de construções, uma pedra na Igreja Matriz datando de século IV...) a provar que este local tem presença humana permanente desde os primeiros séculos da Era Cristã; a existência nesta localidade de uma *mutatio*, atrás referida, comprova esta tese.

A VILA DE COLLOS

Já atrás falámos da possibilidade de Caria poder ter tido origem numa *villa* romana; parece-nos oportuno agora abordar a evolução dessa forma de povoamento.

A *villa* romana era uma extensa propriedade cujas terras eram exploradas pelo proprietário (*dominus*), pelos servos e por outros colonos livres, constituindo um sistema não só jurídico como económico, onde os problemas que surgiam (administração, justiça...) eram resolvidos sem recurso a outras instâncias.

Durante a época visigótica mantém-se o mesmo regime de propriedade sob as ordens da nobreza; esta, contudo, dizimada pela invasão sarracena, deixa muitas vilas desertas,

²⁴ A Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco de 1910 refere a existência em Caria de uma Estação Romana.

sem *dominus*, ficando os servos, que não iam à guerra, a ser os novos proprietários.

Após a conquista árabe, as vilas passaram para a posse dos proprietários islâmicos que praticamente se limitavam a receber a renda pois, não estando preparados para a sua administração, a deixam nas mãos dos vilões. Com os mouros e a introdução do moinho hidráulico tornou-se mais fácil a fragmentação da grande propriedade em pequenas parcelas cujos cultivadores se associaram nos *concilius vicinorum* (reunião de vizinhos) que estiveram na origem dos primeiros concelhos na Idade Média.

Quando se efectuavam escavações, promovidas pela JAE em Junho de 1998 para a implementação da A23, foram encontrados no lugar da Quinta da Fórnea²⁵ a Nor-noroeste da estrada Caria - Belmonte,²⁶ perto da antiga via romana, vestígios de uma *villa* romana que poderá ter sido habitada entre os séculos II a IV dC albergando uma pequena comunidade auto-suficiente, constituída provavelmente por uma família, os parentes mais próximos e seus criados.

²⁵ Apesar de não ficar inserida na área geográfica da freguesia de Caria, resolvemos incluir no nosso trabalho este achado pelo seu valor, pela sua proximidade e pelo que futuros estudos nesta zona poderão mostrar sobre o nosso passado.

²⁶ MARTINS, Luís in Terras da Beira de 2 de Julho de 1998

MONOGRAFIA DE CARIA

Descobriram-se vários núcleos de construção, (as fundações da residência, dos estábulos, das forjas e dos celeiros) e um caminho de grandes blocos de granito que realça a entrada principal da *villa* e o pátio. À luz do dia surgiram duas mós e alguns potes de armazenagem de vinho e azeite, típicos das propriedades rurais, semi-enterrados de forma a conservarem os líquidos frescos.

A Sul-sudeste dessa mesma estrada deparou-se com um cemitério romano que os arqueólogos pensam pertencer a uma outra *villa* ainda não encontrada. (Marques, 2001: 53) Será a célebre *Villa Collos*?

VIAS ROMANAS

É preciso recordar que nem todas as vias romanas eram lajeadas em todo o seu percurso e que nem todas as calçadas existentes são romanas, podendo ser da Idade Média ou até posteriores. Importa também lembrar que muitos dos vestígios romanos foram sacrificados ao «progresso», sendo muitas vezes destruídos pela construção de vias modernas que, em muitos casos, seguiram o traçado das antigas e aproveitaram as pedras para outras construções.

O itinerário de Antonino, um importante documento histórico datado do Século III dC, enumera lugares e distâncias de todas as vias romanas importantes. Aí não se refere nenhuma passando em Caria, mas está provado que a via que saía de Mérida e ia entroncar na de Lisboa a Braga, passava por aqui.

O professor José Hermano Saraiva ²⁷ diz que esta via imperial, «em grande parte aberta no tempo de Augusto e não registada no Itinerário de Antonino Pio» passava em Cáceres, transpunha o Tejo pela ponte de Alcântara ²⁸ e «penetrava no actual território português por Segura, seguindo a Idanha-a-

²⁷ In História de Portugal, Publicações Alfa, p. 165

²⁸ É nessa ponte que se encontra uma inscrição com os nomes dos povos da Lusitânia que participaram na sua construção: «*Municipia provinciae Lusitaniae stipe conlata quae opus pontio perfecerunt Igaeditani, Lancienses Oppidani, Talori, Interamienses, Colarni, Lancienses Transcundani, Aravi, Meidubligenses, Arabrigenses, Banienses, Paesures*»

MONOGRAFIA DE CARIA

Velha (Egitânia), Vale de Lobo (*Lancia Oppidana*), *Centum Cellae* (junto de Belmonte), Famalicão, Mangualde e Viseu».

Alguns autores (Vargas, 2001) referem que outra via romana ligando a Covilhã a Idanha, com passagem por Vale de Lobo e Penamacor, se cruzava com esta em Caria.

O general João de Almeida diz que a via Braga-Mérida passava junto a *Centum Cellas*, no Chafariz do Areal, na fonte do Soldado e, seguindo a leste da serra da Esperança, passava em Caria, onde cruzava duas ribeiras.

O Padre Eugénio Jalhay, estudando o percurso Viseu-Mérida, estabeleceu o seguinte traçado: Viseu... Vale Formoso – Belmonte – Caria - ...Mérida.



Via Romana do Bracinho
Foto ACRC/Mário Tomás

Marcelo (1993:28) refere que a via Braga – Mérida com passagem por Viseu, tinha nesta região o seguinte percurso: Idanha-a-Velha, Bemposta, Caria e Belmonte.

Havia vestígios de calçadas romanas no Sítio do Bracinho e junto à Igreja Paroquial em direcção à Fontinha. O único troço que ainda podemos ver fica junto do Pontão da Laje do Freixo.

Apesar da existência de uma deliberação da Câmara que previa a preservação do troço do Bracinho sem prejudicar o bem-estar dos moradores, foi a via primeiro danificada por obras de Saneamento e mais tarde definitivamente «sepultada» com o calcetamento em Outubro de 2004. O Executivo Municipal mandou proceder a um levantamento fotográfico do local e fez assinalar parte do troço com pedras de cor diferente.

Admitimos a possibilidade de ser junto da Igreja que se encontravam as vias romanas, quer a da Covilhã (que passaria pelo Bracinho) quer a principal que, vindo de Belmonte talvez pela Ponte de S. Sebastião, passava junto à Igreja, seguia pela Rua da Fonte do Carvalho, devendo haver uma bifurcação mais à frente; para a esquerda em direcção à Laje do Freixo e para a direita em direcção à Capinha, quase de certeza utilizando a ponte conhecida como da Capinha, a seguir ao Santo Antão.

CARIA E OS BISPOS

O bispado da Egitânia foi fundado no século VI ²⁹ no Concílio de Lugo e tinha a sede episcopal em Idanha-a-Velha. Em 715 não escapou à invasão muçulmana, ³⁰ passando a ficar sem bispo residencial e sujeita a ermamento.

Foi nos meados do século XII que, com D. Afonso Henriques, as terras da Beira Baixa foram retomadas aos Mouros. Até aí os limites de Portugal coincidiam a Sul com os da diocese de Coimbra que se estendia até aos lados de Seia³¹ e que foi alargando os seus domínios à medida que avançava a reconquista. A diocese de Coimbra confrontava com a da Egitânia.

O Papa Inocência III, a pedido do Rei de Portugal D. Sancho I, transferiu a sede da diocese da Idanha para a Guarda em 1202, (Rodrigues, 1984:71) sendo o primeiro bispo D. Martinho.

Com a passagem da sede da diocese egitaniense de Idanha-a-velha para a Guarda, passou esta a barrar o caminho ao crescimento da diocese de Coimbra, o que veio a provocar conflitos entre os bispos das duas dioceses. Ainda antes da

²⁹ Sabe-se que o seu bispo Adorico assinou em 572 as actas do II Concílio de Braga

³⁰ Era bispo Agesindo e o comandante dos invasores Abde Alazis.

³¹ Seia recebeu foral de D. Afonso Henriques em 1136

MONOGRAFIA DE CARIA

concessão de foral à Covilhã por D. Sancho, este rei doou à diocese de Coimbra todas as igrejas construídas ou a construir na Covilhã e seus termos.

No início do século XIII alguns bispos da Guarda residiram em Caria antes de mandarem construir as Casas da Torre, dando a esta vila uma notoriedade que outros centros populacionais mais importantes nunca tiveram.

A instalação em Caria da residência episcopal de Verão terá, entre outras razões, algo a ver com a vontade dos bispos da diocese egitaniense vincarem os seus direitos sobre estas terras e impedirem o avanço dos bispos de Coimbra que, recorde-se, possuíam domínios em Belmonte.

A permanência dos bispos em Caria iniciou-se com o bispo D. Vicente Hispano³² em 1236 e continuou no ano seguinte quando, em cinco de Julho, o Papa Gregório IX dá ao bispo da Guarda direito às terras ao sul dessa cidade.

A especificidade e «independência» de Caria são de tal modo antigas e fundas que nem os Cabrais, senhores de vastos domínios nesta e noutras regiões, conseguiram alguma vez ter propriedades em Caria³³.

A D. Rodrigo Fernandes, o bispo que se opôs à Covilhã na disputa sobre as terras de Caria, sucede D. Frei Velasco que era

³² Também referido como Vicente da Guarda, faleceu em Setembro de 1248.

³³ As IP referem o cabeço de S. Giraldo como pertencente à Casa de Belmonte.

Cónego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, fora Prior do Convento de São Vicente de Fora de Lisboa e tinha participado nas Cortes de Leiria em 1254, o qual segue a mesma política do seu antecessor.

Cerca de 1278 e de acordo com Marques (2001:81) D. Frei João Martins (5º bispo com sede na Guarda transferido de Cádiz por Nicolau III em 24/12/1277)³⁴ conseguiu regalias de tipo concelhio para Caria, retiradas pela Covilhã em 1354 mas recuperadas pelos carrienses em 25 de Março de 1364 quando, de acordo com Vargas, citado por (Marques, 2001: 82), D. Pedro manda que os moradores de Caria «tenham todas as jurisdições, liberdades, composições e sentenças que sempre tiveram até 1354 e usem delas como sempre tinham usado».

D. Martinho II, provido em 10/11/1319 pelo Papa João XXII, esteve à frente da diocese de Guarda até 1322 e foi ele que mandou construir a Casa da Torre de Caria.

A influência da diocese egitaniense foi muito importante para o desenvolvimento de Caria. Foi aqui que D. Vasco Alvelos, o 6º Bispo com sede na Guarda, fez testamento³⁵ em 23/11/1311, dispondo que deveria ser sepultado em campa rasa na capela-mor da Sé antiga. (Gomes, 1981: 151)

Este Bispo, nascido em Lamego e falecido depois de 1313, foi eleito pela Bula *Quum sicut onusta* em 14/02/1302. Religioso

³⁴ Gomes, 1981: 151

³⁵ O executor do testamento foi o chantre João Gomes que se tinha oposto à sua eleição. (Gomes, 1981:204)

MONOGRAFIA DE CARIA

Carmelita no convento de Moura era já bispo de Lamego no princípio de 1302 quando foi colocado na Guarda por Bonifácio VIII. Em 1307 teve uma acção contra os Templários por causa da jurisdição de Idanha, Salvaterra e Proença. Em 1310 participou no concílio provincial de Salamanca.

D. Guterre I (ou D. Gil) 10º Bispo com sede na Guarda, foi provido no bispado por João XXII em 1323, quando era doutor por Paris e auditor da Rota. (Gomes, 1981: 152)

Em 1327 fixou residência em Caria, onde viria a falecer e foi sepultado na Guarda, na 2ª Sé.

HISTÓRIA ADMINISTRATIVA

É provável que Caria, também chamada Póvoa de Caria, tenha nascido como povoação com este nome com o deão Martim Caria, cerca de 1245.

As mais antigas referências à nossa terra datam de 1288 e constam das Inquirições de D. Dinis, onde se refere que nessa data a povoação tinha 200 homens.

O documento esclarece ainda que os do concelho de Belmonte se queixam que «os de Caria faziam foro ao Bispo da Guarda e não obedeciam ao concelho de Belmonte em nada». A rivalidade entre Caria e Belmonte afinal tem raízes muito profundas no tempo, não se compreendendo muito bem esta queixa, uma vez que Caria não pertencia ao concelho de Belmonte.

Vargas³⁶ refere ter encontrado «um curioso documento, datado de 1615», o qual contém «informações particularmente elucidativas sobre a formação do concelho de Caria e o modo de vida dos seus habitantes nesse tempo» e que é uma relação «dos bens e propriedades pertencentes ao concelho da Covilhã» que foi feita por «Pero Godinho da Camara, com base num livro de registos de 1474 e em informações que alguns homens idosos lhe prestaram sob juramento». O referido documento encontra-se no «Tombo dos bens, foros e propriedades que pertencem ao concelho da villa de Covilhã que se fez por mandado do Muy

³⁶ Jornal de Belmonte, Julho de 1985.

MONOGRAFIA DE CARIA

alto e poderoso Rey Dom Phellippe o 2º de Portugal Nosso Senhor na era de 1615».³⁷

Caria, que em 1644 finalmente se liberta do jugo covilhanense, na parte cível³⁸, pois no crime continua a pertencer-lhe, ainda resistiu à primeira reforma administrativa liberal de 1833 que reduziu os concelhos de 796 para 351 e foi sede de concelho até 31/12/1855, data em que os municípios ficam reduzidos a 254 e passou a integrar o de Belmonte. Como o concelho de Belmonte foi extinto em 7/08/1895, Caria passou a pertencer ao concelho da Covilhã até 13/01/1898, altura em voltou a ser restaurado o concelho de Belmonte. Do passado de independência administrativa não se conhecem quaisquer documentos, admitindo-se como provável que os mesmos tenham sido transferidos para a Covilhã aquando da integração de Caria nesse concelho.

Em 23 de Junho de 1860 (Canelo, 1995:23) o Presidente da Câmara Municipal de Belmonte oficia ao Governador Civil de Castelo Branco, pretendendo que passem para a posse da CMB, «além dos rendimentos dos pastos comuns», os bens do extinto concelho de Caria, a saber:

³⁷ Dias, Luís Fernando Carvalho in Lanifícios nº 63 e 64, 1955, in Vargas, Jornal de Belmonte de Julho de 1985.

³⁸ Vargas, J. Manuel, in J.B. Jornal de Belmonte, Dezembro de 1984, página 2 cit. p/ Marques, 2001: Anexo 20.

- «morada de casas de altos e baixos, com um sino onde a Câmara celebrava as suas sessões
- uma outra casa onde se achava a Roda dos Expostos
- um curral, denominado curral do concelho
- um carvalhal denominado do Concelho
- um forno de que é enfiteuta Gregório Pinto de Gouveia, pelo qual paga o foro anual de 1000 reis»³⁹

Covilhã recebeu foral em 1186 e, pelos limites, pode ver-se que era um concelho enorme de onde mais tarde viriam a sair outros como Valhelhas (1188), *Centum Cellas* (1194), Belmonte (1199), Sortelha (1228) e provavelmente Caria (1278?) de uma forma diferente.

A análise dos limites do concelho no foral de Belmonte mostra-nos que Caria não lhe pertencia.

De acordo com as Inquirições Paroquiais havia três locais de defesa em Caria: Casas da Torre (entrincheirada) e outras trincheiras, sendo uma à entrada de S. Sebastião e outra à saída para Santa Ana (seria esta no local hoje conhecido como Largo da Trincheira e que na altura da sua construção ⁴⁰ marcava o limite da povoação).

³⁹ O curral e a Casa da Cadeia irão ser arrematados a José Pires Soares por 121 000 reis e a Casa da Roda a José Domingues por 43 300 reis. (Marques, 2001: Anexo 21)

⁴⁰ 1640, por ordem de D. João IV na guerra da Restauração

MONOGRAFIA DE CARIA

Em 1844, descontentes com a política de Costa Cabral, amotinam-se os militares em Torres Vedras que se instalam na praça de Almeida. Os revoltosos acabarão por ceder ao cerco das tropas fiéis ao governo, comandadas pelo visconde de Fonte Nova.

É nesta altura que o Governador Civil de Castelo Branco oficia ao administrador do concelho no sentido de comunicar ao Regedor de Caria para fazer o seguinte: ⁴¹

1 – Aprender víveres, munições ou correspondência dirigida à dita praça, aprisionando todos os condutores e enviando tudo devidamente escoltado ao General Visconde de Fonte Nova com quartel na Reigada;

2 – Vigiar os viandantes e prender os que não têm passaporte ou são suspeitos;

3 – Capturar qualquer indivíduo armado sem licença de porte de arma;

4 – Capturar os que têm correspondência com os revoltosos de Almeida e enviá-los ao Governo Civil

Caria é elevada a vila em 19/12/1924 através da Lei 1701.

⁴¹ Actas da Junta de Paróquia de Caria, 27/03/1844.

O FORAL DE CARIA

Reis (1959:14) diz que Caria recebeu foral de D. Manuel em 15/12/1512, o que não conseguimos confirmar; consultada a obra «Forais Manuelinos da Beira» de Luiz Fernando de Carvalho Dias, verificamos que o foral aí apresentado na página 68 se refere à localidade do concelho de Moimenta da Beira. Se outra razão não houvesse, bastava referir que, na pena de arma, esse documento menciona que se devem seguir os costumes de Marialva quando, se se tratasse da nossa localidade, deveria indicar os concelhos próximos como Belmonte, Covilhã ou Sortelha.

Sabe-se que a atribuição de cartas de povoamento não era exclusiva dos reis (veja-se o caso do foral de *Centum Cellas*, atribuído em 1194 pelo Bispo de Coimbra) sendo conhecidos vários casos em que foram concedidos por prelados. Terão os Bispos da Guarda dado foral a Caria? Atendendo à origem da povoação somos levados a crer que sim, mas a impossibilidade de consultar os arquivos episcopais não nos permite ter a certeza.

Também o pároco de Caria, ao responder às IP de 1758 refere «como consta dos forais do concelho deste lugar». Uma vez que fala no plural, talvez nessa época existissem dois, sendo que, nesse caso, o segundo deveria ser a confirmação do primeiro.

MONOGRAFIA DE CARIA

Apesar de Caria ter tido regalias idênticas a outros lugares aforados, não estamos em condições de afirmar que esta localidade teve foral, sendo necessárias investigações mais aprofundadas.

EXPLORAÇÃO MINEIRA

Em 1453, por carta régia, foi dada autorização ao bispo da Guarda para «explorar minas e vieiras de chumbo, prata, ouro, estanho, cobre e qualquer outro metal, não apenas na comarca de Caria, mas em todo o reino.» (Serrão, 1990a: 283)

Este documento confirma a importância de Caria, que era comarca e possuía riquezas no seu subsolo e a sua ligação aos Bispos da Guarda.

De acordo com Vargas⁴² as ferrarias de Caria⁴³, das mais antigas do país, foram criadas pelo bispo da Guarda D. Frei João Manuel, tendo obtido em 28 de Junho de 1458, carta de privilégio para si e seus sucessores na mitra; esta concessão foi ampliada por nova carta régia de 17 de Abril de 1461, tendo D. Afonso V alargado a concessão a todo o reino para minas de outra natureza em 1462.

Em Caria, no sítio dos Lameirões, existiu uma separadora de minério (volfrâmio) que terá conhecido o auge por alturas da 2ª Guerra Mundial; nesse período, um pouco por todo o interior beirão, a «febre do minério» trouxe a fortuna a alguns e outros viram melhorar significativamente a sua vida.

Há conhecimento de ter havido exploração de volfrâmio na Retorta ou Picoto e de estanho na Carvalha e na Ribeira das Amoreiras.

⁴² Jornal de Belmonte, Dezembro de 1984.

⁴³ Há pelo menos dois locais conhecidos como ferrarias: a de Lavacolhos e a do Monte do Bispo.

AS INVASÕES FRANCESAS

O Conde Luís Henrique Loison, (13/05/1771-30/12/1816) foi um dos generais de Napoleão que veio a Portugal durante as Invasões francesas. Tendo perdido o braço esquerdo num acidente de caça em 1806, ficou conhecido entre os portugueses pela alcunha de «o Maneta».

Ao tentarmos reconstituir o seu percurso pelo nosso país, verificámos que, depois de ter estado na tomada de Almeida, sai desta praça em 17 de Junho em direcção do Porto, comandando uma pequena força militar. Em 21 do mesmo mês passou o Douro na Régua, sendo atacado por membros das Milícias e das Ordenanças de Trás-os-Montes, nos Padrões de Teixeira, perto de Mesão Frio. O ataque fez com que a força que dirigia fosse obrigada a recuar precipitadamente para Lamego. Forçado a regressar a Almeida, saqueia tudo à sua passagem pelas Beiras. Sabemos que esteve na Guarda, em Alpedrinha, nas Sarzedas e também, de acordo com Reis (1959:27),⁴⁴ em Caria onde terá acampado em 4 de Julho de 1808. Gregório Tavares, Tenente-Coronel do 1.º Regimento de milicianos da Comarca da Covilhã teve «o arrojo de ir com hum piquete observar o inimigo junto ao lugar de Caria, onde tinha acampado». Sofreu muitas baixas (um sexto das suas tropas) nas diversas escaramuças com as populações sublevadas. Embora

⁴⁴ In NEVES, José Accúrsio das, História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino, Tomo IV

MONOGRAFIA DE CARIA

não tenhamos encontrado relatos sobre o assunto, certamente também aqui terá havido pilhagens, pois esta foi uma prática habitual dos invasores. Esteve na batalha de Vimeiro (21/08/1808).

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CONSTRUÍDO

A maioria das edificações importantes construídas em Caria e muitas das casas do Centro Histórico datam do século XVIII, talvez beneficiando da expansão da indústria de lanifícios da Covilhã onde, em 26 de Junho de 1764, foi fundada a Real Fábrica de Panos, uma importante manufactura estatal criada por D. José, em consequência da política de fomento industrial do Marquês de Pombal.⁴⁵

IGREJA MATRIZ

De acordo com Vargas⁴⁶ a primeira igreja de Caria, da qual se não conhece a localização primitiva, deverá ter sido construída por iniciativa de D. Rodrigo quando se fundou a povoação, tendo ficado da invocação de Santa Maria e do padroado episcopal.

Numa lista das igrejas de 1320, elaborada com a finalidade de pagarem a décima da renda eclesiástica a D. Dinis para que o rei trovador pudesse fazer face às despesas militares, Caria aparece taxada em 75 libras.⁴⁷

⁴⁵ Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e Marquês de Pombal (1699-1782) foi Primeiro-ministro de D. José I. Notável estadista, reforçou o absolutismo régio com o objectivo de restabelecer a economia nacional e não ficar dependente da Inglaterra. O terramoto de Lisboa de 1755 propiciou a sua crescente afirmação pessoal, revelando um estadista com visão de futuro.

⁴⁶ Jornal de Belmonte, Dezembro de 1984

⁴⁷ Outras igrejas: S. Tiago de Belmonte (60), Santa Maria de Belmonte (120), Santa Maria de Maçainhas (130), S. Tiago de Olas (130)

MONOGRAFIA DE CARIA

Em 1321 o Catálogo das igrejas do Bispado da Guarda



refere Santa Maria de Caria nas igrejas da Covilhã.

A Igreja tem como Padroeira a Imaculada Conceição. A este propósito convém referir aqui que o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora foi proclamado no dia 8 de Dezembro de 1854 pelo Papa Pio IX através da carta *Ineffabilis Deus*, mas já antes da

proclamação do dogma, no reinado de D. João IV, ele era aceite. O Sínodo Episcopal egitaniense de 1634, no episcopado de D. Frei Lopo de Sequeira, fez juramento de defesa da Imaculada Conceição,⁴⁸ tendo nessa altura muitas paróquias que eram do orago de Nossa Senhora acrescentado «da Conceição».

⁴⁸ Gomes, 1981:467-468

De acordo com as informações do Reverendo Padre André, terá começado a ser construída no séc. XVII, por volta de 1650, sendo terminada em 1701.⁴⁹

Para comemorar o tricentenário da conclusão das obras de construção da Igreja Matriz de Caria foi colocada uma pedra com os seguintes dizeres:

Tricentenário da Igreja Matriz de Caria

Sendo Papa João Paulo II

Bispo D. António dos Santos

Pároco Padre João Saraiva André

18/11/2001

"Duc in altum" - N.M.I.

Duc in altum é um versículo (Lucas, 5, 4) que significa «Faz-te ao largo» - e foi o que Jesus disse a Pedro, incentivando-o a ter fé e a lançar as redes.

NMI é o início da carta Apostólica de João Paulo II «**N**ovo **M**illénio **I**neunte» que significa «No início do novo milénio».

No adro, acabado de construir em 1719 conforme inscrição numa pedra junto à Casa mortuária, podem ainda ver-se quatro das originais 14 cruzes de pedra que representavam as estações da Via-Sacra. As duas que ladeiam a entrada poente são trabalhadas com diversos símbolos (na base apresentam um

⁴⁹ No exterior da Capela-Mor pode ver-se a seguinte inscrição: "O Padre Pedro Álvares Cabral mandou reedificar esta capela no ano 1701 como Prior", o que faz supor que a sua edificação aconteceu alguns anos antes. No interior da Igreja existe uma lápide comemorativa do tricentenário da sua construção com a data de 18 de Novembro de 2001.

MONOGRAFIA DE CARIA

losango com um quadrado inscrito e as letras J.H.S.) e a do lado esquerdo apresenta na haste uma espada, uma esponja, um cálice e um osso como símbolos da Paixão-Morte, uma bandeira da Monarquia e um emblema de Ordem Militar.

A fachada principal, de estilo manuelino, sofreu várias remodelações, na última das quais se colocou uma artística rosácea, dentro da qual podemos observar um vitral de Nossa Senhora da Conceição. Antes existia uma varanda, de onde os nobres assistiam às procissões. Também o campanário era diferente, tendo acesso pelo interior, no local onde hoje se encontra a pia baptismal. A torre, que remata em coruchéu piramidal e mostra quatro relógios, tem sineiras de volta perfeita; na parte inferior mostra dois óculos quadrilobados em cada face, encontrando-se um painel de azulejos com o baptismo de Cristo entre os dois da parede virada a Sul.

À entrada podem ainda ver-se duas pedras tumulares, pertencentes à família Quevedo Pessanha, com as seguintes inscrições:

«Aqui jaz João Taborda de Magalhães Costa Leitão Negreiros. Faleceu tendo 37 anos de idade no dia 20 de Julho de 1855.»

«*Alexandre Caietanus Aragão Mesq hic sepultus jacet, XII Maii Anno Domini 1784*».⁵⁰

⁵⁰ «Aqui jaz sepultado Alexandre Caetano Aragão Mesquita, 12 de Maio do Ano do Senhor de 1784».

Os enterramentos no interior das igrejas, que eram prática comum até meados do século XIX, foram proibidos pelo governo de Costa Cabral em Abril de 1846. As disposições constantes das *leis da saúde* geraram um movimento de rebelião, que ficou conhecido como Revolta da Maria da Fonte em virtude de a principal cabecilha ser oriunda de Fonte Arcada, mas que acabaram por produzir efeitos e a partir dessa data o cemitério foi transferido para o adro.

Em 07/07/1896 «oficia-se aos facultativos de Teixoso e Belmonte para procederem à inspecção do local para o cemitério de Caria» e em 21 do mesmo mês «a Junta de Paróquia de Caria pede de novo a vistoria do local para o cemitério, a planta e subsídio para o mesmo». (Marques, 2001: 231-232)

O cemitério, construído do lado norte da Igreja, foi objecto de obras de ampliação em 1949 e em 1983.

A Igreja, de planta longitudinal, tem portal em arco pleno ladeado por pilastras emolduradas e é composta por Baptistério, Corpo da Igreja, Capela-Mor, Coro e duas sacristias (a das Almas e a Paroquial).

No Baptistério existem uma Pia Baptismal feita de uma pedra única com duas divisões e uma pequena reentrância na parede para as âmbulas dos Santos Óleos e três vitrais, um deles representando o baptismo de Cristo.

MONOGRAFIA DE CARIA

O corpo da Igreja, à semelhança das Sés, tem três naves (em honra da Santíssima Trindade) com quatro tramos. O tecto é sustentado por seis pilares toscanos com arcos plenos representando a infinidade de Deus. Adossado ao pilar do lado do Evangelho mais próximo da capela-mor e assente em coluna, encontra-se um púlpito rococó com guarda de talha dourada e motivos vegetais.

No tecto da Capela-Mor existem 36 caixotões de talha dourada dedicados a Nossa Senhora. Começando pelo que está colocado por cima da entrada para a Sacristia Paroquial e da direita para a esquerda, temos:

- 1 – *Talam. Sponsi* [Tálamo do Esposo]
- 2 – *Hortus conclusus* [Jardim fechado]
- 3 – *Templum S. Sancti* [Templo do Espírito Santo]
- 4 – *Columba Noe* [Pomba de Noé]
- 5 – *Navis instit[uta]* [Navio Seguro]
- 6 – *Candelabrum* [dos sete dons]
- 7 – *Libanus* [Líbano - lugar de delícias]
- 8 – *Fons pariens* [Fonte que deu à luz Um Filho e n'Ele outros filhos]
- 9 – *Arca Testamenti* [Arca do Testamento]
- 10- *Speculum sine macula* [Espelho sem mácula]
- 11- *Favus distilans* [Favo de mel a destilar]
- 12- *Aurora*

- 13- *Oliva producens* [Oliveira frutífera]⁵¹
14- *Cedrus Propit[tius]* [Cedro acolhedor]⁵²
15- *Virga Aaraonis* [Vara de Aarão que, miraculosamente, num instante se encheu de folhas para indicar ser ele o escolhido por Deus]
16- *Liber Scriptus* [Livro escrito]
17- *Arcus Dei* [Arco de Deus]⁵³
18- *Electa ut Sol* [Eleita como o sol]
19- *Cypressus* [Cipreste nas alturas do Hermon] ⁵⁴
20- *Platanus* [dourado] [Beleza Real] ⁵⁵
21- *Vitis abundans* [Videira abundante]
22- *Lapis Diva* [Pedra preciosa]
23- *Corona exultat [Regem]* [Coroa que exulta o Rei]
24- *Pulchra ut luna* [Pura como a lua]
25- *Urna Aurea* [Vaso de oiro]
26- *Puteus Aquae [salientis in Vitam Eternam]* [Poço de água que corre para a vida eterna]
27- *Plantata Rosa [a Deo]* [Rosa plantada por Deus]
28- *Scala caeli* [Escada do céu]
29- *Lilium distilans* [Lírio de suave perfume]
30- *Stela matutina* [Estrela da Manhã]
31- *Domus Domini* [Casa do Senhor]

⁵¹ Eclesiastes, 24:14

⁵² Eclesiastes, 24:13

⁵³ Arco-íris que une o Céu e a Terra

⁵⁴ Eclesiastes ou Bem-Sirá, 24:14 ou Ezequiel, 17:22

⁵⁵ Eclesiastes, 24:14

MONOGRAFIA DE CARIA

32- *Porta caeli* [Porta do Céu]

33- *Turris David* [Torre de David]

34- *Civitas Re[gis]* [Cidade do Rei]

35- *Domus Pro[pitia]* [Casa propícia]

36- *Urbs F.[ortis]* [Cidade forte]



Pormenor⁵⁶ do tecto da Capela-Mor – Foto M. Tomás

⁵⁶ Caixotões 15, 16, 9, 10, 3 e 4.

O Altar-Mor, em talha dourada, apresenta colunas torsas decoradas com pâmpanos e tem as imagens da Imaculada Conceição de Nossa Senhora (em trono de quatro degraus), do Menino Jesus, de Nossa Senhora de Fátima e de São José.

Os retábulos colaterais são dedicados ao Sagrado Coração de Jesus (do lado direito) e a Cristo Crucificado (do lado esquerdo). São em talha policromada e o nicho é ladeado por colunas e pilastras que se prolongam em duas arquivoltas com a união a ser feita por um anjo. Na base os retábulos apresentam sacrário com cálice e hóstia, sendo o altar decorado com folhas de acanto.

Nas mísulas colocadas nas paredes laterais podemos ver as imagens de Nossa Senhora do Carmo, São Marcos, São Sebastião, Nossa Senhora das Graças, Santa Eufémia, São João Baptista.

O altar «*versus populo*», de granito, e o ambom para a proclamação da Palavra de Deus, assinalam a transformação litúrgica do Concílio Vaticano II em 1965.

Os mosaicos, de estilo seiscentista, foram mandados colocar pela benemérita Condessa de Caria, Sr.^a D. Maria Emília Vieira Mendes Machado d'Almeida, aquando das obras de restauração em 1958, sendo Pároco o Padre José Ramos.

MONOGRAFIA DE CARIA

Na capela-mor, do lado esquerdo, existe uma pedra que o Rev. Padre André julga ter pertencido a uma antiga capela deste lugar. Encontra-se na 2ª pedra da 2ª escada e tem a seguinte inscrição:

<i>IV S. A.</i>	Quarto Século Ano
<i>Domini. I.</i>	do Senhor Jesus
<i>Christi</i> (ilegível)	Cristo : (ilegível)
(Ano) : (ilegível)	Ano : (ilegível)

No plano do altar-mor, sob a alcatifa, o Pároco de Caria descobriu uma inscrição que ao arqueólogo António Marques, a quem foi mostrada, pareceu ser da época romana.

Na sacristia paroquial, onde se guardam os paramentos, encontramos um crucifixo, as imagens de Nossa Senhora Rainha do Mundo, Santa Teresinha do Menino Jesus e São José e um lavabo com um nicho em pedra. O tecto está dividido em 12 quadros dedicados aos Apóstolos⁵⁷ que foram mandados pintar pelo Pároco António dos Reis em 1807. De salientar a figura de S. Pedro, rodeada da seguinte inscrição:

⁵⁷ Curiosamente, no lugar do Apóstolo Judas Iscariotes aparece S. Paulo.

«Tibi dabo Claves.

Pasce Oves meas.

Confirma fratres tuos.

Super hanc petram edificabo Eccl. Mea.

S. Petrus Princeps Apostolorum.»⁵⁸



Apóstolos S. Bartolomeu, S. Mateus, S. Tomé, S. Tiago, S. Judas Tadeu e S. Simão no tecto da sacristia paroquial. (Foto M. Tomás)

⁵⁸Dar-te-ei as chaves [do Reino dos Céus]. Apascenta as minhas ovelhas. Confirma na fé os teus irmãos. Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. S. Pedro, Príncipe dos Apóstolos.

MONOGRAFIA DE CARIA

Nesta sacristia, também conhecida como sacristia do Santíssimo, existe um quadro com uma Bênção do Papa Bento XIV cujo teor é o seguinte:

«A instância dos Irmãos da Irmandade das Almas desta Igreja de Caria, em 15 de Março do Anno 1758, concedo as indulgências perpétuas que abaixo se declaram; e como tudo melhor consta dos Indultos da Sé Apostólica, expedidas em Breve, que se acham apenas com Sentença de Ordem, no Livro de Compromisso da dita Irmandade.

Primeiramente

Todos os altares desta Igreja de Caria são privilegiados para sempre, todas as vezes que neles celebrarem a Santa Missa, qualquer sacerdote pelas Almas dos Irmãos desta Irmandade das Almas.

Sumário das Indulgências Perpétuas

1º No dia do ingresso na Irmandade, se penitentes se confessarem e comungarem ganhão indulgência plenária.

2º Os Irmãos da irmandade, que existirem e os que adiante forem; em qualquer artigo de morte Se se confessarem e comungarem; e, não podendo confessar-se, invocarem o S. S.

Nome de Jesus, ao menos com o Coração, não podendo com a boca, Indulgência Plenária.

3º Todos os Confrades, que no dia da Festa Principal da Irmandade, que é o dia da Visitação de Nossa Senhora, a dous de Julho, que visitarem a Igreja, ou cappela da Irmandade, desde as primeiras Vésperas até ao por do sol, no dia da Festa; contritos, confessados e comungados, rogarem pela paz e concórdia dos príncipes Cristãos, extirpação das heresias e exaltação da Santa Madre Igreja. Indulgência Plenária e remissão de todos os Seus pecados.

4º Todos os Confrades, que nos dias eleitos, que são o dia de Santa Inês, Virgem e Mártir, a 21 de Janeiro. =Dia da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Dia da Assunção da Senhora a 15 de Agosto. = E dia da Festividade a de Todos os Santos. Contritos, Confessados e Comungados visitarem a dita Igreja ou Cappela, como acima se declara. Sette annos e 7 quarentenas.

5º Todas as vezes que assistirem na sobredita Igreja ou Cappela, às Missas, Offícios Divinos; às Congregações públicas ou particulares da Confraria. = Hospedarem os pobres. = Compozerm inimizadas e os pozerem ou fizerem pôr em paz. = Acompanharem os Defuntos. = Assistirem às Procissões; e acompanharem o S.S. Sacramento. E não podendo, rezarem um Padre Nosso e uma Ave-Maria pelas almas dos Irmãos Defuntos da dita Irmandade. =Reduzirem algum pecador a viver ajustado; e ensinarem a Doutrina Cristã, ou fizerem alguma outra obra de

MONOGRAFIA DE CARIA

piedade ou caridade. Ganham por cada uma das obras: Settenta dias de Indulgência.

As quais ditas indulgências quer Sua Santidade: sejam perpétuas.»

A Sacristia das Almas guarda as opas, as lanternas e as bandeiras usadas nas procissões e tem imagens de Cristo no Sepulcro, do Senhor dos Passos, de S. João Evangelista e de Nossa Senhora Rainha do Mundo que foi encontrada num silvado junto da Capela de Santo António. Aí se encontram também um quadro feito numa única tábuia com a inscrição «*Ecce Homo*».⁵⁹

O tecto é pintado com símbolos da Paixão do Senhor⁶⁰ e nas paredes podem ver-se quadros representando cenas da Via-Sacra.⁶¹

Nesta sacristia encontra-se uma pedra que servia de apoio à cruz de Cristo, na Sexta-Feira Santa, quando os sacerdotes, representando Nicodemos e João de Arimateia, desciam o Divino Crucificado. No centro da Capela-Mor, onde está o genuflexório, encontra-se um orifício onde assentava essa CRUZ.

⁵⁹ Eis o Homem.

⁶⁰ A pintura foi restaurada em 1958.

⁶¹ Primeira queda de Jesus transportando a Cruz, Encontro de Jesus com Sua mãe, Segunda queda de Jesus e Chegada de Jesus ao alto do Calvário.

Como o estandarte romano que abria o cortejo dos condenados à morte, também o da Irmandade das Almas, que se encontra nesta sacristia e acompanha o Enterro do Senhor⁶², apresenta as letras SPQR que indicam os autores da sentença dada: «*Senatus Populusque Romanus*» (O Senado e o Povo Romano).

⁶² Quando este cortejo se realiza na Quinta-feira Santa, o estandarte sai na posição vertical, mas se for na Sexta-feira Santa, então ele é transportado horizontalmente por quatro irmãos que o seguram pelas pontas.

MONOGRAFIA DE CARIA

CASAS DA TORRE

É uma habitação do século XIV com características arquitectónicas militares. Foi mandada edificar por D. Martinho II, bispo da Guarda e senhor de Caria.

Serviu de residência paroquial no tempo do Padre José Ramos. Muitos dos livros que lá existiam foram cedidos pelo Eng.º Pinto Bastos e transferidos para o arquivo paroquial.

De norte e nascente é cercada de restos das antigas muralhas de defesa deste lugar, havendo também um fosso do lado norte ligado a operações de resistência aos invasores. (André)

Diz Pedrosa (2000:87-88) que «exibe uma planta em L irregular⁶³, três registos, três panos, sendo no central que se situa a antiga torre e vãos colocados simetricamente na fachada principal.» Restam ainda alguns vestígios de uma fortaleza de planta trapezoidal e «de três baluartes e cisterna no interior do recinto. Entre as suas características destacam-se uma porta de arco quebrado (na fachada posterior), as janelas de guilhotina e a cornija de granito.»

De acordo com o seu último proprietário⁶⁴ a provável antiga ligação por caminho entre os castros da Serra da Esperança e do cabeço de S. Giraldo que aqui passava terá sido mais tarde aproveitada pela via romana. Para guarda desta terá

⁶³ Originalmente planta rectangular, foi modificada por adaptações posteriores.

⁶⁴ Bastos, Carlos Pinto in Jornal de Belmonte de Outubro de 1985

sido construída no cimo do cabeço da Caria uma torre de vigia sobre cujas ruínas mais tarde os bispos da Guarda mandaram edificar a sua residência de Verão. O edifício, conhecido como Casa da Torre, é talvez o mais emblemático desta localidade e o seu nome parece confirmar a existência nesse local de uma antiga torre.

Possui uma inscrição em grandes letras maiúsculas (unciais) gravada na parede de tardo, ao lado da porta ogival:

ESTA CASA FOI FEITA NA ERA DE MCCCCLX ⁶⁵
NO TEMPO DO BISPO D. MARTINHO
E ELA NUNCA A VIVEU.
AFONSO PEREZ FOI O MESTRE.
FREI MARTINHO, FRADE
D'ALCOBAÇA, A FEZ.

Sofreu obras de restauro em 1792, como pode ver-se numa enigmática inscrição em latim na torça da porta de entrada que diz (Marques, Anexo 2):

*Mille Dolis victis domus
est haeC Condita quando
X indiCat et major
ltera quaeque tibl ⁶⁶*

⁶⁵ Corresponde ao ano 1322 da Era de Cristo

⁶⁶ «Esta casa foi construída quando indica a incógnita X e as letras maiores também te indicam», o que dá a data de 1792 se juntarmos as letras maiúsculas pela ordem em que aparecem na inscrição latina (MDCCXCII).

MONOGRAFIA DE CARIA

Tem um amplo logradouro conhecido pelo nome de Cais provavelmente por sinonímia de aspecto, que, noutros tempos, teve uma escadaria directamente para o largo.

Segundo as Inquirições Paroquiais, as Casas da Torre, com todos os prédios, terão sido «doadas [...] ou emprazadas por um Senhor Bispo deste Bispado de quem eram, a um seu parente». Sabe-se que nessa data (1758) eram prazo de Francisco Xavier Mendonça, Capitão-mor da Vila do Sardoal, o qual «há pouco fez Património a um seu filho, para se ordenar Clérigo, a título dele» mas continua a reconhecer a Mitra «todos os anos, com dezoito alqueires de azeite».

Foi recentemente adquirida pela Câmara Municipal de Belmonte (finalmente!) ao Sr. Engenheiro Pinto Bastos, desconhecendo-se a sua futura utilização. Espera-se que seja aberto um debate público de modo a que a população de Caria tenha participação activa no destino deste imóvel tão antigo e cheio de história.

SOLAR QUEVEDO PESSANHA



Brasão no solar Quevedo Pessanha

Num dos cunhais deste edifício de estilo joanino encontram-se as armas da família, sendo o brasão, que difere dos que se encontram no interior, encimado por uma figura decepada que ostenta uma bandeira.⁶⁷

⁶⁷ A tradição liga a família dos Pessanhas, Almeidas e Moçâmedes a Duarte de Almeida, o célebre alferes da bandeira, a quem estava confiado o estandarte real de D. Afonso V, herói da Batalha de Toro (1 de Março de 1476).

MONOGRAFIA DE CARIA

Os novos conceitos do Renascimento (equilíbrio, harmonia, beleza) e as alterações introduzidas pelo Maneirismo (deturpação deliberada das regras, ambiguidade, simulação, simbologia oculta) são bem visíveis neste edifício.

O portal e as janelas são em arco abatido com frontão curvo interrompido com concheado central. A concha (ou vieira), símbolo dos peregrinos que percorrem o caminho de Santiago,⁶⁸ aparece também no portão.

O solar é constituído por rés-do-chão, 1 ° andar e sótão.

O Rés-do-chão, que depois de 1974 abrigou vários retornados das ex-colónias, funcionou desde 1984 até Setembro de 2004, como Centro de Dia,⁶⁹ graças à generosidade da família Quevedo Pessanha que já tinha doado o terreno para a instalação do Jardim-de-infância Girassol.

No 1 ° andar há dois salões grandes, um menor, uma cozinha, três quartos e duas casas de banho, uma das quais de construção recente.

O sótão, bastante degradado, era outrora destinado aos criados.

⁶⁸ A concha costuma ser usada para beber águas nas múltiplas fontes que se encontram no caminho para Compostela. Significa protecção e busca de conhecimento e deve ser devolvida ao mar no fim da peregrinação.

⁶⁹ Abriu em 13 de Janeiro com 27 utentes, sendo dirigido pela Comissão Fabriqueira da Igreja de Caria que, em conjunto com alguns populares, cantaram as janeiras e arrecadaram 62600\$00, verba que reverteu para o Centro fazer face às primeiras necessidades.

No interior encontram-se alguns azulejos e os tectos são em madeira trabalhada, alguns deles ostentando o brasão da família.

No jardim do solar, que parece ter sido muito belo, pode ver-se um banco em granito e azulejos.

Segundo informações do Dr. Vasco Quevedo Pessanha, actual proprietário, terá sido construído na primeira metade do século XVIII por:

- António Monteiro de Távora cc D. Maria Gomes de Azevedo ou
- António Monteiro Mesquita de Távora ⁷⁰ (primo em 2º grau do anterior) cc D. Inês Engrácia do Rego

O primeiro casal referido teve um filho (Alexandre Caetano Gusmão (ou Aragão) Mesquita Cabral que casou com uma filha do segundo casal e se chamava D. Rosa Antónia.

Do casamento de Alexandre Caetano com D. Rosa Antónia nasceram duas filhas:

- Maria Victória Mesquita Gusmão Cabral
- Teresa Violante Gusmão Cabral

⁷⁰ Membro da Ordem de Cristo (1723), capitão de cavalaria (1724) e Capitão-mor do Sabugal (1736)

MONOGRAFIA DE CARIA

A propriedade do solar passou para a filha mais velha, Maria Victória, que casou com António de Gouveia Araújo Coutinho⁷¹. Desse casamento nasceram 4 filhos:

- D. Maria José que casou com Caetano Saraiva de Quevedo⁷²
- D. Josefa Adelaide que faleceu solteira e sem geração
- António José, falecido sem geração
- José Maria, que casou com D. Maria Antónia Saraiva de Quevedo⁷³; morreu novo sem ter deixado descendência

Assim, o solar de Caria ficou a pertencer exclusivamente a D. Maria José que fica viúva em 1834, casando depois com Francisco Ayres Gouveia Pereira Coelho e falecendo em 1870.

A sua descendência resulta apenas do primeiro casamento:

- António Saraiva Gouveia Coutinho, que faleceu solteiro em 1870
- D. Maria do Carmo cc Júlio César de Faria Coutinho
- Maria dos Prazeres, que morreu solteira e sem geração
- Sebastião, que morreu solteiro e sem geração

⁷¹ Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1784 foi nomeado por D. Maria I para Corregedor da Comarca da Guarda, em 1801 era Corregedor da Comarca de Lamego, em 1807 Desembargador da Relação do Porto, em 1823 Corregedor Civil da Corte e em 1825 Desembargador de Casa da Suplicação, Comendador da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real por Carta de Privilégio de D. João VI

⁷² Senhor da Quinta do Ferro (Trancoso)

⁷³ Irmã de Caetano Saraiva de Quevedo.

Maria do Carmo e Júlio César tiveram duas filhas:

- D. Virgínia Adelaide cc seu primo direito Francisco Pessanha Vilhegas do Casal
- D. Maria Carlota cc Vasco Luís de Carvalho Pessanha, senhor do solar Pessanha em Figueiró, Viseu, para onde foi viver D. Maria do Carmo depois de enviudar e aí faleceu em 1890.

Deste casamento nasceu uma única filha em 1886, D. Maria das Mercês Saraiva de Quevedo Pessanha. Foi casada com o Dr. Armando Marinho da Cunha, de quem não teve descendência e faleceu em 1980 na sua casa de Figueiró, herdada de seu pai.

A ela sucedeu o bisneto de seus tios D. Virgínia Adelaide e Francisco, seu primo e afilhado Vasco Luís Schulthess de Quevedo Pessanha, nascido em Lisboa em 1940.

O solar é vulgarmente conhecido como Casa da Fidalga por se ter transmitido em herança, durante 6 gerações, por via feminina:

- 1 – D. Rosa Antónia Mesquita de Távora Gusmão Cabral
- 2 – D. Maria da Victória Mesquita Gusmão Cabral
- 3 – D. Maria José Mesquita Gusmão Cabral Saraiva de Quevedo
- 4 – D. Maria do Carmo Saraiva de Quevedo
- 5 – D. Maria Carlota Saraiva de Quevedo
- 6 – D. Maria das Mercês Saraiva de Quevedo Pessanha

MONOGRAFIA DE CARIA

SOLAR DOS CONDES

É um palácio de estilo neoclássico construído no início do século XX.⁷⁴

As armas dos Condes de Caria, por cima da porta principal, são realçadas pela elevação curvilínea do friso superior do frontispício.

Recentemente adquirido pelo Sr. Manuel Gouveia, sofreu importantes obras de restauro interior.

O solar, com comunicação directa para a rua, fica no entanto no interior de um espaço murado (Cerca do Conde) recentemente dividida e em parte loteada pelo seu novo proprietário.

Possui uma capela particular dedicada à Imaculada Conceição de Nossa Senhora.



Solar dos Condes – Foto CMB

⁷⁴ Conta-nos o Sr. Manuel Martins Ribeiro que ajudou a fazer o brasão dos Condes sob as ordens de um mestre de Alcains. Este canteiro fez também os brasões de Inguias e Caria e o padrão dos Descobrimentos que se encontra em Belmonte em frente à estátua de Pedro Álvares Cabral e é uma réplica daquele que os Portugueses em 1500 colocaram em terras de Vera Cruz.

PALACETES DOS VISCONDES DE TINALHAS

Na Rua Direita nº 13 encontra-se um edifício barroco de dois pisos que é pertença do Visconde de Tinalhas (de quem o actual inquilino e também seu pai foram feitores).

Sobre a porta principal observa-se um frontão interrompido, destacando-se ao centro uma pinha, encimado por um óculo.

A sua localização na mais antiga artéria da localidade e em frente da Casa das Caras dão a este imóvel uma importância ainda não totalmente conhecida, o que justificaria um estudo mais aprofundado.

Um outro edifício, conhecido como «casão» ou «casarão» e com uma capela particular de frontaria joanina dedicada a Santa Constança que terá pertencido aos Viscondes de Tinalhas, foi recentemente adquirida pela Srª D. Amélia Mourão.

MONOGRAFIA DE CARIA

CASA DA RODA



Casa da Roda – Foto ACRC/Mário Tomás

A assistência a prestar às crianças órfãs ou abandonadas começou por ser função das Misericórdias mas, com o agravar da situação no século XVIII, são criadas em diversas vilas e cidades do reino as Casas da Roda com a finalidade de evitar os infanticídios, uma prática que era então frequente.

As crianças eram geralmente abandonadas às portas das igrejas, estando a assistência aos expostos confiada às câmaras dos respectivos concelhos e transitou no século XVI para as Misericórdias, à medida que estas se iam fundando. Havia

ermitões que percorriam o país e recolhiam as crianças abandonadas nas ruas e em risco de serem devoradas pelos animais. As rodas eram uns cilindros giratórios abertos num lado e colocados verticalmente nas portarias dos conventos a fim de se receberem ali objectos sem haver contacto directo com o exterior, preservando assim o anonimato e foi aí que começaram a abandonar as crianças a partir do século XVI. Este costume foi reconhecido oficialmente por D. Maria I por circular de 24 de Março de 1783. Este documento determinava que houvesse Casas da Roda em todas as cidades e vilas do reino situadas em lugar discreto para que os que expunham as crianças o pudessem fazer sem risco de serem reconhecidos; mais acrescentava que aí devia haver sempre uma Rodeira, dia e noite, a fim de poder receber os expostos aos quais era atribuído o nome do santo venerado no dia em que era recolhido. Nenhum inquérito era feito para encontrar os pais da criança mas estes podiam reclamar em qualquer altura os filhos abandonados. Guardava-se e registava-se tudo o que as crianças traziam. Até aos 7 anos as crianças ficavam entregues às amas, após o que regressavam ao hospício onde permaneciam até aos 12, sendo depois entregues como criados a quem pagasse mais, mas continuavam até aos 21 anos sob a protecção do Juiz dos Órfãos. (Joel Serrão, 511-512)

MONOGRAFIA DE CARIA

A Casa da Roda de Caria fica situada em local pouco concorrido junto à Rua do Reduto. Por cima de uma pequena janela com grades aparece inscrita a data de 1784, sendo uma das primeiras a ser criadas.

Em 1845 era a seguinte a Relação das Almas dos Expostos da Vila de Caria: Maria Ribeiro, Maria Teresa, Maria Perpétua, Rosa Gabriela, Maria Joaquina e Maria dos Santos.

CASA DAS CARAS



Casa das Caras – Foto ACRC/Mário Tomás

Foi propriedade do Visconde de Tinalhas e hoje pertence aos herdeiros de António Tomás.

Faz esquina com a Rua Direita e a Travessa do Poço; é um edifício reconstruído há poucos anos e que ficou completamente descaracterizado, mas que ainda ostenta, embora deslocadas do local primitivo, as cinco pedras originais salientes, tipo cachorros, três ao nível do 1º piso e as outras duas no andar superior; uma delas representa a cabeça de uma serpente e outra parece representar o nascimento de um

MONOGRAFIA DE CARIA

homem⁷⁵; talvez por isso se diga em Caria que foi aqui que a vila nasceu.

Enquanto André descreve cinco pedras (cariátide de jovem de bruços, cabeça de cachorro, carranca, cabeça de cobra e misula indefinida) Marques refere apenas as três primeiras: cabeça e corpo de homem a nascer, crocodilo e cabeça de mulher.

De acordo com Marques (2001: 307) uma casa do estilo desta, conhecida como Casa do Paço ou Paço de D. Loba, pode ver-se em Fonte Arcada, próximo da barragem de Vilar no rio Távora, admitindo-se que esta povoação seja a reconstrução de uma outra em local próximo e em época pré-nacional que era conhecida pelo nome de Caria.⁷⁶

⁷⁵ Verifiquei há dias (início de 2003) que esta se encontra decapitada (ao que parece provocada pela passagem de uma camioneta) encontrando-se a cabeça à guarda do proprietário.

⁷⁶ Esta referência não tem relação com a nossa vila, mas sim com Caria do concelho de Moimenta da Beira, aliás próxima da localidade de Fonte Arcada. As confusões entre as duas localidades avolumam-se, até porque existe, próximo de Fonte da Arcada, um lugar conhecido como Toca da Moura, topónimo que também existe na nossa terra.

CASA DA CÂMARA

Foi propriedade dos Viscondes de Tinalhas e hoje é



pertença dos herdeiros de Esperança Dâmaso. Fica no número 16 da Rua Direita e apresenta duas janelas muito diferentes na sua arquitectura, o que pode significar serem de épocas distintas⁷⁷. A do

lado esquerdo apresenta ombreiras biseladas e um lintel quadrilobado com três semiesferas em cada um. Na do lado direito as ombreiras formam colunelos e o lintel é semicircular com dois vãos.

Há quem considere que foi aqui que funcionou a Câmara do Concelho de Caria e há quem defenda que foi na Casa das Caras, próximo desta. Segundo Marques (2001: Anexo 20) uma, sem dizer qual, terá sido Casa da Câmara do Concelho de Caria e outra a Câmara da Sede dos Bispos da Guarda que aqui residiram antes da construção das Casas da Torre.

⁷⁷Marques (2001: Anexo 20) refere-se a elas como a janela adintelada e a janela de arco meio ponto.

MONOGRAFIA DE CARIA

Sendo Quinhentista a casa do nº 16, acredito que esta terá sido a Câmara do Concelho e, sendo mais antiga a Casa das Caras, terá sido aqui a Casa da Câmara Episcopal.

Pelo valor arquitectónico da fachada principal e pela sua importância na história da autonomia desta terra, somos de opinião que este imóvel deveria ser adquirido pela autarquia a fim de aí se instalar um museu ou outro serviço público.

NICHOS

Restam três e eram estações da Via-Sacra; encontram-se na Rua do Poço, na Rua Coronel José Martins Cameira e no Largo de Santo António junto à capela. Representam o Encontro de Maria Santíssima com Jesus, a Verónica e o Calvário. Os que faltam deveriam encontrar-se no perímetro definido pelos ainda existentes. Em 1987 foram revestidos de azulejos executados pela Fábrica Aleluia de Aveiro.

CAPELAS

SANTO ANTÓNIO ⁷⁸

A Capela de Santo António fica adossada à muralha, num dos baluartes da antiga fortaleza, no ponto mais alto da vila e onde parece ter havido ocupação romana. Apresenta planta longitudinal simples com nártex alpendrado, no qual se encontra um púlpito; está assente em pilares quadrados e socos almofadados (6+2). O portal é em arco pleno e a cobertura interna, de madeira, é em masseira.

No exterior, junto a uma das paredes laterais, existe um passo da Via-sacra representando a crucificação.

A inscrição nela existente (1767 Costa) deve referir-se à data da abertura da janela e ao seu autor, uma vez que a capela já existia em 1758, como é indicado nas IP; foi reparada em 1984/85, sendo Pároco o Padre João Saraiva André.

⁷⁸ Santo António, cuja festa se comemora a 13 de Junho, nasceu em Lisboa em 1195, faleceu em Pádua em 1231 e foi canonizado em 1232. Emérito pregador, por causa dos seus sermões a Igreja Católica Romana reconhece-o como doutor. É representado com o Menino Jesus ao colo e um lírio na mão.

MONOGRAFIA DE CARIA

No altar está uma imagem de Santo António e em pequenas mísulas nas paredes estão São Francisco Xavier (lado direito) e São Bento⁷⁹ (lado esquerdo).

Na sacristia há uma arca de pedra que serve para arrumações e sobre a qual se encontram alguns objectos



antigos. Aqui foi feita abusivamente pelos antigos possuidores das Casas da Torre uma passagem, agora tapada com o acordo do pároco e do Eng.º Pinto Bastos.

Serviu de casa mortuária de 1987 até 2000, tendo as instalações da nova casa mortuária sido benzidas em 22 de Outubro.

Em 27/6/1986 colocou-se no exterior uma cruz de pedra que se encontrava na Casa das Almas e que era uma peça da antiga capela de S. Marcos. Há também quem diga que esta cruz encimava a Igreja Paroquial.

⁷⁹ Ou Benedito, nasceu em Núrsia na Umbria cerca de 480 e morreu no Monte Cassino cerca de 547. Festeja-se a 11 de Julho e os seus símbolos são um cálice quebrado e um corvo. Paulo VI declarou-o patrono da Europa.

S. MARCOS⁸⁰

Terá existido onde hoje é o jardim público, sabendo-se pelas IP que em 1758 se encontrava fora do povo. Diz-se que muitas das pedras da capela original foram aproveitadas para a construção da Escola de S. Marcos e do muro da estrada⁸¹. Várias pessoas testemunharam ao Padre André que se lembram de a ver servir ao culto, concluindo que ainda estava de pé em 1934; ora como a Escola (de S. Marcos) foi construída antes, não podem as pedras da capela fazer parte da Escola, o mesmo já não se podendo dizer do muro da estrada. Ainda segundo o mesmo pároco a C. M. de Belmonte ter-se-á comprometido a construir a capela noutro local; tendo-se dirigido à C.M.B. para tratar do assunto foi o Sr. Prior informado pelo Presidente A. Júlio Garcia que os documentos (actas?) tinham desaparecido. A capela constava de alpendre, púlpito e corpo da capela. A imagem de S. Marcos foi alienada pelo Pároco Padre José Ramos. O Missal de S. Marcos está na Sacristia Paroquial da Igreja de Caria.

⁸⁰ Um dos quatro evangelistas, viveu no século I e a sua data festiva comemora-se a 25 de Abril. O seu símbolo é um leão alado.

⁸¹ É frequente em Caria encontrarem-se casas e muros com pedras que, pelo seu aspecto, terão pertencido a outras construções, talvez muralhas.

MONOGRAFIA DE CARIA

S. DOMINGOS⁸²



Capela muito antiga, esteve completamente abandonada e praticamente destruída durante mais de 60 anos (diz quem se lembra que já em 1925, quando foi construída a de Santo António, esta se encontrava em ruínas); foi

reconstruída quando era Pároco o Reverendo Padre João Saraiva André que aí celebrou a 1ª Missa após a reconstrução em 31 de Agosto de 1988. O muro que circunda a capela e o recinto foi concluído em 28/6/1986. Em 20 de Novembro desse mesmo ano foi ali benzida a imagem de Nossa Senhora de Fátima e colocado um terço nas mãos de São Domingos. A frontaria da capela terminava em dois pináculos de pedra, apenas tendo sido encontrado um nas escavações, pelo que o mesmo foi colocado sobre o morro de pedra do lado esquerdo da capela. Após a reconstrução da capela e quando se procedia à construção do muro do recinto foram encontradas

⁸² Fundador da Ordem dos Pregadores, nasceu em Calaruega em 1170 e morreu em Bolonha em 1221. Canonizado em 1224, a sua data festiva é a 7 de Agosto. Os seus símbolos são uma estrela e um cão com um archote na boca.

duas pedras que deveriam ter sido a terminação de duas colunas de pedra e que então foram utilizadas como suporte da credência e do altar.

Era a capela mais antiga da povoação e diz-se ter sido a capela do povoamento primitivo deste lugar.

SANTO ANTÃO⁸³



É a capela mais recente e foi construída em 1925, como consta da inscrição na base da cruz da frontaria, sendo beneficiada em 1984 com obras financiadas

pelas Comissões de Festas de 1982, 1983 e 1984. O muro do recinto foi construído em 1930. O local e a capela foram oferta do Senhor Visconde de Tinalhas. Em 1988 foi arrombada a porta da capela, tendo sido furtados um crucifixo de madeira dourada, duas colunas salomónicas do altar, duas almofadas que serviam de base às colunas e que tinham dois serafins esculpidos.

⁸³ Eremita, nasceu perto de Mênfis em 251 e morreu no Monte Colzino em 356. Festeja-se a 17 de Janeiro, sendo representado com um porco e um sino.

MONOGRAFIA DE CARIA

O culto de Santo Antão, padroeiro dos lavradores e a quem estes imploravam pelo bem dos animais domésticos, encontra-se entranhado nas populações desta zona, havendo romarias em Belmonte, Colmeal, Teixoso, Benespera, Boidobra, Sortelha, Aldeia do Mato, Aldeia Velha, Bendada...

Uma das primeiras Ordens a estabelecer-se foi a dos Cónegos de Santo Antão. O convento mais antigo é o de Santo Antão de Benespera do início do século XII. Dedicavam-se à cura da lepra e de uma erisipela conhecida como «fogo de Santo Antão» ou «fogo de Deus».

SANTA ANA⁸⁴

Já existia em 1758, como referem as IP, encontrando-se nessa época fora do povo.

Reconstruída em 1980 (diminuiu-se o comprimento e reconstruiu-se a fachada quando se alargou a curva da estrada) tem as imagens de Santa Ana, São Joaquim e a primitiva imagem da Imaculada Conceição. Notam-se traços de estilo Renascença, sendo a porta em arco abatido.

Aí era guardada a imagem de Santo Antão na véspera da sua festa.

Foi algumas vezes utilizada como capela mortuária.

⁸⁴ Mãe da Virgem Maria, a sua data festiva é a 26 de Julho.

S. SEBASTIÃO⁸⁵

Referida nas Inquirições Paroquiais de 1758, dizia-se ficar «na entrada do lugan», mas desconhece-se a sua localização exacta que, atendendo à dimensão da povoação, que se deduz do documento acima referido, só poderia ser entre a ponte do mesmo nome e a capela de Santa Constança. O Padre André indica como possibilidade um local junto da Escola da Fonte do Ruivo; olhando ao traçado da estrada que à saída da ponte vira à esquerda para logo flectir à direita e retomar a mesma direcção, e porque não havia construções no local, a hipótese de a antiga capela se localizar entre a ponte e a escola é muito forte.

O culto a S. Sebastião deve ser muito antigo e com tradição nesta localidade, pois ainda hoje, no domingo gordo, se continua a realizar a festa deste santo mártir do qual existe uma imagem na Igreja Matriz; além disso, S. Sebastião foi nome de rua e é também nome de ribeira e de ponte.

⁸⁵ Festeja-se a 20 de Janeiro, sendo desconhecidos os locais e datas do nascimento e da morte. Foi um dos primeiros mártires e o seu símbolo é uma seta.

MONOGRAFIA DE CARIA

ESPÍRITO SANTO

A festa do Espírito Santo sempre esteve enraizada na tradição popular, sendo das mais queridas do povo. A capela, atendendo às dimensões actuais do edifício, deve ter sido muito importante. No dia da sua festa a ela acorriam muitos fiéis.

Ficava no local onde hoje é o Posto Médico, podendo ainda ver-se na parte de trás a sineta original.

A crer em algumas informações⁸⁶ em 1900 ainda era capela; como, aquando da Concordata, o Pároco de Caria não a reclamou, passou para o domínio secular um edifício com história que era pertença da Igreja.

Mais tarde funcionou como escola e Casa do Povo. Tem muito para contar este importante edifício da nossa terra que ainda hoje alberga a sede da Banda Filarmónica e o Posto Médico.

⁸⁶ Notícias da Covilhã de 6 a 13 /12/1991.

SANTA CONSTANÇA

No campanário, actualmente sem sineta, tem a data de 1740. Lá se encontram diversas imagens: Santa Constança, Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora da Conceição, Santo António, S. Joaquim, Sagrada Família, Santa Helena⁸⁷, Rainha Santa Isabel⁸⁸, Santa Lucrécia, Santa Teresa, Santa Filomena, S. Miguel e outros anjos, S. Pedro, S. Tiago, S. João, S. Lucas, Menino Jesus...



Tecto da capela de Santa Constança – Foto M. Tomás

⁸⁷ Imperatriz e mãe de Constantino, viveu de 255 a 330; festeja-se a 18 de Agosto, estando associada à descoberta da cruz onde Jesus morreu. O seu símbolo é justamente uma cruz.

⁸⁸ Esposa de D. Dinis, viveu de 1271 a 1336, sendo canonizada em 1626. Festeja-se a 8 de Julho.

MONOGRAFIA DE CARIA

Tem duas portas, uma para a via pública e outra para o interior da casa, contígua à qual fica a sacristia que era parte integrante da habitação.

A cúpula da capela apresenta frescos que datam do século XVII e tem uma decoração vegetalista.

O retábulo, que possui um nicho ladeado por pilastras, é encimado por uma cartela que ostenta o nome do orago da capela.

No frontispício encontram-se elementos concheados, quer no frontão triangular quer no lintel.

SENHORA DO CARMO

Também conhecida como de Santa Bebiana⁸⁹ tem, além da imagem desta santa, as de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora dos Aflitos, Imaculada Conceição e S. Francisco Xavier⁹⁰.

Possui missal e estante antigos, via-sacra, dois castiçais e um confessionário de parede.

O arco do altar é de pedra trabalhada, de volta perfeita e com fecho e pilastras ressaltadas que emolduram uma pintura alusiva a Nossa Senhora do Carmo.

Tem sineta num pequeno campanário.

De estilo joanino, é composta de corpo da capela, coro e sacristia e foi construída por volta de 1750.



Altar da capela de N. Srª do Carmo – Foto M. Tomás

⁸⁹ A festa desta santa, com uma tradição muito antiga em Caria, celebra-se no dia 2 de Dezembro. Nesse dia faz-se um grande cortejo onde se veneram as qualidades do vinho e dos bêbedos, mas a ligação da mártir aos bebedores não passa de semelhança de nome, que também é referido como Bibiana e Viviana.

⁹⁰ Missionário, canonizado em 1622, festeja-se a 3 de Dezembro.

MONOGRAFIA DE CARIA

MALPIQUE

Terá sido concluída em 1720, pois essa é a data inscrita no púlpito de pedra situado desde 1989 no exterior da capela. É dedicada a Nossa Senhora dos Remédios e a S. João de Deus.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Recentemente beneficiada, é uma capela particular que foi dos Condes de Caria.

Tinha a Sagrada Eucaristia até que foi retirada por ocasião do falecimento da Sr.^a D. Margarida Canto Vieira que foi velada nessa capela.

Tem as imagens de Nossa Senhora de Fátima, do Sagrado Coração de Jesus, de S. José e do Imaculado Coração de Maria e um quadro de Nossa Senhora ao centro sobre o sacrário.

Possui coro, uma pequena sacristia e um confessionário de madeira.

O retábulo possui duas colunas de cada lado e o nicho tem uma pintura de Nossa Senhora da Conceição. O coroamento apresenta resplendor dourado.

SANTA LUZIA

Fica no Monte do Bispo e foi reconstruída no século XVI. Consta das Inquirições de 1258. Existe um relógio de sol na frontaria, do lado direito da capela, o que atesta a sua antiguidade. Na pedra cimeira do campanário está inscrita a data de 1351, o que indica que a primitiva capela posteriormente ampliada, é antiquíssima; esta data só foi descoberta em 1994 quando se substituiu o telhado.

MONOGRAFIA DE CARIA

PONTES E PONTÕES

De acordo com as Inquirições Paroquiais de 1758, havia nas ribeiras de Caria algumas pontes que, no entanto, no Inverno «não dão passagem para se sair ou entrar no lugar».



A Ribeira de Santa Ana, junto à ponte do mesmo nome (Foto: Luís Ribeiro)

SANTA ANA

A de Santa Ana, referida nas IP como sendo «de pau, com um olhal», fica sobre a ribeira do mesmo nome e é constituída por dois arcos.

S. SEBASTIÃO

Nas IP de 1758 é descrita «com três olhais, a qual é de pau».

É também conhecida como ponte de D. Maria II por ter sido reconstruída no tempo desta rainha.

Composta de três arcos, faz a travessia da ribeira de S. Sebastião.

O general João de Almeida considerava romanas as fundações desta ponte.

CAPINHA

Sendo a única ponte que, nas IP de 1758, é referido como sendo de pedra, é muito provável que existisse já desde tempos muito recuados, talvez dando passagem à via romana que seguia para a Idanha.

LAJE DO FREIXO

Um dos mais pitorescos e agradáveis locais de Caria, o pontão da Laje do Freixo tem sido erradamente apontado como romano. Como se pode concluir pela tipologia, a sua construção é relativamente recente,⁹¹ devendo-se a confusão provavelmente ao facto de se encontrar no seguimento da antiga via romana que seguia para o Vale da Senhora da Póvoa. A passagem far-se-ia a vau, tendo o pontão sido feito

⁹¹ As Inquirições Paroquiais de 1758 não o referem.

MONOGRAFIA DE CARIA

muito tempo depois, aproveitando-se algumas das pedras da



calçada para se fazer a rampa de acesso; aliás, como se pode observar na fotografia e no local, o traçado da via passava um pouco ao lado do pontão.

Pontão da Laje do Freixo – Foto
ACRC/Mário Tomás

OUTROS

Nas Inquirições Paroquiais de 1758 o Pároco de Caria faz ainda menção a outras duas pontes que já não existem mas que, pela denominação talvez se situassem na ribeira de Santa Ana a jusante da actual ponte:

- A do Moinho Redondo, de pau
- A do Pinheiral, de pau mas com corta-mares de pedra

FONTES E FONTANÁRIOS

FONTE DO CARVALHO

Descrita em 1758 nas IP como sendo «de rara grandeza, toda feita de pedra de esquadria em abóbada, em colunas no pórtico» as suas águas eram as melhores de Caria. O citado documento refere ainda que «não consta que secasse em tempo algum, por mais esterilidade que houvesse de águas».

Podem ver-se duas datas, provavelmente de reconstruções, 1784 e 1907. Em 2004 foi desaterrada na parte trás



mas não o suficiente para revelar toda a beleza que indubitavelmente possui. Merecia mais atenção.

É uma fonte de mergulho que, dada a sua situação junto da via romana, terá sido construída para dar de beber às pessoas e animais que circulavam por esse caminho.

Apesar de a sua água ser hoje considerada imprópria para consumo, foi sempre a

MONOGRAFIA DE CARIA

mais afamada, sendo ponto de encontro de namorados. Dela se diz que quem bebesse da sua água acabaria por ficar em Caria.

FONTE DO PRIOR

Tem uma data (1938) em que terá mudado de lugar (mais tarde mudou de posição, rodando 90 graus de modo a ficar encostada à parede. Tem uma pedra com três cruzeiras⁹² que poderá ter sido cabeceira sepulcral medieval ou ter feito parte de «alminhas».



⁹² MELO, Vasco Nuno da Fonseca in Jornal de Belmonte, Novembro de 1984.

FONTE DE SANTA ANA

Tem a data de 1768 mas já existia pelo menos 10 anos antes. Era encimada por uma pedra trabalhada mostrando um sol⁹³ a qual desapareceu há pouco tempo. Os actos de vandalismo contra o património parecem estar a aumentar de frequência.



⁹³ Já vi escrito que era um relógio de sol, o que não creio.

MONOGRAFIA DE CARIA

FONTE DE S. SEBASTIÃO

Tem inscrita a data de 1800 mas já é referida nas IP de 1758. Fica junto da ponte do mesmo nome e tem um nicho onde se presume que terá estado uma imagem do santo mártir que os romanos mataram com flechas.



FONTE DA LAJE DO MONTE

De acordo com as IP servia «no verão de muita utilidade para os homens de trabalho e serviço nas malhas do pão; e mormente para beberem os gados no verão».

Presume-se que ficasse no sítio da Fontinha.

FONTE DO RUIVO

Talvez a mais original, apresenta coluna octogonal de cantaria rematada por pináculo piramidal; terá sido inicialmente fonte de chafurdo. Tem a data de 1903 no fuste da coluna, que deverá corresponder a reparações feitas, pois já existia pelo menos em 1758, como se pode ver nas IP.



MONOGRAFIA DE CARIA

FONTANÁRIOS

Construídos numa época em que poucas eram as casas servidas pela rede pública, podemos encontrar na povoação seis fontanários:

- No largo do Posto da GNR
- No Largo da Igreja
- No Largo de S. Marcos
- No Largo dos Condes; foi mudado quando se demoliu a casa a que estava encostado, tendo na altura sido colocados os actuais azulejos, pintados à mão.
- À entrada do Bairro de Santa Ana; este encontrava-se no Largo da Trincheira, encostado à casa de Jaime Esteves Afonso, tendo, a pedido deste e aquando das obras de restauro da habitação, a CMB autorizado a sua passagem para o local onde hoje está a cabina telefónica; a Junta de Freguesia, no entanto, decidiu de outra forma.
- Junto à Escola da Fonte do Ruivo



Fontanário no Largo dos Condes – Foto CMB

TOPONÍMIA

A toponímia é um bom instrumento de estudo do passado, já que encontramos nomes que, pelas mais diversas razões, têm algo a ver com a história da localidade. No dizer de Pinharanda Gomes,⁹⁴ «a conservação dos toponímicos incólumes constitui um acto de prudência e de sapiência» devendo, sempre que possível, procurar restituir os nomes antigos, o que é «um acto de honestidade cultural, de devolução do património à comunidade».

NOS FORAIS

Nos forais são referidos vários nomes de lugares sendo hoje, de acordo com a opinião de Vargas (2001: 31 – 33) a sua identificação difícil por causa da mudança de nome de alguns:

Teixeiras – este lugar, do termo de Belmonte, teve carta de aforamento colectivo em 1251.

No foral da Guarda os limites passavam pelo vale da ribeira da Teixeira e no foral da Covilhã a demarcação é feita pelo vértice da Teixeira, talvez no monte mais elevado (Galgueira, 809 m).

Monte Santo – Referido nos forais de Belmonte e Sortelha «trata-se de um monte de carácter sagrado (forma cónica

⁹⁴ Terras da Beira de 15/07/1999

MONOGRAFIA DE CARIA

acentuada) e deve corresponder ao monte de S. Cornélio (1008 m), próximo do lugar de Quarta-Feira, freguesia de Sortelha.

Estrada Velha – Deve tratar-se de uma via romana que vinha dos lados de Santo Estêvão e de Sortelha para a Guarda, mas cujo itinerário se desconhece.

Lavacolhos – Verifica-se que este topónimo aparece no século XIII a designar tanto um lugar como um curso de água. Volta a aparecer nos séculos XVII e XVIII referindo que a Igreja de Caria fora da invocação de Nossa Senhora de Lavacolhos. Lavacolhos será a ribeira de Quarta – Feira e a sua continuação pela ribeira de Enguias que depois toma o nome de ribeira de Caria ou de S. Sebastião. Existe um lugar junto à ribeira de Quarta – Feira, entre Vieiros e as Caldeirinhas que se chama Novacolhos. Lavacolhos referido no foral de Belmonte pode ser este lugar ou a ribeira com esse nome.

Cabeço de Castradinos - Referido no foral de Sortelha como cumeeira de Castradinos, corresponde à serra do Casteleiro.

Ribeiro de Nocer – Provavelmente o antigo nome da ribeira do Casteleiro, que passa junto das Quintas do Anascer, ou do seu afluente ribeira da Nave que vem do Vale da Nascimento e divide com os Sagarçais.

Sagarçais – Topónimo hoje inexistente, já em 1395 tinham mudado o nome para Aldeia Nova, chamando-se hoje Aldeia de Santo António.

NAS RUAS

Em determinadas ocasiões, principalmente por motivações políticas, verificou-se uma grande azáfama na mudança de nomes das ruas, o que veio complicar mais o estudo do passado. Na sessão de 29/04/1891 a Câmara Municipal de Belmonte deliberou ⁹⁵ alterar alguns nomes de ruas de Caria; assim, a de S. Sebastião passou a chamar-se Rua da Avenida⁹⁶ e o Largo do Cruzeiro passou a chamar-se Largo do Comércio. «As restantes ruas da povoação» deveriam passar a chamar-se Rua Direita, Rua da Igreja, Rua de D. Carlos I, Rua D. Amélia, Rua de Serpa Pinto⁹⁷, Rua de S. Marcos, Rua de Santo António, Rua da Fonte do Prior. Com a República assistiu-se ao desaparecimento dos nomes relacionados com a monarquia.

Verificámos que algumas ruas têm mais que um nome e outras não têm nome nenhum, pelo que urge corrigir estas anomalias. Infelizmente foram dados a algumas ruas nomes de pessoas pelo simples facto de pertencerem a uma classe privilegiada e não por qualquer obra em benefício da terra.

⁹⁵ (Marques, 2001:245)

⁹⁶ Não existe hoje nenhuma rua com este nome, deduzindo-se que seria a via desde a ponte de S. Sebastião até (pelo menos) ao Largo dos Condes.

⁹⁷ Alexandre Serpa Pinto, militar e natural de Cinfães foi encarregado pelo governo português de chefiar uma missão para estudar o território entre Angola e Moçambique. Acompanhado por Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, partiu de Benguela em 12 de Novembro de 1877.

MONOGRAFIA DE CARIA

Sabemos que a história se fez à custa de gente anónima que raramente é lembrada, pelo que começamos por referir alguns nomes de carienses que fomos encontrando ao longo da nossa pesquisa e que não fazem parte da toponímia das ruas, sendo por isso desconhecidos da maior parte das pessoas.

Álvaro de Caria – Este pajem que, pelo nome, se presume ser nosso conferrâneo, parte para a Índia em 25 de Março de 1505 a bordo da nau *Lionarda* que fazia parte da armada do Vice-Rei D. Francisco de Almeida. Regressa de Cochim em Novembro do mesmo ano com alguma pimenta.⁹⁸

Em Setembro de 1513, na tomada de Azamor, ⁹⁹ participam, sob o comando de D. Jaime, Duque de Bragança, os carienses

- Gonçalo Pires – da Companhia de Ordenanças do coronel Cristóvão Leitão
- João de Caria – homem de armas do coronel Pedro de Morais
- Sebastião Álvares – besteiro

Gonçalo de Matos – filho de João Pires e de Isabel de Matos, em 6 de Abril de 1520 parte para a Índia como homem

⁹⁸ (ANTT, Núcleo Antigo, 701, fl. 237 v.) in Silva e Branco, 1999: 44.

⁹⁹ Silva e Branco, 1999: 47)

de armas na armada comandada pelo capitão-mor Jorge de Brito.¹⁰⁰

Em 1531 encontra-se na Índia pois o seu nome figura no «Livro de pagamento de soldos vencidos, efectuado em 1531 pelo feitor de Goa, Estêvão Gago, à gente da nau S. Roque e de outros navios das armadas das Índias».¹⁰¹

Jorge Pires e Manuel Rebelo – carrienses cujos nomes constam do «Rol dos soldados que foram pagos de seus soldos no ano de 1532, desde o mês de Janeiro em diante» pelo feitor de Goa.¹⁰²

Belchior Rebelo – nasceu em Caria em 1514, sendo filho de Gonçalo Rebelo e de Mécia Rodrigues. Em 6 de Abril de 1538 parte para a Índia a bordo da nau *Garça* como homem de armas de Francisco de Mendonça e o foro de escudeiro-fidalgo da Casa Real.¹⁰³

Em 24 de Março de 1553 volta para a Índia na armada de Fernando Álvares Cabral, filho primogénito de Pedro Álvares Cabral, a bordo da nau *Galega* onde também viajava Luís de Camões. Ia como feitor, alcaide-mor, provedor dos defuntos e vedor das obras da fortaleza de Chaul, cargos que lhe foram

¹⁰⁰ Silva e Branco, 1999: 281)

¹⁰¹ (ANTT, Núcleo Antigo, nº 620) in Silva e Branco 1999: 54.

¹⁰² (ANTT, Núcleo Antigo, nº 622) in Silva e Branco, 1999: 55.

¹⁰³ Silva e Branco, 1999: 319.

MONOGRAFIA DE CARIA

concedidos por carta régia de 11 de Abril de 1552, feita em Lisboa. ¹⁰⁴ Em 1556, por mercê dada em Lisboa a 2 de Novembro, foi provido nos mesmos cargos para a fortaleza de Coulão. (ANTT, Chanc. D. João III, Liv. 71, fl. 178)¹⁰⁵

Rua Pires Soares

Com este nome designamos a rua que vai da Trincheira à ponte de Santa Ana e que tem duas placas, colocadas a cerca de 50 metros uma da outra, com os nomes Maria da Piedade Cameira Pires Soares e Conselheiro Francisco Pires Soares.

O magistrado nasceu em Caria em 15/07/1868 e faleceu em Coimbra em 23/02/1941.

Fez carreira na magistratura tendo chegado a desempenhar o lugar de juiz do Supremo Tribunal de Justiça. Está sepultado em Caria, no jazigo de família. (Reis, 1959:42, 43)

Maria da Piedade Cameira Pires Soares, também conhecida como «a conselheira» por ser casada com o Dr. Francisco Pires Soares, deixou à Junta de Freguesia uma várzea, uma casa que foi sede da autarquia e um quintal.

¹⁰⁴ (ANTT, Chanc. D. João III, Liv. 56, fl. 148 v.).

¹⁰⁵ «Terá, entretanto regressado ao Reino e fixado residência em Castelo Branco, pois, - se não se trata de um homónimo - sendo meirinho e promotor da justiça dessa então vila, teve por carta régia de 15/7/1574, dada em Lisboa, a mercê do ofício de procurador e solicitador dos cativos da mesma comarca.» (ANTT, Chanc. D. Sebastião, Liv. 36, fls 21 v.- 22, DOC 70 in Silva e Branco (1999 : 319)

A Liga dos Amigos de Caria colocou uma lápide na casa que faz esquina com as ruas do Forno e Direita, com os seguintes dizeres:

*Caria agradecida à benemérita D. Maria da Piedade Cameira
Pires Soares, nascida nesta casa em 1/04/1876 e falecida em
28/09/1969.*

Rua Direita / Rua Comendador Vicente Martins Ribeiro¹⁰⁶

Certamente a mais antiga rua da localidade, aí se concentrava praticamente toda a actividade comercial. Foi a partir deste eixo que Caria se desenvolveu.

Observam as pessoas que as ruas Direitas são as mais tortas; acontece que, tendo surgido na Idade Média, época em que não havia qualquer tipo de cuidado com o traçado das ruas ou outras preocupações urbanísticas, as povoações cresciam sem qualquer controlo ou ordenamento.

Rua Direita também significa «Directa», no sentido em que era o caminho mais perto para o ponto mais importante da localidade. Mais uma prova, do valor das Casas da Torre, residência de Verão dos Bispos da Guarda.

Rua da Cadeia

É uma pequena rua na zona histórica que comprova, se necessário fosse, a existência de uma cadeia, aliás referida no

¹⁰⁶ Em 1911, nas actas da Câmara, aparece este nome como vereador.

MONOGRAFIA DE CARIA

«Tombo» (*«Tem Casa de Cadeia e por baixo outra que serve para açougue»*) e nas IP (*« Huma каза de camara e audiença que tambem serve de cadea com sua corrente E ferros.»*)

Rua Dr. Joaquim Borrego Cameira

Nesta rua pode ver-se no número 12 uma placa indicando "aqui nasceu o íntegro juiz Joaquim Borrego Cameira".

Nasceu a 22/12/1898 e faleceu a 07/09/1936. Com 30 anos é o mais novo juiz da magistratura portuguesa dessa época. (Reis, 1959:43)

Rua do Açougue

Segundo as IP, o açougue ficaria por baixo da cadeia, mas a rua com este nome fica bem longe, num local que nessa época estava fora da povoação.

De acordo com Vargas (2001: 105) açougue era o lugar «onde se vendiam carnes, frutas, hortaliças, peixe, etc.. Tinha o sentido geral de mercado que depois se tornou restrito e idêntico a talho».

Rua das Marigadas

Marigada significa romã e a rua deve o nome ao facto de aí ter havido romãzeiras. Ainda hoje se pode encontrar uma dessas árvores bem perto desta artéria.

Rua do Reduto

Fica na parte mais elevada da vila e o nome confirma a existência neste local de uma antiga fortaleza.

Rua Pedro Álvares Cabral

Por proposta do Executivo Municipal, o mais célebre filho de Belmonte, o navegador e descobridor do Brasil, deveria ter o seu nome em todas as localidades do concelho.

Rua Miguel Torga

Pseudónimo literário de Adolfo Correia da Rocha médico e autor de uma vasta e valiosa obra. Amigo e colega de curso do Dr. Patrício, foi por sugestão da Sra. D. Maria Alcina que este nome foi dado a uma rua, dado que todos os médicos colegas de Miguel Torga o quiseram homenagear propondo o seu nome para uma rua da localidade de cada um.

Rua do Rossio

Atendendo ao significado da palavra, terá algo a ver com espaço público e poderá estar relacionada com o facto de ser um dos acessos a um dos fornos comunitários da localidade.

Rua da República

Certamente para lembrar o facto histórico de mudança do regime da Monarquia para a República em 5 de Outubro de 1910.

MONOGRAFIA DE CARIA

Largo da Trincheira

Por alturas da Restauração, sendo necessário fortificar as localidades para resistir aos previsíveis ataques dos Castelhanos, foi Caria preparada para se defender, sendo construídas trincheiras; neste local haveria uma, o que também significa, atendendo ao facto de as IP referirem a sua localização, que nessa data a povoação teria aqui o seu limite.

Largo do Jacinto

Nome de pessoa ou de planta? Muito provavelmente e por semelhança com outros casos, o nome dever-se-á à existência de uma planta de invulgares características ou notáveis propriedades que aí terá existido, uma vez que se fosse referido a uma pessoa, certamente a tradição oral não esqueceria a obra feita que deveria ser de grande valor para justificar que o seu nome merecesse figurar numa lápide toponímica.

Rua do Acipreste

Tendo havido aqui um cipreste (ou acipreste) podemos supor que foi esta árvore que deu o nome à rua mas, se entendermos este termo como uma corrupção de arcipreste e uma vez que esta estreita rua entronca na Rua da Fonte do Prior, a origem do nome poderá estar ligada a algum eclesiástico mais importante que terá havido em Caria (e vários houve desde o

tempo em que os bispos resolveram fixar-se nesta terra). Certezas não há, mas nem por isso deixamos de apresentar a hipótese.

Rua do Poço

Provavelmente por causa do poço existente no jardim do solar Quevedo Pessanha, o que lhe dá uma importância (e antiguidade) de realçar.

Largo da Laje da Sobreira

O termo laje, muitas vezes erradamente grafado com «g», surge mais que uma vez na designação de locais, o que realça a importância que os cereais e o trabalho com eles relacionado tinham na vida das populações. A existência de um sobreiro, antigo e de grandes dimensões, terá dado o nome ao largo.

Rua Coronel José Martins Cameira

Nasceu em Caria a 06/10/1878 e faleceu em Lisboa a 14/09/1958.

Distinguiu-se na carreira militar, foi um dos 55 083 elementos que compunham o CEP (Corpo Expedicionário Português) que combateu pelos Aliados em França na I Guerra Mundial¹⁰⁷; constam da sua folha de serviços vários louvores e

¹⁰⁷ Sofreram pesadas baixas (2.086 mortos e 5.524 feridos) e mais tarde os próprios soldados participantes se denominaram de "Carneiros de Exportação Portuguesa", pela falta de preparação técnica e ausência de equipamento militar adequado a essa guerra.

MONOGRAFIA DE CARIA

recebeu diversas condecorações. Foi nomeado em 1935 comandante geral da Polícia de Segurança Pública.

Rua Dr. Mário Galvão Videira

Nasceu em Caria 27/02/1907 e em 1939 foi o iniciador da criação da Casa do Povo de Caria. Foi Presidente da Câmara de Belmonte terminando funções em 31/12/1958. A ele se devem as principais obras na freguesia de Caria: electrificação (01/08/1948) e águas (01/10/1950).

A electrificação de Caria, proposta em sessão de

Câmara de 21/01/1915 pelo vereador Lourenço Nunes, apenas avançou em 1948; de referir que, até aí, a iluminação pública era feita através de candeeiros a petróleo, havendo um funcionário encarregado de os acender à noite e de os apagar de manhã.



Candeeiro de iluminação pública em
1929 – Foto ACRC

Rua do Canto (ou do Saco)

Rua antigamente sem saída que ficou célebre por ter sido em 1947 palco de um curioso episódio no dia de Santa Bebiana¹⁰⁸ em que os populares terão cercado e desarmado as autoridades que pretendiam impedir a realização da festa. Após a chegada de reforços, a resistência continuou e a situação apenas se resolveu com a intervenção do Sr. Presidente da Câmara Dr. Mário Galvão Videira, também ele um carriense, não sem que antes alguns dos «revoltosos» tenham sido detidos numa cela por baixo da Casa do Povo, onde hoje são os sanitários públicos.

Largo dos Condes de Caria / B. Mendes de Almeida

Por carta de 10 de Outubro (Junho?) de 1864, D. Luís I fez de José Homem Machado de Figueiredo Leitão, nascido em Gouveia em 23/03/1832 e falecido na mesma vila em 05/04/1905, o 1º barão de Caria.

Tornou-se visconde de Caria por decreto e carta de 21 de Junho de 1869.

Por decreto de 14 de Agosto e carta de 9 de Outubro de 1879 tornou-se conde de Caria.

Seu pai, José Homem de Figueiredo Leitão, arrematou os bens imóveis do Convento da Sra. da Esperança em 21/8/1839 por duzentos e sessenta e um mil reis. (Marques, 2001:182)

¹⁰⁸ SOUSA, Vítor in J.F. nº 2941 27/12/2002, p. 33

MONOGRAFIA DE CARIA

Quando, em 1998, o arqueólogo da CMB dirigia as escavações no convento tendo em vista a aprovação do projecto de transformação em pousada, foram encontradas algumas peças de cerâmica com a inscrição SE (Senhora da Esperança) ou CSE (Convento da Senhora da Esperança) e outras com a inscrição Caria. Marques (2001:185) diz que estas poderão ter sido oferecidas pela vila de Caria como promessa, doação ou pagamento da pregação da Quaresma. Embora possível, esta explicação não está fundamentada, pelo que a única ilação a tirar é que as peças pertenciam a Caria, desconhecendo-se como foram parar ao Convento.

Casou em primeiras núpcias em 1851 com Maria Matilde do Amaral Abreu Castelo-Branco de quem teve um filho, Bernardo Homem Machado de Figueiredo de Abreu Castelo-Branco que viria a ser o 2º Conde de Caria. Em segundas núpcias casou em 1857 com a cunhada Emília de Menezes de Abreu Castelo-Branco.

Em Gouveia herdou de seu tio Bernardo António Homem um edifício¹⁰⁹ que foi colégio dos Jesuítas, cedendo-o depois à Câmara Municipal. (Gomes, 1981: 330)

Dele se diz ter influenciado a passagem do Caminho-de-ferro por esta vila de modo a poder ver o comboio das janelas

¹⁰⁹ Arrematado em 17 de Agosto de 1839, nele funcionam hoje os Paços do Concelho.

do seu solar; note-se que a Linha da Beira Baixa foi concluída em 1904.

2º Conde – Bernardo de Abreu Castelo Branco Homem Machado de Figueiredo Leitão (Gouveia, 20 de Março de 1865 – 18/02/1929). Era filho segundo mas o primogénito faleceu em vida do pai.

Casou com Eugénia da Silveira de quem teve duas filhas:

- Maria Emília Viana Homem Machado em 30/08/1889;
- Maria da Conceição Abreu Castelo-Branco Homem Machado nascida em 14/08/1897 e casada com Fernando Cortez Pizarro.

3º Condessa de Caria – Maria Emília Viana Homem Machado (30/08/1889-12/12/1973) casou em 04/05/1910 com Boaventura Freire Corte Real Mendes de Almeida em 06/09/1874, tendo os seguintes filhos:

- Maria do Carmo Viana Machado Mendes de Almeida (23/01/1911) cc Fausto José Amaral de Figueiredo
- Bernardo Viana Machado Mendes de Almeida (4º conde de Caria) 06/08/1912
- Maria Emília Viana Machado Mendes de Almeida 22/12/1913 cc Raul Isaac Aburdaham Abecassis
- Fernando Viana Machado Mendes de Almeida 08/08/1915 cc Maria Palmira de Santa Rita Amado

MONOGRAFIA DE CARIA

- Maria Eugénia Viana Machado Mendes de Almeida
13/12/1917 cc Francisco José de Bragança Correia de Sá
- Boaventura Viana Machado Mendes de Almeida
29/05/1918 cc Maria Ana Duff Burnay de Carvalhosa e
Oliveira

Filha do 2º conde e mãe do 4º conde (do seu casamento com o Comandante Boaventura Mendes de Almeida) a Condessa de Caria distinguiu-se pelo bem que fez aos pobres (sopa dos pobres e brinquedos no Natal) e por vários benefícios que fez na terra (azulejos da Igreja)

4º Conde – Bernardo Homem Machado Mendes de Almeida (n. em Lisboa no dia 6 de Agosto de 1912) filho varão da filha primogénita do 2º conde de Caria.

Casou em Cascais, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição em 29/08/1936 com D. Maria Carlota de Sousa e Faro de Lencastre nascida em 27/07/1912.

Filhos desse casamento:

- Bernardo José de Lancastre Mendes de Almeida
30/06/1937 cc Margaret Ann Baldinger
- João Filipe de Lancastre Mendes de Almeida
24/06/1939 cc Maria Emília de Lancastre Ferreira
Pinto
- Isabel Maria de Lancastre Mendes de Almeida
31/08/1945 cc Luís Bruno Ferreira da Cunha
Pignatelli

Rua Professora Gracinda Galiano

Antiga professora de Caria, foi uma grande promotora do desenvolvimento cultural desta terra, tendo criado um rancho folclórico.

Rua José Luís Rebelo

Grande responsável pela elevação de Caria a vila e impulsionador da construção das escolas do 1º Ciclo.

Rua da Cancela

Atendendo ao facto de se localizar na antiga calçada romana, poderá ter a ver com alguma divisória (porto? portagem?) aí existente noutros tempos.

Largo Engenheiro Pinto Bastos

Junto das Casas da Torre, de que foi o último proprietário até à sua aquisição por parte da Câmara.

Largo do Cruzeiro

Apesar da deliberação da Câmara de 29/04/1891 que decidiu alterar o nome para Largo do Comércio, o povo mantém a designação inicial de Largo do Cruzeiro.



Nogueira (2005:73-74) descreve-nos o cruzeiro como uma coluna toscana com capitel de

MONOGRAFIA DE CARIA

perfil quadrangular, sobre o qual surge uma cruz latina de hastes simples. A base, uma plataforma circular com três degraus, tem ao centro um plinto cúbico onde se nota ter existido uma caixa na qual, a crer na inscrição já algo desgastada, se depositariam as esmolas para as almas.

Rua do Forno

O nome desta rua deve-se à existência de um forno comunitário, destruído nos anos 80 do século passado e que ficava situado perto da Travessa que faz a ligação à Rua Direita. Existiram outros dois fornos: um na Cerca do Conde e outro, hoje em ruínas, no Largo do Poço.

O pão, quase sempre de centeio, era cozido todo junto e, para não se confundir, cada família marcava os seus pães com um sinal peculiar. O pagamento ao forneiro (ou forneira) era feito com pão (a poia) porque havia pouco dinheiro em circulação, fruto de uma política monetária restritiva que impedia o crescimento do comércio interno.

Rua D. Benvinda Ferreira

Uma das benfeitoras de Caria, contribuiu para a realização das obras do Jardim Público em S. Marcos.

NOS PRÉDIOS

Consultada uma lista da matriz predial¹¹⁰ acrescentámo-lhe alguns nomes que fazem parte da tradição oral.

Entre parêntesis o número de ocorrências na matriz; os nomes em itálico têm uma grafia duvidosa, desconhecendo-se o seu significado.

Apesar de serem mais as questões levantadas que as respostas dadas julgamos, ainda assim, que esta relação dos prédios pode ser um ponto de partida para futuras e mais aprofundadas explorações que poderão lançar um pouco mais de luz sobre o passado.

Açougue (7)

Açude (1)

Almas (2)

Anta (3)

Areeira (4)

Asus (2)

Asus ou S. Domingos (1)

S. Domingos (7)

A tradição oral conserva o nome Asmos que significa ázimos (sem fermento).

Seria um local cuja produção de trigo se destinava às hóstias para S. Domingos?

Barreiras (2)

Barrenta (19)

Barrocas (5)

¹¹⁰ Documento fornecido pelo Sr. Mário Tomás.

MONOGRAFIA DE CARIA

Boavista (0)

Boiada (0)

Tapada do Boi (0)

Bordão (5)

Bracinho (6)

Brejos (8)

Matagais

Broco (5)

De barroco?

Cabanas (1)

Cabecinho (6)

Cabeço de D. Nuno (4)

Cabeço de S. Geraldês (1)

S. Geraldo foi arcebispo de Braga, tendo falecido em 1108; em 1103, obteve confirmação da jurisdição sobre as

Cabeço do Seixo (1)

dioceses de Porto, Coimbra, Lamego e Viseu.

Cagamoio (3)

Moio=60 alqueires.

Terreno que produz muitos cereais?

Caminho Velho (1)

Referência à via romana.

Cancelinha (1)

Cântaro (2)

Carajola (1)

Carrola (5)

Carvalheira (3)

Casa (1)

Casal (0)

Castelhana (15)

Cerrado (1)

Local vedado com muros.

MONOGRAFIA DE CARIA

Chão da Amoreira (1)	Chão: Pequena propriedade arborizada e regadia.
Chão da Eira (2)	
Chão do Galo (4)	
Chão do Lagar (4)	
Chão Novo (5)	
Chiqueiro (4)	
Cimo do Povo (2)	
Courelas (2)	
Cruz (1)	
Eira do Rendo (8)	
Rendo (2)	
Entre Águas (1)	
Entregadouro (6)	Adj. ant.: "que se deve entregar". Terá algo a ver com a disputa de terras com a Covilhã?
Entrevinhas (4)	
Estalagem (1)	
Feiteira (2)	Negócio, resultado.
Ferrarias (8)	Ant.: Minas de ferro.
Fonte (8)	
Fonte da Mó (5)	
Fonte do Carvalho (6)	
Fonte do Prado (8)	
Fonte do Prior (4)	
Fonte do Ruivo (4)	
Laje do Ruivo (5)	

MONOGRAFIA DE CARIA

Fonte Santa Ana (1)

Ponte de Santa Ana (4)

Santa Ana (2)

Fontinha (2)

Fundo do Povo (1)

Gadanho (4)

Espécie de ancinho.

Genicoca (2)

Guerra (3)

Hortas (5)

Sítio das Hortas (1)

Igreja (4)

Jogo da Bola (1)

Junto ao Povo (4)

Junto às Casas (2)

Lagoas (2)

Laje (2)

Laje da Sobreira (6)

Laje do Freixo (4)

Pontão da Laje do Freixo (3)

Laje do Monte (2)

Monte do Bispo (2)

Pontão do Monte (3)

Lameira (4)

Lameirinhas (1)

Lameirões (0)

MONOGRAFIA DE CARIA

Lameiro do Cavalo (3)	
Lameiro do <i>Perfeito</i> (4)	
Lancheiras (6)	De lanchas? (Ant.: pedras, penedos, lajes)
Lavadouro (3)	
Lavajola (2)	Terreno baixo alagado no Inverno.
Lei Velha (3)	Lei de Moisés. Reportará a presença de cristãos novos neste local?
Leitoa (1)	
Lourença (8)	
Malhadil (1)	
Marta (1)	
Meal do Pousão (1)	
Melada (9)	Produção de mel de uma região durante uma época.
Mesquita (0)	
Miências (4)	
Moinho Redondo (6)	
Montega (2)	
Mortório (2)	Fig. Parte das sementeiras em que a semente não chegou a germinar.
Muro (1)	Relacionado com a presença de cortiços.
Panasco (15)	Erva para forragens.
Panasquinho (2)	
Pardina (3)	
Parede Nova (3)	
Passo ao Povo (1)	

MONOGRAFIA DE CARIA

Pego (3)

Pelada (1)

Penedão (7)

Piães (ou Peares) (3)

Pequenas colunas, pilares.

Alguns vestígios romanos?

Cimo de um monte.

Picoto (2)

Pinhal (1)

Pomar (1)

Pontão (4)

Ponte da Capinha (2)

Ponte de S. Sebastião (5)

S. Sebastião (4)

Portela (1)

Entrada no povoado onde se pagava a portagem.

Portelinha (1)

Porto da Covilhã (3)

Porto da Macieira (2)

Pousada (1)

Presinhas (5)

Dim. de presa, o m.q. represa.

Quinta Branca (4)

Raposa (3)

Raposeira (1)

Rasquilho (1)

Retorta (5)

Um dos significados é "a parte curva do báculo". Alguma referência ao poder temporal dos bispos?

MONOGRAFIA DE CARIA

Ribeirinho (9)

Ribeirinho de S. Marcos (4)

Ribeiro de S. Marcos (2)

S. Marcos (16)

Ribeirinho Poço (1)

Ribeiro da Igreja (3)

Situando-se perto de S. Domingos, não poderá indiciar ser por ali a primeira igreja de Caria?

Ribeiro das Amoreiras (4)

Ribeiro do Estrelado (5)

Salgueiras (8)

Salgueiras (Lei Velha) (1)

Saraiva (7)

Sortes (2)

Prov. : courela que coube a alguém na partilha de baldios.

Tapada das Minas (0)

Tapada Nova (1)

Tapada Nova ou Várzea (1)

Termos (1)

Limites. (Do concelho de Caria?)

Trincheira (3)

Vale da Ursa (4)

Vale das Casinhas (6)

Vale de Maria André (2)

Vale do Canhoto (1)

Vale dos Tomés (3)

Vale dos Trigos (11)

MONOGRAFIA DE CARIA

Vale Longo (Valongo?) (6)

Várzea (8)

Varzinhas (2)

Vilela (1)

O m.q. Varge e Várzea. Terreno cultivado nas margens de um rio.

Vila pequena; poderá estar relacionada com um povoamento anterior?

PERSONALIDADES

Além de todos os nomes referidos no corpo desta obra, outros há que, por um ou outro motivo, se distinguiram e merecem o respeito e estima de todos os carrienses. Seguramente muitos outros poderiam figurar neste registo. De certo que um dia alguém fará um trabalho mais completo onde esta insuficiência será reparada.

Começo por destacar o Dr. João José Amaral Tomaz, pelo seu percurso ímpar e pelos altos cargos desempenhados, sendo actualmente Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais do XVII governo constitucional liderado pelo Primeiro-ministro José Sócrates. Nascido em Caria a 7 de Outubro de 1949, licenciou-se em Finanças pelo Instituto Superior de Economia, foi Subdirector Geral na Direcção Geral dos Impostos, assessor no Gabinete do Secretário de Estado dos Assuntos Europeus, na Secretaria de Estado do Tesouro e das Finanças e na Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais, conselheiro económico da Embaixada de Portugal em Londres e consultor no departamento de Finanças Públicas do FMI em Washington. Foi ainda Membro Suplente do Comité Económico e Financeiro da União Europeia, Membro da Delegação Portuguesa no Comité de Política Económica da União Europeia, Presidente do Grupo Ad-Hoc para a Abolição das Fronteiras Fiscais da União Europeia, Director do Núcleo do Imposto sobre o Rendimento e Membro da Comissão do Imposto sobre o Valor Acrescentado.

MONOGRAFIA DE CARIA

Como docente exerceu na Faculdade de Direito da Universidade do Porto, no Instituto de Estudos Superiores Financeiros e Fiscais, no Instituto do FMI em Washington, no Instituto Nacional de Administração, no Instituto Superior de Economia e Gestão e no Instituto Universitário dos Açores

As senhoras D. Benvinda Ferreira, D. Maria Henriqueta Garcia e D. Benvinda S. Maurício que suportaram as despesas feitas com a construção do jardim público (S. Marcos) merecem também uma referência.

PÁROCOS

Não pretendendo nem podendo ser exaustivo, realço no entanto o Padre Gervásio que, ao responder às IP de 1758, revelou amplos conhecimentos desta terra e nos deixou indicações preciosas, o Padre Pedro Álvares Cabral, cujo nome figura nas paredes da nossa Igreja e também o Padre António dos Reis, para sempre ligado à decoração da sacristia. No mais limito-me a seguir os apontamentos do Reverendo Padre André, que refere os párocos que trabalharam nesta terra após a implantação da República:

1 – 1 de Janeiro de 1911

Padre Domingos Martins Pinto

2 – Janeiro de 1918

Padre Luís Mendes de Matos¹¹¹

Formado em Ciências Sociais e políticas pela Sorbonne. Em 1947 foi deputado ao Parlamento tendo promovido campanhas a favor do descanso dominical, da redução dos custos de inventários dos órfãos e contra o horário das tabernas.¹¹²

3 – 16 de Maio de 1918

Padre Paulo Joaquim Fernandes

4 – 27 de Junho de 1918

¹¹¹ Nasceu no Barco em 10/02/1885 e faleceu na Guarda em 30/05/1974.

¹¹² Gomes, 1981: 366

MONOGRAFIA DE CARIA

Padre João Pedro Dias do Valle

5 – 17 de Julho de 1918

Padre Epiphânio de Oliveira Matos

6 – 6 de Abril de 1924

Padre Paulo Joaquim Fernandes

7 – 16 de Outubro de 1924

Padre Tomás da Conceição Ramalho

8 – 1 de Janeiro de 1935

Padre José Paula de Campos

9 – 1 de Janeiro de 1941

Padre José Ramos (11/09/1909 – 02/02/1987)

10 - 1966

Padre Manuel Augusto Fatela (27/07/1917 - 07/02/1989) –

Esteve na origem da criação do Jardim-de-infância «O Girassol».

11 - 04/12/1983

Padre João Saraiva André (18/01/1929 -

Sacerdotes naturais de Caria

Padre Heitor Dias Antunes – Quinta de Lamaçais

Padre António Gomes

Padre Domingos Martins Pinto

Padre José Videira Pires

Padre António de Oliveira Pitta – Malpique

Padre Sílvio Drogueite Aguilár – Malpique

Padre Joaquim Proença Nunes – Monte do Bispo

MONOGRAFIA DE CARIA

Padre Luís do Nascimento Silveira

Padre Luís Cerdeira Caetano Gomes – Monte do Bispo

Padre Manuel Geraldes – Monte do Bispo

Padre Agostinho Esteves Pinheiro – Monte do Bispo

Padre João Alves Correia

MONOGRAFIA DE CARIA

AUTARCAS

Aquele a quem Caria se sente mais grata, ao ponto de dar o seu nome a uma rua da localidade, foi sem dúvida o Dr. Mário Galvão Videira, Presidente da Câmara Municipal de Belmonte no regime antes do 25 de Abril. Durante o seu mandato fizeram-se as mais significativas melhorias em Caria (iluminação eléctrica e distribuição de água).

Nos anexos desta obra damos conta dos que desempenharam o cargo depois de 1974.

Na Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Belmonte, nomeada após o 25 de Abril de 1974, fazia parte um vereador de Caria, o professor José Afonso Pereirinha, o qual também fez parte da vereação resultante das eleições, ganhas em 1977 pelo PS, cujo Executivo foi chefiado pelo Engenheiro Alves de Sousa da EDP. Com a desistência do Presidente assumiu o cargo o cariense Artur Mendes Lima do Nascimento. A desistência de vários elementos da lista deixou o Executivo sem o número mínimo estipulado por lei, o que provocou eleições antecipadas em Abril de 1979.

NOBRES, BRASÕES E CASAS SENHORIAIS

Antes de analisarmos mais detalhadamente os brasões que se podem ver em Caria, ou foram usados por senhores ligados a esta terra, convém falar um pouco da heráldica, a ciência de formar e descrever os brasões de armas, cuja origem remonta a tempos muito recuados.

Na época medieval, no calor de uma batalha, um cavaleiro dentro da sua armadura era praticamente impossível de distinguir de qualquer outro com uma armadura semelhante, o que levou ao uso de emblemas pessoais pintados nos escudos e elmos e, por vezes, nas roupas do cavaleiro ou na cobertura da montada.

Nos frequentes torneios que nessa época os cavaleiros faziam como preparação para a guerra, a utilização de figuras sobre os elmos, era uma forma de facilitar o reconhecimento da identidade do cavaleiro e aumentar a sua visibilidade pelos espectadores. Essas figuras eram, normalmente, uma das peças pintadas no escudo, e originaram os timbres no desenho heráldico.

O uso de escudos pintados com símbolos pessoais generalizou-se rapidamente, sendo adoptado por toda a classe guerreira e, de uma forma geral, por toda a aristocracia.

Para evitar duplicações e confusões, os emblemas e cores do escudo passaram a ser rigidamente codificados, ficando os arautos-de-armas encarregados de coordenar o uso

MONOGRAFIA DE CARIA

de emblemas heráldicos. São criadas regras de concepção de brasões com vista à sua fácil visualização e identificação.

O poder de conceder brasões de armas pertence ao rei que o utiliza para recompensar os serviços dos seus cavaleiros, acompanhando normalmente a doação de senhorios ou terras.

A nobreza dependia do soberano que era quem concedia os títulos, ofícios e terras, podendo retirá-las aos descendentes por morte do donatário.

Estavam isentos do pagamento de impostos, devendo assistir o rei nas suas guerras com seus dependentes a expensas do monarca.

À nobreza podiam aceder pessoas que tivessem conseguido reunir riqueza, fama ou poder que o rei considerasse.

A nobreza portuguesa começou por ser descendente dos fidalgos do Reino de Leão.

O rico homem era o funcionário régio mais elevado. Também era conhecido como senhor de pendão e caldeira, significando o pendão o poder de alistar os seus vassallos para a guerra e a caldeira significava que tinha bens suficientes para dar mantimentos aos soldados.

Como o património dos nobres se alargava muitas vezes à custa de usurpações, os monarcas procuraram reprimir tais abusos com as confirmações (os nobres sujeitavam à aprovação do novo rei as doações recebidas dos seus antecessores para verificar se havia terras usurpadas) e inquirições (uma alçada

especial percorria o país para verificar se havia terras que andavam indevidamente desviadas do património da coroa).

No reinado de D. João I criou-se uma aristocracia nova, uma vez que a maior parte da antiga havia tomado o partido de Castela.

A Monarquia liberal criou vários novos titulares e alargou as honras dos existentes distinguindo, além de militares e políticos, muitos outros que se distinguiram na vida pública como escritores, artistas, diplomatas, industriais, banqueiros, comerciantes...

Com a proclamação da República, os títulos nobiliárquicos e os direitos da nobreza são abolidos por um decreto de 18/10/1910.

MONOGRAFIA DE CARIA

Vila de Caria¹¹³



Escudo de verde, uma torre de prata. Em chefe¹¹⁴ uma estrela do mesmo metal. Coroa mural de prata de quatro¹¹⁵ torres. Listel vermelho com a legenda a negro, em maiúsculas: "VILA DE CARIA".

A torre representa uma antiga fortificação existente na localidade e a estrela aparece por se situar a povoação junto da Serra da Estrela.

Bandeira – De branco, cordões e borlas de prata e verde. Haste e lança de ouro.

Para uso no interior 1m x 1m.

Para uso no exterior 2m x 3m.

¹¹³ A autoria do estudo e a proposta do brasão e bandeira são de Affonso Dornelas em 25 de Abril de 1923.

¹¹⁴ A zona central do topo do escudo.

¹¹⁵ Significa que a localidade é uma vila.

Quevedo Pessanha

A família Quevedo-Pessanha tem origem hispano-italiana.

Os Quevedo provêm do reino de Castela e têm solar em Burgos enquanto os Pessanha têm origem em Génova.



Brasão dos Quevedo

O apelido **Quevedo** tem origem na nobreza espanhola, tendo alguns membros passado em várias épocas a Portugal, aqui mantendo o apelido com a grafia original ou, segundo alguns genealogistas, deturpando-o em Cabedo.

Armas

Partido, o primeiro de azul com três flores-de-lis de ouro, cortado de prata com uma caldeira de negro; o segundo de azul, com um pendão de duas pontas, cortado de vermelho e prata, carregado de dois crescentes, um de ouro sobre o vermelho e outro do mesmo sobre a prata, o pendão hasteado de ouro.

Timbre

A flor-de-lis.

Pessanha

O apelido Pessanha tem origem numa família genovesa e surge em Portugal com Misser Manuel Pessagno ou Pezagno, que veio para o nosso país no tempo do rei D. Dinis. Foi o nosso rei trovador que, em 1317, contratou 20 técnicos cartógrafos genoveses para virem servir em Portugal. Entre eles encontrava-se Manuel Pessagno, «sabedor das coisas do mar», que foi contratado para «superintender nas construções marítimas e no

comando da frota». Empossado no cargo de almirante, com transição a descendentes e com uma renda de três mil dobras anuais, o Genovês comprometia-se a servir no mar, com lealdade, o rei de Portugal, desde que fossem postas ao seu dispor pelo menos três galés.

Por finais do século viviam os Pessanha na Quinta de S. Cipriano, em Viseu. Um Francisco Pessanha, envolvido na política após a Restauração, partiu para Trás-os-Montes onde se fixou e teve descendência. Casou com uma



Brasão dos Pessanha

filha dos Sá Morais, de Arca, iniciando o ramo transmuntano dos Pessanha.¹¹⁶

Armas

De prata, com uma banda dentelada de vermelho, carregada de três flores-de-lis do primeiro esmalte, postas no sentido da banda.

Timbre

Uma asa de vermelho carregada de três flores-de-lis do escudo postas em banda.

O brasão no cunhal da parede do solar Quevedo Pessanha é esquartelado, o primeiro com uma cruz¹¹⁷, o segundo com duas cabras, o terceiro com duas caldeiras (que já constavam no original dos Quevedos e dos Vilhegas) e o quarto com uma banda dentelada carregada de flores-de-lis¹¹⁸, que também aparecem na bordadura deste quartel.

¹¹⁶ In Casas de Portugal, nº 29, p.13. É referido o opúsculo Notícia Histórica dos Almirantes Pessanhas e Sua Descendência, assinado por José Benedito d'Almeida Pessanha e publicado em 1900 pela Imprensa de Libânio da Silva, Rua do Norte, Lisboa.

¹¹⁷ A cruz era o símbolo que identificava os cruzados, o que revela a antiguidade da família.

¹¹⁸ A flor-de-lis em heráldica remonta aos reis de França e, como já se viu, aparece nos brasões dos Quevedo e dos Pessanha.

MONOGRAFIA DE CARIA

No brasão do tecto da sala mantêm-se o I e o IV, as caldeiras estão no II (em vez das cabras) e o III tem Crescentes(?)

Segundo a lenda, um antepassado terá conseguido roubar o estandarte aos espanhóis e, vendo-se alcançado, atirou-o para dentro das muralhas. Capturado e antes de ser morto (frito numa caldeira de azeite) gritou: «morra um homem mas deixe fama!»

Condes de Caria



Armas

Esquartelado, o primeiro com 6 arruelas postas em duas palas, o segundo com cinco vieiras em aspa, o terceiro com cinco crescentes¹¹⁹ postos em sautor e o quarto com

um leão¹²⁰ rompante.

Timbre

Águia sobre elmo de prata, com viseira de grades, cerrado e de perfil.

A presença do leão no brasão de armas significa força, grandeza, coragem, nobreza de condição. Em muitos casos, nos brasões portugueses e espanhóis, o leão representa uma ligação com a casa real de Leão (Espanha) quer seja uma aliança ou uma concessão por ela outorgada.

¹¹⁹ Nas armas dos Homem aparecem seis crescentes de ouro dispostos em duas palas.

¹²⁰ As armas dos Castelo-Branco eram de azul, com um leão de ouro armado e lampassado de vermelho e as dos Homem tinham um leão em timbre.

MONOGRAFIA DE CARIA

Viscondes de Tinalhas

Título criado por D. Luís I, rei de Portugal por decreto de 10-10-1870 a favor de:

1º - José Coutinho Barriga da Silveira Castro e Câmara
(19/07/1802 - 03/07/1886)

Nasceu na Soalheira (Fundão) e foi fidalgo da Casa Real e senhor dos morgados de Olhos de Água e Alviela.

Em 1843 casou com Maria Guilhermina Ribeiro Leitão.

2º - Tomás de Aquino Barriga da Silveira Castro e Câmara
(10/01/1848 – 04/01/1916)

Em 1868 casou com Maria José de Meireles Guedes Cabral.

Foi Par do Reino e fez parte do Conselho de Estado do governo regenerador de João Franco, cuja nomeação foi anunciada no dia 28 de Maio de 1906 (ou 1907?).

Foi vereador e presidente da Câmara Municipal de S. Vicente da Beira e exerceu as funções de Procurador-geral do distrito de Castelo Branco.

3º - José de Meireles Coutinho Barriga da Silveira Castro e Câmara (09/08/1880 - 26/10/1972)

Foi vereador da Câmara Municipal de Castelo Branco e vogal da Junta Geral do Distrito.

Os Viscondes de Tinalhas parecem ser descendentes de um Lopo Barriga, nascido na Sertã (?) cerca de 1460, filho de Pedro Álvares Barriga e de Constança de Brito que foi comendador da Ordem de Cristo e serviu em África.

Do seu casamento com D. Joana de Eça teve filhos (Pedro Barriga, Joana Coelho Rebelo, Brites de Vilhena e João Fernandes Barriga) que seguiram o apelido.

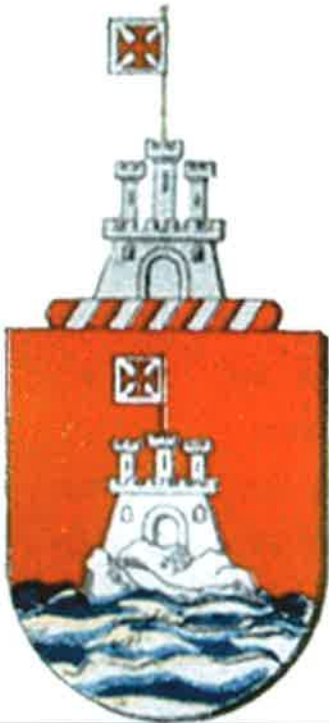
Participou em várias campanhas no norte de África, destacando-se na tomada de Safim, em 1508, recebendo o cargo de adail dessa praça.

Em 27 de Março de 1515 toma a praça de Amagor considerada inexpugnável por se situar entre dois rios e no alto de penhascos, o que veio a ter influência nas armas que D. Manuel lhe concede em 07/04/1515.

Feito prisioneiro em 1516, fica em cativo até 1523, quando D. João III o mandou resgatar.

MONOGRAFIA DE CARIA

As armas deste bravo encontram-se no solar dos viscondes de Tinalhas, defronte da Igreja Matriz, onde se encontra inscrito o proverbial grito do guerreiro «Lançadas de Lopo Barriga te colham!» (Silva e Branco, 1999:117-118)



Brasão dos Barriga

Armas

De vermelho, com um castelo de prata, aberto e iluminado de negro, assente num rochedo de sua cor, cercado de água, em ponta, e na torre do meio uma bandeira de prata, carregada da cruz da Ordem de Cristo, hasteada de ouro e movente da fresta.

Timbre

O castelo do escudo.

Os senhores da Casa de Penedono¹²¹

Foram senhores desta casa e proprietários de Valverdinho os Pereira Coutinho, ramo da família dos Coutinho, cujas armas descrevemos.



Brasão dos Coutinho

Armas

De ouro com cinco estrelas de cinco raios de vermelho postas em sautor.

Timbre

Um leopardo de vermelho armado e lampassado de ouro, carregado com uma estrela de cinco raios do mesmo sobre a espádua e segurando uma capela de flores de suas cores na garra direita.

¹²¹ A referência a esta família deve-se ao facto de ela ser mencionada nas Inquirições de 1758 pelo pároco de Caria quando fala de Valverdinho, que em tempos pertencera a esta paróquia.

Os Mendonça

Originária de Espanha, esta família (Mendoza) aparece referida nas IP 1758 pelo pároco de Caria, nomeadamente o Bispo¹²² D. Afonso Furtado de Mendonça ¹²³ e o capitão-mor da vila do Sardoal, Francisco Xavier de Mendonça, pai de, entre outros, Frei Diogo de Mendonça.



Brasão dos Mendonça

Armas

Franchado, o primeiro e o quarto de verde, com banda de vermelho perfilada de ouro; o segundo e o terceiro de ouro com S de negro, o da dextra volvido.

Timbre

Uma asa de ouro assente num pé de águia do mesmo, carregada de um S de negro.

¹²² Referido como Bispo da Guarda, mas sendo efectivamente Bispo de Coimbra.

¹²³ Os Mendonça Furtado ou Furtado de Mendonça usam armas praticamente idênticas, só que com os dois S na posição graficamente correcta.

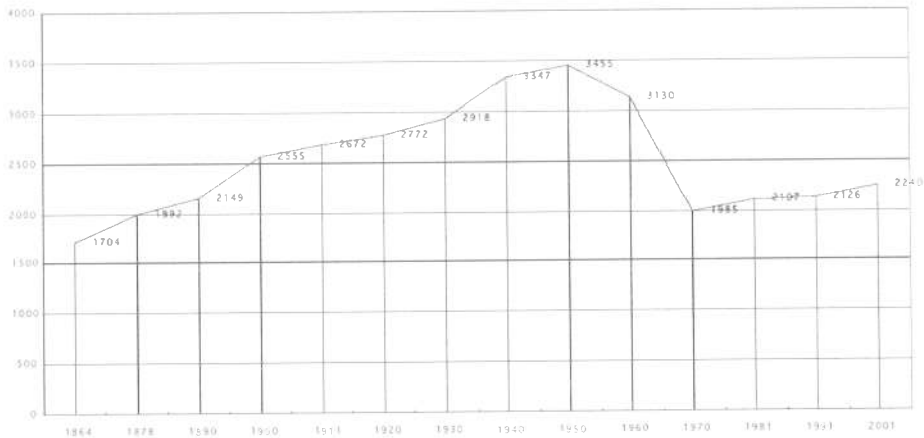
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA

Pelas Inquirições de 1758 sabemos que Caria tem, nessa data, 286 fogos e 797 habitantes.

O Censo de 1864, apresentado na Sessão de Câmara de 8/8/1872 refere 1704 habitantes em Caria.

Recorrendo aos Censos populacionais habitualmente feitos de 10 em 10 anos, elaborámos o gráfico seguinte:

Evolução da população



Analisando o quadro podemos ver que a população de Caria desde 1864 até 1950 cresceu constantemente, tendo nesse

MONOGRAFIA DE CARIA

período duplicado;¹²⁴ diminuiu nas décadas de 50 (ligeiramente) e de 60 (acentuadamente, perdendo mais de um terço da população) principalmente por causa da emigração, descendo para valores idênticos aos de cem anos atrás. É certo que estes fluxos migratórios (para a Europa, em especial a França) atingiram todas as zonas do país, principalmente as mais desfavorecidas, mas passados mais de quarenta anos, enquanto outras terras recuperaram, na nossa verifica-se praticamente uma estagnação, pois a ligeira subida que se nota nos últimos censos não é significativa.

¹²⁴ Caria chegou a ser mais populosa que Belmonte e, se tivesse mantido a taxa de crescimento, teria hoje mais de 5000 habitantes.

ACTIVIDADES ECONÓMICAS

A falta de investimentos relevantes, públicos e privados, contribuiu para a estagnação da vila. A incapacidade de fixar população está a ter efeitos nefastos em toda a actividade económica.

Oxalá que os poucos serviços públicos ainda existentes (GNR, Posto Médico, CTT e banco) se mantenham enquanto aguardamos que outros sejam instalados.

AGRICULTURA

Apesar de os solos terem boa aptidão agrícola, eles pertenciam quase exclusivamente às grandes casas senhoriais (Visconde de Tinalhas, Quevedo Pessanha e Conde de Caria) que exploravam as propriedades mais rentáveis e arrendavam as outras, sobrando apenas pequenas parcelas onde só era possível praticar uma agricultura de subsistência.

Os grandes proprietários viviam dos rendimentos e tinham uma qualidade de vida que não estava ao alcance de quem trabalhava, sendo por isso uma classe claramente privilegiada.

As principais produções agrícolas eram o vinho, o azeite, a batata, o centeio e o milho. Apesar de os terrenos serem férteis, a falta de irrigação, a não utilização de adubos e a inexistência de máquinas agrícolas condenavam a agricultura ao insucesso.

MONOGRAFIA DE CARIA

Quando o poder político promoveu a produção interna para evitar a importação de produtos alimentares, na época de recessão após a 2ª Guerra Mundial, intensificou-se a produção de batata. Graças ao aparecimento do motor de rega, a batata ocupou a área de plantação anteriormente ocupada pelo milho e ainda parte das terras altas ocupadas pelo centeio.

Importante para o desenvolvimento de Caria e do escoamento dos seus produtos foi a Estação dos Caminhos-de-ferro (hoje desactivada) e o aparecimento de empresas de transporte, de que há a salientar as do Sr. Amândio Alberto Campos e M. Videira e Trindade, Lda, que diariamente seguiam para Lisboa carregados de batatas e cereais, trazendo no regresso sal e mercearias.¹²⁵

A partir dos anos 50 do século passado Caria perdeu importância, principalmente devido à quebra na agricultura que se deveu essencialmente ao aumento dos custos de produção, ao abaixamento dos preços e à emigração.

A agricultura teve de se adaptar, passando os solos a serem ocupados por árvores fruteiras (macieiras, pereiras e pessegueiros) tendo vários agricultores optado pela agropecuária para poderem sobreviver.¹²⁶

¹²⁵ Estas duas empresas viram as suas viaturas requisitadas pelos militares em 7/06/1946.

¹²⁶ Existem em Caria várias explorações agrícolas com ovelhas (perto de uma dezena).

COMÉRCIO

A actividade comercial em Caria sofreu um impacto negativo assinalável com a desactivação da estação dos Caminhos-de-ferro. A adaptação, lenta, a uma nova realidade, teve consequências várias, nomeadamente o aparecimento de um comércio diferente e mais diversificado.

Apesar de inicialmente concentrado na zona da Rua Direita e hoje, por mais diversificado e desenvolvido, se espalhar por uma zona mais vasta junto dos eixos viários mais importantes, o comércio em Caria exerceu sempre uma enorme influência no seu desenvolvimento.

Realizam-se feiras anuais nos dias 1 de Janeiro, 2 de Fevereiro, Domingo de Ramos, 10 de Agosto e 1 de Novembro, havendo mercados nas segundas e quartas segundas-feiras de cada mês.

À semelhança do que se passa um pouco noutras localidades, e em contraste com o que acontecia no século passado, tem-se verificado o aparecimento e desaparecimento de muitas empresas, sinal dos tempos que vivemos onde o efémero passou a fazer parte do quotidiano e o mercado dita as suas leis.

De realçar o aumento do número das empresas prestadoras de serviços em contraste com a diminuição das do sector primário.

MONOGRAFIA DE CARIA

INDÚSTRIA

A indústria em Caria nunca atingiu altos patamares principalmente por ser artesanal. (moagem, amêndoas, sapatarias, alfaiatarias, serralharias, carpintarias)

Teve fábricas de queijo, licores, xaropes, refrigerantes, velas de cera, telha, tijolos, lagares de azeite. (Verbo, Vol IV : 1887-1888)

A partir dos anos 60, muito por influência do investimento dos emigrantes, começa a florescer a indústria da construção civil. Surge também a indústria têxtil, através das confecções, sendo a Carveste, hoje a atravessar uma fase muito difícil, a mais importante fábrica de Caria.

Panificação

Existiram pelo menos dois fornos comunitários, um dos quais, em ruínas, ainda existe junto da Rua do Rossio e outro recentemente demolido para alargar as ruas no Largo da Rua do Forno.

Actualmente funcionam três padarias que fabricam diariamente diversos tipos de pão e bolos.

Moagem

Indústria com tradição em Caria, conheceu altos e baixos; no sítio das Catraias, junto à Estrada Municipal Caria –

Belmonte, está instalada a ICER, que possui também o antigo celeiro onde eram armazenados os cereais.

Bebidas

Teve uma fábrica de pirolitos¹²⁷, tendo também comercializado águas radioactivas, na época consideradas medicinais e caídas em desuso após os estudos de *Pierre e Marie Curie* que provaram os malefícios da radioactividade.

No local da nascente¹²⁸ havia um hotel e termas que, durante os anos em que estiveram activos, proporcionaram largos benefícios a Caria, ponto de passagem obrigatório para os visitantes, na época utilizando quase na totalidade o comboio, completando-se o percurso de táxi.

Confecções

Este sector, actualmente a viver dias difíceis, teve nos últimos anos grande impacto na actividade económica de Caria e terras limítrofes pelo grande número de operários que ocupava. Exclusivamente explorado pela Carveste, conhece hoje uma grave crise que não é alheia aos movimentos de deslocalização de empresas que procuram os mercados do Leste europeu e da Ásia onde a mão-de-obra é incomparavelmente mais barata.

¹²⁷ Refrigerante gasoso que utilizava uma esfera para conter a pressão.

¹²⁸ Águas Radium, entre Caria e Sortelha.

MONOGRAFIA DE CARIA

TURISMO



Piscina municipal - Caria

Apesar do abundante e rico património arquitectónico existente que poderia contribuir para cativar visitantes se fosse feita a sua divulgação, não há nesta terra qualquer organização que promova o turismo.

Organizar percursos pela natureza, visitando os locais de maior interesse e editar e distribuir publicações sobre os aspectos mais importantes desta terra tão antiga e com tanto para contar são apenas algumas das actividades que, a serem executadas, muito contribuiriam para o seu desenvolvimento que se reconhece necessário e urgente.

Da parte da iniciativa privada conhecem-se algumas intenções relacionadas com o turismo rural ou turismo de habitação e bom seria que elas avançassem.

ENSINO

1º Ciclo

Por decreto de 20 de Setembro de 1844 e influenciado pelo modelo francês, Costa Cabral substituiu o ensino eclesiástico pelo ensino estatal, reforma que tinha já sido iniciada por Pombal ao confiscar todos os bens dos Jesuítas. O processo de transferência dos deveres educacionais da Igreja para o Estado concluiu-se com o parecer da maioria da Comissão Especial dos Deputados sobre a proposta do Governo acerca das Congregações Religiosas e do Ensino em 26 de Abril de 1862. (Gomes, 1981: 345)

Mas o ensino não se estendeu logo a todo o país, não só pela falta de mestres e de instalações mas também porque não era obrigatório e as crianças «faziam falta» nos trabalhos do campo ou a cuidar dos irmãos mais novos.

No Orçamento Geral de Receita e Despesa do Município de Belmonte para o ano económico de 1852/1853, com início no dia 1 de Julho de 1852, verificamos que um professor ganhava 5000 reis por trimestre mas o professor de Caria tinha vencimentos em atraso desde 1846/47.

O Ensino era uma profissão pouco atractiva por ser mal remunerada. No Relatório sobre a Instrução Pública no ano lectivo 1864/65 (Canelo, 1995:26) o Administrador substituto do concelho de Belmonte refere «a necessidade de remunerar mais amplamente a classe do professorado, a fim de chamar a ela

MONOGRAFIA DE CARIA

funcionários dignos» e estranha que alguns chefes de família «desprezem a educação de seus filhos» e sugere o «ensino obrigatório, pelo menos durante a época em que as crianças em razão da sua tenra idade pouco ou nada podem aproveitar em outro qualquer emprego».

Das três escolas então existentes no concelho (duas em Belmonte e uma em Caria) apenas nesta «tem havido regularidade de serviço». O Relatório salienta ainda o papel desempenhado pelo professor, o qual «não só promove o adiantamento dos alunos matriculados, mas além disso tem aberto aulas extraordinárias, onde concorrem bastantes alunos», tendo aberto no Inverno «uma aula nocturna para a gente trabalhadora e agora no Verão abriu outra para meninas, no intervalo daquelas a que é obrigado». (Canelo, 1995:27)

Depois de, em 18 de Outubro de 1863 ter sido pedida a criação de uma escola do ensino primário para o sexo feminino, a Junta, em 17 de Agosto de 1873, solicita à Câmara «autorização para venda em hasta pública» da Casa da Roda e do curral do concelho para poder fazer «um edifício com as precisas condições para exercício da Escola» a qual funcionaria na rua da Cadeia. (Marques, 2001: Anexo 21)

O professor de Caria, José Olímpio Dias Antunes, «pede a reparação da casa da escola do sexo masculino e a regularização do arrendamento das casas de residência do professor e da escola do sexo feminino (Marques, 2001: 232). A

MONOGRAFIA DE CARIA

Câmara da Covilhã delibera (26/7/1897) «estipular renda para casa de residência de dois professores e casa para escola feminina em Caria em 27\$000 por ano» e fixou o conserto da casa da escola do sexo feminino em 6\$600 (29/7/1897).

Foram vários os locais onde foi ministrado o Ensino Primário. De acordo com o Notícias da Covilhã de 6 a 13/12/1991, em 1908 no 1º andar do nº 2A da Rua Pires Soares leccionava a Professora Patrocínia e no edifício que hoje é o Posto Médico exercia o Professor Tavares. Também funcionou como «escola» a Casa do feitor da família Quevedo Pessanha.

A falta de instalações próprias para o ensino era evidente pois em sessão de Câmara de 6/3/1912 refere-se que em Caria frequentavam a escola 52 rapazes e 21 raparigas. A Junta de Paróquia requer a criação de outra Escola em Caria mas a Câmara não acha urgente.



Escola da Fonte do Ruivo



Escola de S. Marcos

Actualmente existem em Caria duas Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico: a antiga escola das raparigas, no Largo de S.

MONOGRAFIA DE CARIA

Marcos e que terá sido construída nos finais da segunda década do século XX¹²⁹ e a antiga escola dos rapazes, construída pouco depois, que fica situada perto da Fonte do Ruivo, onde existia uma laje para malhar os cereais; esta escola ardeu em 1966, tendo provisoriamente funcionado na Casa do Povo, hoje posto médico.

Como o incêndio destruiu os arquivos da “Escola dos Rapazes”, consultámos os existentes na Escola de S. Marcos e verificámos que a actividade lectiva se iniciou aí em 1935/36 com a Professora Benedita da Conceição de Almeida Ribeiro, havendo a matrícula de 2 alunas e de 3 no ano seguinte. Só a partir 1937/1938 o número de matrículas começou a ter significado.¹³⁰

Nos finais dos anos 80, com promessas, ainda hoje não cumpridas, da instalação do 2º Ciclo do Ensino Básico em Caria, acabou a Telescola, que funcionava na Escola da Fonte do Ruivo.

¹²⁹ De acordo com o testemunho oral de António Pereirinha, terá sido construída em 1929, embora na parede voltada a nascente se encontre um painel de azulejos feito em 1932 por Mário Reis com oficina em Lisboa no nº 23 da Rua da Bempostinha e os registos apontarem o ano de 1935 como o início da actividade lectiva.

¹³⁰ Ver Anexos.

Pré Primária

Funciona no Bairro de Santa Ana num edifício mandado construir pela Câmara Municipal de Belmonte em 1987 e tem uma frequência média de 15 crianças.

Jardim-de-infância Girassol

Inicialmente foi um lavadouro público, sendo ainda visíveis traços da arquitectura original. É uma obra social de elevado valor e de grande importância para Caria, sendo fruto da persistência e empenho da Comissão Fabriqueira da Igreja Paroquial de Caria, de que não podemos dissociar o labor dos Reverendos Padres Fatela e João André.



Infantário/Creche Girassol – Foto CMB

COLECTIVIDADES

Além das colectividades hoje existentes e que mostram a pujança das gentes de Caria, sabe-se que em 1940 existia um rancho folclórico da Casa do Povo que actuou nas festas do duplo centenário de Castelo Branco. Conhece-se ainda a existência de um grupo amador de teatro que teve várias actuações e era muito apreciado.

UNIÃO DESPORTIVA CARIENSE

Fundada em 7/10/77, possui cerca de 300 sócios, dedicando-se à prática do futebol, desde os escalões de formação até aos seniores. O ponto mais alto foi a participação na 3ª Divisão Nacional na época de 86/87, apesar de ter sido promovida administrativamente (tinha sido 2ª classificada no Campeonato Distrital da A. F. Castelo Branco mas, por motivo de alargamento do número de participantes, foi repescada).

Pelo lado negativo regista-se a desistência dos distritais nas épocas 2000/2001 e 2005/2006. Retomando a actividade em 2001/2002, sagrou-se vencedora do Campeonato Distrital da 2ª divisão e subiu à 1ª divisão em 2002/2003.

Desceu à 2ª divisão em 1980/81 subindo logo no ano seguinte.

Foram presidentes desta colectividade, por ordem cronológica:

MONOGRAFIA DE CARIA

José Afonso Pereirinha, José da Trindade Bernardo, Jordão de Freitas Vieira, Mário Manuel Tomaz, Manuel António Pereira Nave, Manuel Tomás Geraldês e António Manuel Evaristo Duarte.

Ao longo da sua existência foram vários os treinadores que trabalharam com a equipa sénior:

Joaquim Amaro, Mário Falcão, Guilherme, José Coimbra, Bizarro, António Borges, Professor Cruz, António Vicente, José Joaquim Velho, Pedro Real, Tomás Ferreira, Evaristo Duarte, Paulo Serra...

CANTADEIRAS DE CARIA

Associação criada por iniciativa da Sra. D. Maria Alcina Cameira Franco Patrício, com a finalidade de preservar e divulgar o património etnográfico. Além de procederem a recolhas de canções de outros tempos que acompanhavam os trabalhos do campo, têm também a preocupação de mostrar os trajes tradicionais. Participam frequentemente em espectáculos, tanto em Portugal como no estrangeiro, levando bem longe o nome da nossa terra.

Esta colectividade, fundada em 28/09/1986, tem o seu nome numa rua.

MONOGRAFIA DE CARIA

BANDA FILARMÓNICA

A Banda Filarmónica de Caria é uma colectividade de Cultura e Recreio composta por músicos amadores e voluntários que mantêm uma actividade regular participando em festas civis e religiosas; além de abrilhantar datas comemorativas em diversas localidades portuguesas, já se deslocou a França por ocasião do seu Dia Nacional (14 de Julho).

Começou por se chamar Banda Filarmónica da Casa do Povo de Caria, tendo-se recentemente constituído em associação e adoptado a actual designação.

Actualmente conta com cerca de 40 executantes e é seu Presidente o Sr. Luís António Pinto de Almeida.

Possui uma Escola de Música dirigida pelo actual Regente, Luís Miguel Casteleiro.

Reconhecendo o valor e o prestígio desta Banda, que tem mantido viva ao longo de várias décadas uma tradição musical bem enraizada na população, foi-lhe atribuída, ao abrigo do Decreto-Lei nº 123/84 de 13 de Abril e no âmbito das Comemorações do Dia Mundial da Música de 1994, a Medalha de Mérito Cultural.

Chegaram a existir duas bandas em Caria, presumindo-se o ano de 1890 como a data da sua fundação.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA DE CARIA

Criada em 19/11/84, com o objectivo de promover a realização de actividades culturais e recreativas, possui hoje cerca de uma centena de sócios. Foram seus fundadores Manuel Tomás Geraldès, João Garcia Alves Pinto, Manuel Carvalho Borrego, José Maximino Carvalho, Luís António Pinto de Almeida, José dos Reis Soares, Mário Manuel Tomás, António Manuel Evaristo Duarte, João Duarte Gaspar e Américo José de Jesus Torrão.

Em 1986 começaram as emissões de rádio através da Rádio Toca da Moura, uma emissora pirata precursora da actual Rádio Caria que obteve em Março de 1989 o alvará para o exercício de actividades de radiodifusão. As emissões regulares e oficiais iniciam-se em Setembro desse mesmo ano ocupando 14 horas diárias com dois animadores efectivos e cinco colaboradores. A Rádio Caria, que emite na frequência de 102.5, está no ar 24 horas por dia desde 1996 e tem 5 funcionários.

A ACRC desenvolveu ao longo dos anos várias actividades, sendo de destacar as exposições fotográficas e etnográficas, as provas de atletismo, o ciclismo, o futebol feminino...

Foram presidentes desta associação o Dr. Manuel Tomás Geraldès e o Prof. António Manuel Evaristo Duarte.

MONOGRAFIA DE CARIA

ARIC-ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS E IDOSOS DE CARIA

Fundada em 10 de Setembro de 1992 conta com trinta e dois associados e tem sido presidida pelo seu fundador, Sr. Manuel Carvalho António. Tem sede na Rua da Cadeia nº 1, em instalações cedidas pela Junta de Freguesia de Caria, onde efectuaram diversas obras de conservação. Pretende manter a união entre os seus associados através de diversas actividades como jogos tradicionais, excursões,¹³¹ dádivas de sangue... Promove acções de solidariedade social (assistência a idosos inválidos, protecção e apoio à família...). Faz mensalmente um convívio entre os associados e, no Natal, apoia as famílias mais carenciadas a quem fornece cabazes com géneros alimentares.

CANTARES

O Grupo de Cantares, integrado na Associação Cultural e Recreativa de Caria, tem cerca de 30 elementos e tem tido várias actuações públicas, além de participar em algumas missas solenes.

Foi criado em Janeiro de 2004 com a finalidade de divulgar a música popular portuguesa e proporcionar aos interessados uma actividade cultural regular.

¹³¹ Destaque para as visitas a Espanha (Vale dos Caídos, Salamanca, Cádiz) e Lisboa (Mosteiro dos Jerónimos, Planetário).

CLUBE DE CAÇA E PESCA

Criado para dar satisfação aos associados no domínio das actividades de pesca e caça, tem uma reserva de caça associativa.

Por escritura de 11 de Maio de 1988, no Cartório Notarial de Belmonte, foi fundada uma associação com fins não lucrativos denominada Clube de Caça e Pesca de Caria e que visava proporcionar a prática da caça, da pesca e desportos afins.

Outorgaram a escritura de constituição os senhores Joaquim Moucho Pinto, João José Pinto Proença, António Albuquerque Borges, Jordão de Freitas Vieira, Artur Lima Mendes do Nascimento, Joaquim Rodrigues Amaro, Paulo José Pinto Correia, Celso da Cruz Pereira, Joaquim Cameira Calado, José do Nascimento e António da Soledade Duarte.

A actual Direcção é composta por: José Neves da Costa, José Garcia de Matos, Nuno Miguel Marques dos Santos, José Luís Matias Mendes e José Luís das Neves Nunes.

A Mesa da Assembleia-geral é presidida por Francisco Barata Silveira e o Presidente do Conselho Fiscal é Luís Miguel Susana Carriço.

Tem desenvolvido diversas actividades, com destaque para as batidas às raposas e os torneios de tiro aos pratos.

MONOGRAFIA DE CARIA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caria não foi obviamente o centro da História mas não subsistem quaisquer dúvidas acerca da sua importância durante os vários séculos da sua existência. Sabemos que foi disputada por vários povos e senhores, não só pela sua posição estratégica junto de importantes vias de comunicação, mas também pelas suas riquezas, parecendo ter sido sempre um importante centro de comércio.

Apenas em meados do século XIII aparece o nome Caria, muito provavelmente com origem no deão da Sé da Guarda que se estabeleceu nestas terras, mas sabe-se que aqui existia um povoamento anterior à nacionalidade que poderá ter-se chamado Vila Colos e Lavacolhos antes de adoptar o nome que hoje ostenta.

A existência de uma *mutatio* junto da via romana terá justificado o aparecimento de uma pequena fortaleza no ponto mais alto da povoação onde, no início do século XIV os Bispos da Guarda mandaram edificar a Casa da Torre que lhes servia de residência de Verão; a história de Caria é indissociável da Mitra egitaniense que esteve na sua origem e que, apesar da oposição da Covilhã, soube conquistar regalias que perduraram durante séculos.

Tendo sido concelho até ao fim do século XIX, estranha-se a falta de documentos da actividade municipal; nem a sua anexação à Covilhã nem a passagem para o concelho de

Belmonte podem, sozinhos, explicar o seu desaparecimento. A anexação administrativa imposta a Caria não só lhe retirou a autonomia a custo conquistada como não lhe trouxe quaisquer benefícios.

O património arquitectónico construído em Caria, de alguma forma relacionado com o crescimento da indústria de lanifícios na Covilhã e com a presença de algumas famílias da Nobreza, deu projecção nacional a esta terra. Pena que tenha sido vista apenas como local de descanso e não tenham sido feitos os investimentos adequados na altura certa, pois hoje Caria seria certamente um lugar muito mais apetecível e desenvolvido.

Com o passar dos anos, a agricultura, a partir da década de 60 do século XX, e a indústria, na primeira década do século XXI, perderam a importância que tinham e deixaram de ser a base do desenvolvimento de Caria; a aposta no turismo, com especial incidência no histórico, poderá ser a bóia de salvação destes encapelados tempos.

Quanto mais os centros de poder estiverem próximo das populações, mais provável será o desenvolvimento destas. Em 1998, em virtude das influências enviesadas dos partidos, não se aprovou a regionalização e deu-se um grande passo atrás no

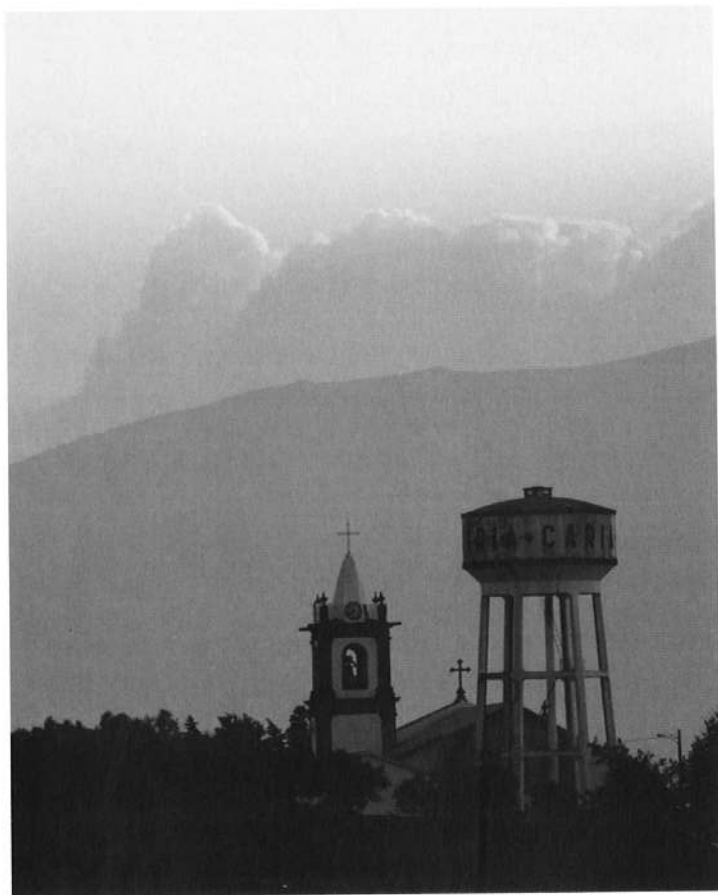
MONOGRAFIA DE CARIA

desenvolvimento regional; todavia, porque não devemos desistir nunca de tentar melhorar as nossas condições de vida, acreditamos que outras possibilidades existem. Mais autonomia, mais «poder local» beneficiarão claramente as populações mais afastadas dos centros decisórios. Uma nova divisão administrativa, que restaurasse o concelho de Caria¹³², só nos traria benefícios. Quem os não quer?

Se quisermos um amanhã melhor, teremos de começar a construí-lo hoje. Sendo essa uma tarefa de todos, cabe à Junta de Freguesia, como porta-voz das nossas aspirações, a liderança desse movimento. Procurar os documentos que narram o nosso passado, divulgar a nossa história e preservar o património, são tarefas que pode seguramente levar a cabo e nos farão sentir ainda mais orgulhosos por sermos filhos desta terra!

¹³² Áreas limítrofes dos grandes concelhos vizinhos da Covilhã, do Fundão e do Sabugal passariam para o novo concelho.

ANEXOS



Igreja e depósito da água de Caria – Foto Luís Ribeiro

Inquirições de D. Dinis (1288/1290)

«A aldeya que chamam Caria dizem as testemunhas que o dayam [deão] Martim Caria ficou em esse logar ante que fosse pobrado [povoado] huma cavaleria do herdamento de sseu padre [pai] e pobroua e foy filhando [pilhando] do herdamento do conçelho e em esto mataromno e veo hy o bispo dom Rodrigo¹³³ filhar quamto havia per razom que era dayam e reffertoulho [refutou-lhe] o conçelho de Covilhaam que lhis nom filhasse o sseu e escomungoos e andarom gram tempo escomungados e fez esta aldeya de Caria em que moram bem dozentos homeens que todos fazem foro¹³⁴ ao bispo da Guarda e mete hy o bispo seus juizes e seu chagador¹³⁵ e seu mordomo¹³⁶. E nom querem ir a juizo dos juizes de Covilhaam nem obedecem ao conçelho em nenhuma rem [coisa] nem querem receber mordomo delrey. E esta poba se começou des tempo delrey dom Ssancho prestumeiro¹³⁷.

Nom se defenda esta aldeya per razom donrra¹³⁸ e entre hy o moordomo ou andador¹³⁹ ssegundo foro e custume de Covilhaam e no juiz meta hu se segundo o fforo de Covilhaam.»

¹³³ D. Rodrigo – D. Rodrigo Fernandes, 3º bispo da Guarda (1250-1267)

¹³⁴ Fazem foro – têm um conjunto de encargos (fiscais, justiça) para com...

¹³⁵ Chagador – Chegador (uma espécie de feitor que cobrava, arrendava...)

¹³⁶ Mordomo – Agente encarregado de receber os rendimentos e de outras tarefas de natureza fiscal

¹³⁷ Prestumeiro – postumeiro, último. Portanto D. Sancho II (1223-1245)

¹³⁸ Honra – terra imune, isenta de encargos a pagar à Coroa, com direito a administrar a justiça e onde era proibida a entrada dos oficiais régios. O sentido da frase «não se defenda... por razom donrra» é pois «não se considere com direito a imunidade».

MONOGRAFIA DE CARIA

Carta Régia¹⁴⁰ de D. Afonso V

«D. Afonso & . A todollos juízes, justiças, oficiaes e quaes quer outras pessoas de nossos regnos, a que esta nossa carta for mostrada, saude, sabede que sentindo nos por serviço de D° e nosso bem e proveito de nosso povoo os thesouros e as outras cousas que jazem escondidas so terra serem trazidas a luz pera husso e guouuamento dos homees segundo que pera elles as D° deu e hordenou, e querendo fazer graça e mercee a dom Joham, bispo da Guarda, do nosso conselho e nosso capellaão moor por os muytos serviços que delle recebido temos e nom menos esperamos ao diante receber a nos praz que elle per si e quaes quer per elle deputados possa buscar e abrir e laurar quaes quer minas e vieiros de chumbo, prata, ouro, estanho e cobre e de quall quer outro metal e maneira que seja asy em a terra da sua camara de cariã (?) como jeeralmente per todos nosos regnos e senhorios honde lhe aprover e as entender achar contanto que se as ditas minas e vieiros que quiserem abrir forem em terras que sejam certas e conhecidas que sam dalguuas pessoas ante de as abrirem satisfaça e contente os donos dellas per guisa que nom ajam razom de se agravar e pera asi poder trazer aas ferrarias suas o chumbo, prata, ouro, estanho, cobre e quall quer outro metal e pera ho hy apurarem e laurarem lhe

¹³⁹ Andador – Oficial régio com funções idênticas ao do chegador.

¹⁴⁰ Publicado por Sousa Viterbo na Revista Instituto, vol LI, Coimbra, 1904, p. 182.

*fazee dar caminos, posto que sejam pollas herdades dalguuas
pessoas as quaes primeiramente por ello concertara o dito bispo
ou os per elle deputados como per nos nossas justiças for
eluidrado e vos bem parecer e lhe farees dar boys e carretas e
beestas por seus dinheiros se lhe pera ello necessarias forem a
plazer e contentameto de seus donos, e porem vos mandamos
que o leixes compridamente em ello obrar e fazer todo o que em
esta nossa carta per nos he mandado sem lhe sobre ello poerdes
embarguo alguu. Dante em a nossa cidade de Lisboa – D.º de
Figueiredo a fez – ano de nosso Senhor Ihu X-po de mill mj e lxij »
(Torre do Tombo, Chancellaria de D. Afonso V, liv I, fl. 101)*

MONOGRAFIA DE CARIA

Documento do «Tombo»

«O lugar de quaria tem huma so freiguezia da Invocação de nossa Senhora de lavacolos que tera setenta vezinhos. E no termo não há outra freguezia, nelle serve cada ano dous juízes hum procurador. E tem hum Escrivão das achadas. E não tem vereadores mas há seis homes que em cada hum ano se emlegem. E com elles se fazem as posturas. E acordos. E todo o mais que pertença ao governo do dito lugar o qual he del Rey nosso Senhor. E foi termo da Villa de Covilham. E inda oje o he no crime por contrato que com a dita vila esta feito ha mais de çem anos¹⁴¹ que apresentarão. E somente tem a liberdade e Jurdiçam civil de que pelo dito contrato guozam e por ella dam cada año aos oficiais da camara desta villa dous jantares¹⁴². E o lemite e termo deste lugar esta demarcado e confrontado. E as terras que estam dentro sam da camara do bispo da guarda aquem pagão foro¹⁴³ per prazo muito antigo. E os bens que tem o conçelho deste lugar em que el Rei tem sua terça sam estes [:]

¹⁴¹ O Dr. Vargas infere que esta informação faz crer que o concelho de Caria teve origem em meados do século XVI porque parte da data (1615) em que Filipe II mandou fazer o «Tombo»; contudo, se partirmos da data do documento original referido (1474) o concelho de Caria teria tido origem em meados do século XIV, o que me parece mais plausível.

¹⁴² Forma de renda feudal como as dízimas ou as primícias

¹⁴³ O foro pago ao Bispo da Guarda tinha o nome de «Reção» e, como pode ver-se nas Inquirições Paroquiais, constava de 1 alqueire por cada 10 de centeio, cevada, milho grosso e miúdo e 1 almude por cada 18 de vinho.

dous fornos em que cozem todos os moradores que se arendam e rendem segundo sam os anos

Huma carvalheira de madeira que serve de abigoaria em que ninguem pode cortar sem licença a qual esta em dous pedaços onde chamam os de dona maria E outro a ribeira de lavacolos.

Huma caza de camara e audiença que tambem serve de cadea com sua corrente E ferros.

Hum curral do conçelho em que metem o guado dos danos.

A renda das Coimas em que el Rei tem sua terça.

As ervagés destas terras sam do conçelho E quando se arendam do rendimento se paga a terça a el Rei.

Tem este conçelho huma fonte... a bardado coelho a qual antonio francisco lançara pera fora propriedade em que a tem Izabel Roiz a guagua tem tomado. E apertado huma serventia do conçelho na qual aranquaram os marcos E se alarguara como estava.

Pagua mais o conçelho deste lugar a camara da Villa de Covilhã mil e outenta reis em cada hum año por contrato antigo».

MONOGRAFIA DE CARIA

Extractos dos forais ¹⁴⁴

Covilhã – 1186

«Assignamus el terminos per Stellam et inde per Barelas et per verticem de Teixeiras et de Fravegas et inde quomodo discurrunt atque ad Ozezar, et inde per Bovem quomodo currit ad Coam, et inde per Sovereira per cimalias de Alferezes, quomodo venit Aaceph, et inde Alpreada quomodo intrat in Alponsur et Alponsur in Tago...»

Guarda – 1199

«...de parte de Linares per Mondegum et per albergariam de Mondego et per carreiram veliam que vadit per Covilianam et Barelas cum toto suo termino quomodo spartit cum Valelias pelo Peso et pelo semedeiro d'Amo et colmeal d'Avreiro et per so as mestas das Teixeiras. Et per Covilianam per castellum de Figueira et per cabeza d'Opa, et pelo peego do carro et pelas cebradas da Meimoa et pela arrancada de Petro Pai et pelo Val de Egua et per Basaguada et per Elgiam, quomodo vadit ad Vallem de Alcaldes et ferit in Tegio...»

Vila do Touro

«In primo per aquam de boi, et inde per gargantam de saguarzales et inde per cumieyra quomodo vadit ad comudela, et inde quomodo vadit terminum civitatis garde contra elgiam et de alia parte per rivolum de Cola...»

¹⁴⁴ Vargas, 2001: 30

Sortelha – 1228

«Incipiunt termini de sortelia : In primo de lavacolos per portum de Monte sancto, et inde per cumeneira de castradinos, et inde per cabeza de arnas, et inde per presam de silvestri, et inde per semederium veterem ad serram de opa quomodo vertit aquas pro in termino de sortelia, et inde ad rostrum de opa quomodo regarda Zevrera, et de rosto de opa quomodo vadit in directum ad locum ubi intrat meimoa sicca in viride, et inde ad cimalias de meimoa, et deinde quomodo vertit aquas de salama ad Regnum portugal. Et in alia parte de lavacolos ad cabezam de aquila, et inde ad capitam de fravegas, deinde ad riparium de pausafoles, sicut intrat in fluvium boy, et fluvius de boi quomodo intrat in coa.»

Belmonte – 1199 – limites

«Damus ei terminos per teixeiras, et sicut cadunt in uzezzar, et inde ad portus montis sancti, deinde per uiam veteram que ducit ad montem sanctum, deinde sicut transit ad lauacolos, et inde per ipsa cabeza de castradinos, et inde ad rio de nocer, deinde sicut diuidet cum saguarzaes.»

Centumcellas – 1194 – limites

«Damus ei termino per texeiras, sicut cadet in ozezar, et deinde ad portum de monte sancto, et deinde per uiam veteram que venit de monte sancto, et deinde sicut transit ad lauacolos, et

MONOGRAFIA DE CARIA

*deinde per cabeça de castradinos, et deinde a riuuolo de nozer,
deinde sicut diuidet cum saguarzal.»*

MONOGRAFIA DE CARIA

Autarcas

Em 6/12/1900 o resumo das contas de 1893/95 e 1897/98 é apresentado pelo secretário da Administração, José Luís Rebelo.

Em 27/10/1901 a Junta de Paróquia de Caria é assim constituída:

Presidente: Padre Domingos Martins Pinto

Tesoureiro: Luís Mateus Borrego

Secretário: José Maria dos Santos

A Receita e Despesa de 1901 é apresentada por:

Presidente: Padre Domingos Martins Pinto

Vogais: José Manuel Geraldês, António Joaquim Borrego e Lourenço Videira.

Rendimento

forno de Santa Luzia	-11 000 reis
casa do Açougue	- 6 000 reis
loja da casa da escola	- 2 500 reis
derrama (7% sobre as contribuições)	-86 525 reis

Em 17/04/1904 são alienados à mordomia de Santa Luzia o forno e a terra centeeira no sítio da Barrenta.

MONOGRAFIA DE CARIA

Junta de Freguesia

Nome	Partido	Data
António Proença Ribeiro	Comissão	25/04/1974
Artur M. Lima do Nascimento	Administrativa	
João José Amaral Tomaz		
Luís Proença Martins	PS	17/01/1977
Manuel Diamantino Garcia	PS	
António dos Reis Proença	PS	
António Ribeiro da Silva Baetas	PS	2/04/1979
João Garcia Alves Pinto	PSD	
Manuel Reis Garcia	PS	
António Ribeiro da Silva Baetas	PS	2/01/1980
João Duarte Gaspar	PS	
António Marques Lameiras	PS	
António Ribeiro da Silva Baetas	PS	5/02/1983
António Matos Pinheiro Vaz	PS	
Joaquim Pereira Alves	PS	
António Ribeiro da Silva Baetas	PS	2/01/1986
Manuel Viana Paiva	PS	
Manuel Dias Sardinha	PS	
António Ribeiro da Silva Baetas	PS	2/2/1989
Luís Proença Martins	PS	
Manuel Dias Sardinha	PS	
Jordão de Freitas Vieira	PSD	19/12/1993
José da Trindade Bernardo	PSD	
José Alberto Ricardo Bernardino	PSD	
Vítor Manuel Mendes Alves	PS	2/2/1997
Maria de Lurdes Afonso	PS	
José Lourenço Gonçalves	PS	
Vítor Manuel Mendes Alves	PS	2/2/2001
Maria de Lurdes Afonso	PS	
António Marques Ascensão	PS	
Vítor Manuel Mendes Alves	PS	09/10/2005
Maria de Lurdes Afonso	PS	
Vítor Manuel da Costa Nunes	PS	

MONOGRAFIA DE CARIA

Câmara Municipal

Presidente	Pt	Vereador(es) de Caria	Pt	Data
Engº Alves de Sousa	PS	José Afonso Pereirinha	PSD	1977
Cláudio Olímpio Ruy Suarez Dias	PS	António Albuquerque Borges	PSD	1979
Manuel Fernandes Pina	PSD	António Albuquerque Borges Cláudio Olímpio Ruy Suarez Dias	PSD PS	1980
Vítor Manuel Afonso	PSD	Maria Alcina Franco Cameira Patrício	PSD	1983
António Júlio de Almeida Garcia	PRD	António Albuquerque Borges	PSD	1986
António Júlio de Almeida Garcia	PS			1989
António Dias Rocha	PSD	José Afonso Pereirinha	PSD	1993
António Dias Rocha ¹⁴⁵	PSD	José Afonso Pereirinha	PSD	1997
Amândio Manuel Ferreira Melo	PS	Germano Fernandes Mário Manuel Tomás	PS PS	2001
Amândio Manuel Ferreira Melo	PS	Germano Fernandes Mário Manuel Tomás	PS PS	2005

¹⁴⁵Substituído, antes do final do mandato, pelo vereador Amândio Manuel Ferreira Melo

MONOGRAFIA DE CARIA

Genealogia

Quevedo Pessanha

Titular	N.	Pai	N.	Mãe	N.
Vasco Luís Schultess de Quevedo Pessanha	21 10 1942	Vasco Francisco Caetano de Castro Coutinho de Quevedo Pessanha	03 07 1909	Nelly Marguerite Jeanne Schultess	13 08 1903
Vasco Francisco Caetano de Castro Coutinho de Quevedo Pessanha	03 07 1909	Vasco Francisco Caetano de Quevedo Pessanha Vilhegas do Casal	24 03 1884	Maria Augusta Adelaide da Fonseca Coutinho e Castro	26 11 1885
Vasco Francisco Caetano de Quevedo Pessanha Vilhegas do Casal	24 03 1884	Vasco Luís de Carvalho Pessanha	c. 1860	Maria Carlota Saraiva Metelo de Sampaio Quevedo	
Vasco Luís de Carvalho Pessanha	c. 1860	Eduardo Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1830	Joaquina Cândida de Faria Coutinho	c. 1835
Eduardo Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1830	Francisco Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1810	N...	

MONOGRAFIA DE CARIA

Titular	N.	Pai	N.	Mãe	N.
Francisco Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1810	Vasco Luís de Carvalho Pessanha Vilhegas do Casal	1788	Maria Escolástica Correia de Morais	
Vasco Luís de Carvalho Pessanha Vilhegas do Casal	1788	Simão de Chaves de Carvalho e Albuquerque	c. 1760	Cristina Josefa Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1770
Cristina Josefa Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1770	Vicente Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1755	Cristina Maria de Almeida Santiago	
Vicente Pessanha Vilhegas do Casal	c. 1755	Manuel Coelho de Campos do Casal		Isabel Pessanha de Vilhegas	c. 1735
Isabel Pessanha de Vilhegas	c. 1735	Manuel de Vilhegas Castelo-Branco	1717	Serafina da Costa Pereira	c. 1715
Manuel de Vilhegas Castelo-Branco	1717	Júlio Pessanha Vilhegas de Castelo-Branco	1660	Ana Botelho de Proença	c. 1670

MONOGRAFIA DE CARIA

Titular	N.	Pai	N.	Mãe	N.
Júlio Pessanha Vilhegas de Castelo-Branco	1660	Miguel Pessanha		Isabel do Amaral	
Miguel Pessanha		João Rodrigo Pessanha	c. 1590	Isabel de Castelo Branco	c. 1600
João Rodrigo Pessanha	c. 1590	Ambrósio Pessanha	c. 1555	Beatriz Pessanha ¹⁴⁶	
Ambrósio Pessanha	c. 1555	João Rodrigo Pessanha	c. 1510	Joana de Mancelos	c. 1535
João Rodrigo Pessanha	c. 1510	Ambrósio Pessanha	c. 1470	Beatriz de Aboim	
Ambrósio Pessanha	c. 1470	Manuel Pessanha	c. 1420	Maria Rodrigues Alardo	c. 1440
Manuel Pessanha	c. 1420	João Rodrigues Pessanha	c. 1390	Isabel Fernandes	c. 1400
João Rodrigues Pessanha	c. 1390	Antão Pessanha	c. 1360	Maria de Abreu	
Antão Pessanha ¹⁴⁷	c. 1360	Lançarote Pessanha	c. 1320	Catarina	
Lançarote Pessanha ¹⁴⁸	c. 1320	Manuel Pessanha ¹⁴⁹	c. 1280	Leonor Afonso	

¹⁴⁶ Filha de Jorge Pessanha (c.1500) cc Maria de Goes (c.1510), prima direita do marido.

¹⁴⁷ Morreu em Aljubarrota em 14/08/1385

¹⁴⁸ 3º Almirante de Portugal

¹⁴⁹ 1º Almirante de Portugal

MONOGRAFIA DE CARIA

Condes de Caria

Titular	N.	Pai	N.	Mãe	N.
José Homem Machado de Figueiredo Leitão	22 03 1832	José Homem de Figueiredo Leitão		Josepha Emília Pinto de Sá Machado	
Bernardo Homem Machado de Figueiredo de Abreu Castelo-Branco	20 03 1856	José Homem Machado de Figueiredo Leitão	22 03 1832	Maria Matilde do Amaral Abreu Castelo-Branco	
Maria Emília Viana Homem Machado	30 08 1889	Bernardo Homem Machado de Figueiredo de Abreu Castelo-Branco	20 03 1856	Eugénia da Silveira	
Bernardo Viana Machado Mendes de Almeida	06 08 1912	Boaventura Freire Corte Real Mendes de Almeida	06 09 1874	Maria Emília Viana Homem Machado	30 08 1889

MONOGRAFIA DE CARIA

Os Coutinho

Titular	N.	Pai	N.	Mãe	
Luís Pereira Coutinho		Luís Pereira Coutinho		Leonor Coutinho de Vieira	
João Bernardo Pereira Coutinho		Luís Pereira Coutinho		Feliciana Micaela Pereira Coutinho	
Belchior Luís Pereira Coutinho	1729	João Bernardo Pereira Coutinho		D. Joana Teresa de Menezes	1704
Manuel Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes		Belchior Luís Pereira Coutinho	1729	Maria Leonor Pereira Coutinho	
João Pereira Coutinho de Vilhena		Manuel Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes		Antónia Adelaide de Albergaria Monteiro	

Banda Filarmónica¹⁵⁰

1900

Regente – Vasco Esteves Moucho

Filarmónicos – José Esteves Moucho, João Moucho, Francisco Fortuna, João Luís da Fonseca, Abel Jorge, António Caetano, Francisco Pires Correia, César Augusto Melo, António Juliano, António Bernardo, José da Fonseca, Francisco António Afonso, João Gonçalves Jorge, Felisberto Esteves Moucho, José Leonardo Pires Correia, Manuel Ribeiro, João Antunes Miguel, António Inácio.

1920

Regente – Vasco Esteves Moucho

Filarmónicos – Américo Caramelo (clarinete), Joaquim Melo (clarinete), João Abelheiro (trombone), Manuel Fonseca (cornetim), Manuel Felizardo (contra-baixo), Luís de Sousa (flautim), César Piloto (contra-baixo), António Pedro (cornetim), Luís Teles (trompa), Ernesto da Costa (cornetim).

1986

Regente – José Quintela

Filarmónicos – José Pena (contra-baixo), Manuel Barroso (contra-baixo), José Pires (barítono), Manuel Anastácio (sax-tenor), José Cerdeira (sax-tenor), Rui Craveiro (trombone, Manuel Palaca (pratos), Fernando Carapito (trompa), Arlinda Maria Tomás (trompa), José António Almeida (sax-alto), Luís António

¹⁵⁰ Marques, 2001:Anexo 20)

MONOGRAFIA DE CARIA

Silva Santos (clarinete), João Proença Ribeiro (clarinete), Fátima Segura (clarinete), Sofia Anastácio (clarinete), António Manuel Pinto Moucho (clarinete), Célia Pinheiro (requinta), Fernanda Bastos (soprano), Manuel José Gonçalves Lopes (feliscórnio), José Lúcio (trompete), Adelino Cruz (trompete), António Manuel Proença Aguilar (trompete), São Segura (trompete), Henriqueta Sousa (cornetim), José Manuel Serrão Costa (bombo), Luís de Sousa (caixa ou tarola), Célio Rui Ramos Almeida (caixa ou tarola).

2006

Regente – Luís Miguel Dias Casteleiro

Filarmónicos – José António (sax-alto), Manuel Almeida (pratos), António Mocho (clarinete), José Lúcio (trompete), Ângelo Matias (trompete), Joaquim Bidarra (trompete), Luís Miguel (barítono), José Manuel (bombo), António Aguilar (trompete), Paula Louro (clarinete), Ana Louro (clarinete), Teresa Lopes (sax-alto), Cristóvão Borrego (sax-tenor), Victor Lopes (requinta), Fernando Pinto (barítono), Rui Falcão (caixa), Felícia André (sax-tenor), Sónia Mendes (clarinete), José Luís Moucho (porta bandeira), Ricardo Oliveira (contrabaixo), Ana Patrícia (clarinete), Liliana Patrício (clarinete), José da Cruz (sax-alto), Nestor Trindade (contrabaixo), Jorge Silveira (caixa), Joana Borrego (flauta), Sofia Matos (clarinete), Sandra Matos (clarinete), Tiago Pires (sax-alto), Sandro Gonçalves (trompa), Diogo Serrão

(trombone), Carla Santos (sax-alto), Patrícia Andrade (clarinete), Líliana Casteleiro (clarinete), João Correia (trompa), David Canelo (trombone), Catarina Leitão (clarinete).

Mestres

- Vasco Esteves Moucho

Durante algum tempo a Banda esteve inactiva, sendo reactivada pelo Sr. Joaquim Afonso

- Pedro Tomás
- Alfredo Valente (da Erada)
- Virgílio de Melo Pires
- José Quintela ¹⁵¹
- Manuel Garcia
- Manuel Alves
- Luís Miguel Casteleiro

¹⁵¹ Entre outros temas, compôs a Marcha de Caria, com letra do Prof. Rogério Moura.

MONOGRAFIA DE CARIA

EMPRESAS

Nome	Localização	Actividade
AbcCaria	R. Coronel José Martins Cameira	Papelaria
Adelino Cruz	R. Coronel José Martins Cameira	Construção Civil
Agência Funerária de Caria	Largo Engenheiro Pinto Bastos	Funerária
Agrocaria	Largo Condes de Caria	Agropecuária
Aldeia Virtual, Lda	R. Coronel José Martins Cameira	Contabilidade e Gestão
António Baetas	Largo Comandante B. Mendes Almeida	Táxi
António Carvalho	Quinta de Santo Antão	Comércio de peixe
António Geraldès	Rua da Estação	Alumínios
António Penedo	Largo Comandante B. Mendes Almeida	Táxi
António Segura	Rua José Luís Rebelo	Ferragens
Antosila – S. A.	Bairro de Santo António	Comércio de vestuário
Artur Lima	Rua José Luís Rebelo	Contabilidade

MONOGRAFIA DE CARIA

Nome	Localização	Actividade
Bar Y Peras	Bairro de Santo António	Cafetaria
Bebiana	Bairro de Santo António	Restaurante
Beiragessos - Lda	Entregadouro	Gesso
Borrego e Abrantes, Lda	R. Coronel José Martins Cameira	Armazenista
Cabana	Bairro de Santo António	Cafetaria
Café da Estação	Largo da Estação	Cafetaria
Café Salcedas	Largo da Estação	Cafetaria
Carina e Gonçalves	Rua José Luís Rebelo	Comércio de Automóveis
Carpintaria e Móveis de Caria Unipessoal Lda	R. Eucaliptos, 35	Mobiliário (fabrico)
Carrocel ¹⁵²	Rua Pires Soares	Churrasqueira
Carveste	Bairro de Santo António	Confecção de calças e casacos
Celestino	Rua do Forno	Consertos de calçado

¹⁵² A grafia correcta seria Carrossel.

MONOGRAFIA DE CARIA

Nome	Localização	Actividade
Clínica Dentária Cariense, Lda	Rua José Luís Rebelo	Saúde dentária
Duas Ribeiras	Rua José Luís Rebelo	Informática
Esperança Cariano	Rua José Luís Rebelo	Supermercado
Farmácia Central	Rua Pires Soares	Medicamentos
Fernando Dias	R. Coronel José Martins Cameira	Retroescavadora
Fernando Trindade	Rua Pires Soares	Adubos, pesticidas
Frei Papinhas	R. das Lameirinhas	Cafetaria
Frescos e Companhia	Largo do Jacinto	Supermercado
Gelataria	Rua Pires Soares	Cafetaria
Halley Bar	Largo da Trincheira	Cafetaria
Hugo Miguel Teles Martins	E. N. 345	Torneados de Madeira
ICER- Lda	Ponte S. Sebastião	Moagem
Ilídio Soares	Largo Comandante B. Mendes Almeida	Táxi
J. Lourenço	R. Coronel José Martins Cameira	Padaria
J. M. Gonçalves	Quinta do Chão do Galo	Comércio de peixe

MONOGRAFIA DE CARIA

Nome	Localização	Actividade
J. P. Curto	Sítio do Entregadouro	Comércio de Automóveis
João Casteleiro	Estação	Oficina mecânica
João Luís Seguros	Rua José Luís Rebelo	Seguros
João Ricardo Martins	E. N. 18-3	Gessos
João Segura	Largo da Trincheira	Talho
Joaquim Cariano	E. N. 345	Bate-chapas e Pintura
Joaquim Carvalho Afonso	E. N. 345	Construção Civil
Joaquim Tomás	Rua Direita	Desenhador
Jorge Gomes	Bairro de Santo António	Oficina mecânica
José Bernardo	Rua da Fonte do Carvalho	Serralharia
José Cerdeira	Laje da Sobreira	Mobiliário (fabrico)
José da Cruz	Rua das Marigadas	Construção Civil
José Garcia	Laje da Sobreira	Armazenista
José Pinheiro dos Santos	Catraia	Oficina auto
Leonor Alves	Rua José Luís Rebelo	Contabilidade

MONOGRAFIA DE CARIA

Nome	Localização	Actividade
Loja dos 300	Rua José Luís Rebelo	Comércio
Lucas e Almeida, Lda	Catraia	Pneus
Luís Carias	Rua Pires Soares	Construção Civil
Luís Matos	Bairro de Santo António	Gessos
Luís Santos	Largo do Cruzeiro	Padaria
Luís Serrão	Laje da Sobreira	Serralharia
Lurdes Pereirinha	Rua José Luís Rebelo	Comércio de vestuário
M. Irene Carvalho	Sítio de S. Marcos	Seguros
M. L. Casaca	Rua José Luís Rebelo	Supermercado
M. Sardinha	Bairro de Santo António	Minimercado
Maguimóveis	E. N. 345	Fabrico de mobiliário
Manuel Martins	Rua José Luís Rebelo	Supermercado
Manuel Pereira	Bairro de Santo António	Construção Civil
Manuel S. Casaca	Ponte S. Sebastião	Máquinas para terraplanagens
Manuel S. Luís	Estrada do Monte	Alumínios

MONOGRAFIA DE CARIA

Nome	Localização	Actividade
Mário F. Pereirinha	Bairro de Santa Ana	Construção Civil
Mário Trindade	Rua Pires Soares	Rações, sementes
Matos da Fonseca	R. Joaquim Borrego Cameira	Mármore
Matos e Fonseca, Lda	Catraia	Alumínios
Mediacar	E. N. 18-3	Brindes Publicitários
Meninha	Rua Pires Soares	Charcutaria
Mira Serra	Largo Condes de Caria	Pensão e café
Móveis Borrego	Rua José Luís Rebelo	Mobiliário (venda)
Nobre e Azevedo	Catraia	Aducos
O Cangas	Largo do Jacinto	Café e Restaurante
O Cantinho das Flores	Rua José Luís Rebelo	Florista
O Garfo	Rua da República	Café e Jogos Santa Casa
O Globo	Largo do Jacinto	Cafetaria
O Kimbo	Catraia	Restaurante e Café
Olímpia Casteleiro	Rua do Poço	Talho
Pedro Duarte	E. N. 345	Gessos

MONOGRAFIA DE CARIA

Nome	Localização	Actividade
Pérola da Beira	Rua José Luís Rebelo	Ourivesaria
Piela's	Largo da Trincheira	Cafetaria
Porfírio	Largo Comandante B. Mendes Almeida	Talho
Posto Galp	Catraia	Combustíveis
Quiosque Jardim	Largo de S. Marcos	Cafetaria
Ricardo Oliveira, Lda	E. N. 18-3	Carpintaria
Rui Craveiro	Largo Comandante B. Mendes Almeida	Padaria
Salão de Jogos Pinto	R. Coronel José Martins Cameira	Cafetaria
Salão Olga	R. Coronel José Martins Cameira	Cabeleireira
Salão Paula	R. Coronel José Martins Cameira	Cabeleireira
Sapataria Cardoso	Largo de S. Marcos	Sapataria
Sapataria Costa	Rua Pires Soares	Sapataria
Sapataria Dornas	Largo da Trincheira	Sapataria
Sapataria Farias	Bairro de Santo António	Sapataria
Senhora da Esperança	Largo da Trincheira	Escola de Condução

MONOGRAFIA DE CARIA

Nome	Localização	Actividade
Sociedade Agrícola Porfeios, Lda	Lameiro dos Porfeios	Agropecuária
Step's	Estrelado	Cafetaria
Tiago's Bar	Bairro de Santo António	Cafetaria
Tinoco, Inácio e Vaz, Lda	Rua Pires Soares	Oficina Auto
Toca da Moura	Estrada de S. Marcos	Cafetaria
Toni Construções	Entregadouro	Construção civil

MONOGRAFIA DE CARIA

CORREIOS

A Câmara Municipal de Belmonte, na sessão de 29/9/1911, em resultado da comunicação da Junta de Paróquia de Caria que informa que pediu ao Governo a transformação da Estação Postal em Telégrafo Postal, delibera pedir ao Governo a criação de uma estação telegráfica para Caria.

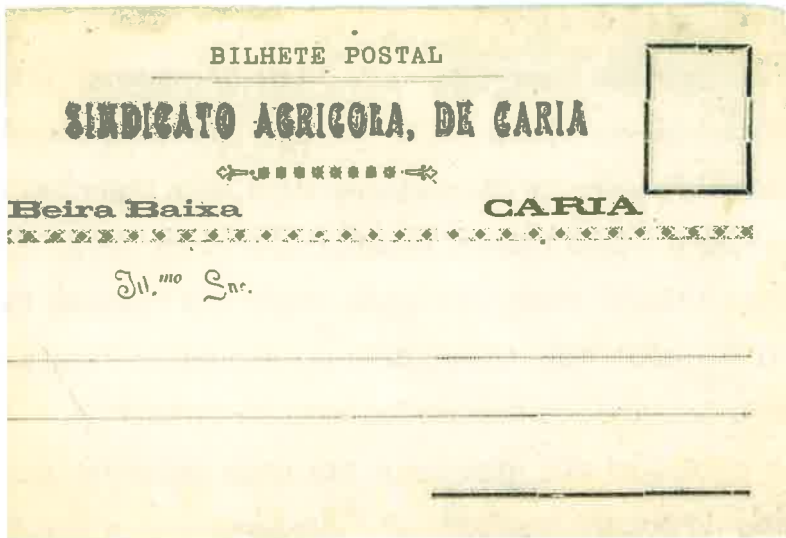
Em 1959 a lista telefónica de Caria tem 75 assinantes.

IMPrensa

Conhecem-se o Cruzeiro de Caria, jornal paroquial publicado até 1964 e «O Agricultor», órgão do Sindicato Agrícola de Caria.

O 1º número de «O Agricultor» saiu em 25 de Janeiro de 1921, tendo sido publicados apenas 3 números.

MONOGRAFIA DE CARIA



Exemplar de postal utilizado pelo Sindicato Agrícola de Caria

O Sindicato, criado em 26/02/1920, tinha como finalidade obter materiais agrícolas e maquinaria a preços reduzidos, comprando directamente aos fornecedores.

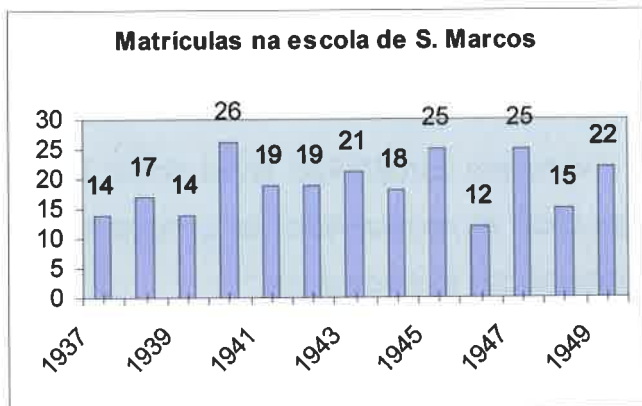
MONOGRAFIA DE CARIA

MATRÍCULAS

1º Ciclo – S. Marcos

No primeiro ano do seu funcionamento (1935/36) matricularam-se na Escola de S. Marcos, conhecida como «a escola das raparigas», as alunas Esperança Jesus Mendes Oliveira (N. 8/6/1928) e Maria Helena Proença Costa (N. 18/5/1928); no ano lectivo 1936/37 matricularam-se Maria dos Prazeres Pinheiro Nogueira (N. 26/3/1928), Leopoldina da Ascensão Pereirinha (N. 7/8/1929) e Anunciação Bidarra Taborda (N. 11/3/1929).

A evolução das matrículas nos anos seguintes pode ser observada no quadro abaixo.



INQUIRIÇÕES PAROQUIAIS ¹⁵³ DE 1758**I – O que se procura saber dessa terra é o seguinte:*****1 - Em que provincia fica, a que bispado, comarca termo e freguesia pertence?***

Esta Paroquial Igreja e Priorado de Nossa Senhora da Conceição do Lugar de Caria fica na província da Beira Baixa, é da jurisdição do Bispado da Guarda, no eclesiástico, e no secular é comarca da mesma cidade e da sua Correição; é do termo da Vila da Covilhã, sujeita ao juiz de Fora dela, porém no Cível é isenta; porque tem Juizes Ordinários, e vão as causas por apelação para a Relação do Porto.

2 - Se é del-rei, ou de donatário, e quem o é ao presente?

Pertence este lugar ao domínio e jurisdição real no secular e no eclesiástico é donatária *in solidum* a Excelentíssima Mitra da Guarda, porque apresenta esta igreja, com as suas regalias que abaixo se declaram em seu lugar.

3 - Quantos vizinhos tem (e número de pessoas)?

Tem esta povoação 286 vizinhos ou fogos; entre pessoas maiores e menores dos Sacramentos da Confissão e Comunhão até 7 anos tem 797, que vêm a ser pessoas de confissão e comunhão 707 e pessoas de confissão somente 90, que todas

¹⁵³ Inquérito ordenado pelo Marquês de Pombal

fazem a dita quantia em que entra a anexa e Capelania da Quinta do Monte do Bispo, como adiante se há-de dizer.

4 - Se está situada em campina, vale, ou monte e que povoações se descobrem dela, e quanto distam?

Está situado este lugar em um alto, pela parte Norte não tem vista alguma, porque a impede o monte ou serra de S. Giraldo, que é defesa ou devesa dos senhores da Casa de Belmonte; e para a parte do Poente se descobrem deste lugar a vila da Covilhã, com toda a sua celebrada serra da Estrela, de que melhor darão conta os habitantes daquela vila, a quem pertence, a qual dista daqui duas¹⁵⁴ léguas. Da parte do Norte está a vila de Belmonte, que se descobre com parte da sua serra, em que está fundado o convento de Nossa Senhora da Esperança, dos Padres Terceiros de S. Francisco; e da parte do Sul aparece alguma parte das povoações e lugares de Peraboa, Ferro e Tortozendo, que todos estes povos distam uns dos outros e deste uma légua ou duas em partes, pouco mais ou menos; também os lugares de Teixoso e Urjais que partem na mesma distância com os limites da dita igreja.

5 - Se tem termo seu, que lugares, ou aldeias comprehende, como se chamam, e quantos vizinhos tem?

Deste número e capítulo não há nada que se possa dizer.

6 - Se a Paróquia está fora do lugar, ou de dentro dele, e quantos lugares, ou aldeias tem a freguesia, todos pelos seus nomes?

¹⁵⁴ Não seriam três? Provável lapso.

A Igreja Paroquial deste lugar tem por título e Padroeira a Imaculada Conceição de Nossa Senhora ou a Senhora da Conceição do lugar de Caria que antigamente se chamava Nossa Senhora de Lavacolhos, como consta dos Forais do Concelho deste lugar. Está fora do povo dele, porém pouco desviada e para a parte do Norte.

Tem para a parte do Sul uma quinta que lhe pertence, chamada a Quinta do Monte do Bispo que dizem ser situada por um dos Senhores Bispos deste Bispado para seu recreio e que nela fundara uma capela (que existe, com a invocação da Virgem e Mártir Santa Luzia) só para se dizer Missa nos Domingos e dias santos. A qual tem 30 fogos e 70 pessoas de sacramento que conhecem a esta paróquia e vão os párocos daqui administrar-lhe os sacramentos. E quando lá falecem vêm-se enterrar a esta Igreja Matriz; conservam-se com um capelão a quem os moradores da referida quinta pagam para lhes dizer Missa aos domingos e dias santos de guarda, por distarem uma légua deste lugar e povo.

Também para a parte do Nascente tinha esta Igreja outra capelania no lugar chamado Quinta de Vale Verdinho, da invocação do Espírito Santo, que se desanexou desta Paróquia por ordem do Senhor Bispo que foi deste Bispado, D. Afonso Furtado de Mendonça¹⁵⁵, no ano de 1615, por consentimento do

¹⁵⁵ Será D. Afonso Furtado de Mendonça, 42º Bispo de Coimbra, nascido em Montemor-o-Novo em 1561 e falecido em 02/06/1630?

MONOGRAFIA DE CARIA

Rev.mo Prior que então existia nesta Igreja, salvos os dízimos e primícias e que nunca seriam obrigados a contribuir os Priores desta Igreja para o salário do Cura nem para a fábrica da nova erecta Capelania ou Igreja que é hoje apresentada com o título de Curato, anualmente, pelos senhores da Casa de Penedono; os moradores do dito povo, que serão pouco mais de 20, são simples colonos dos casais em que vivem, conhecendo ao Senhorio da dita Casa de Penedono, dos frutos que colhem, com as rendas que lhe pagam em cada ano.

7 - Qual é o seu orago, quantos altares tem, e de que santos, quantas naves tem; se tem Irmandades, quantas e de que santos?

Fica declarado no número e capítulo acima o orago desta igreja que é da Conceição de Nossa Senhora. Tem a igreja altar-mor em que está o tabernáculo do Santíssimo Sacramento e no trono de cima, aonde se expõem quando há a festividade do mesmo Senhor e na Semana Santa e outras extraordinárias, sempre está uma imagem da Padroeira da Igreja, que é de pau, estufada, belamente ornada e com sua coroa de prata e a capela-mor toda dentro de si e em todo o âmbito está livremente composta, o retábulo dourado, aparelhada de pinturas com emblemas da Senhora e os rompantes todos dourados.

Tem mais três altares no corpo da Igreja: dois colaterais, um da parte da Epístola, que é da Irmandade das Almas, e nele está tão somente uma imagem de Cristo Crucificado, de

estatura grande, sem mais alguma outra imagem de estatura, só a da Senhora e a do Evangelista, excelente, e o Menino com diadema também de prata; e outro de S. João, de pintura, de cada parte da dita imagem de Cristo.

Outro altar da parte do Evangelho, que é da Senhora do Rosário, onde está a bela imagem de vulto grande com madeira bem estufada, com o Menino Jesus nos braços. A Senhora com Coroa de prata. E outro altar mais, que fazem por todos quatro: é do Menino Deus que está em uma peanha, tudo dourado e bem composto e o Menino com seu resplendor de prata o qual altar por não ter correspondência, fica defronte da porta travessa para a parte do Norte.

Tem a dita Igreja duas¹⁵⁶ naves e três arcos em cada nave, de pedra fina, bem feitos e lavrados.

Tem duas Irmandades, uma do Santíssimo Sacramento e outra das Almas, e uma confraria da Senhora do Rosário. No altar do Menino Deus não há Irmandade, só uns devotos eleitos que lhe fazem, no primeiro do ano, uma festa de Missa cantada, com sermão (algumas vezes não fazem nada). Nas ditas Irmandades não há réditos mais que os anuais que se pagam pelos Irmãos e deles se fazem as festas e se mandam dizer as Missas e os Ofícios dos Irmãos que falecem.

Tem a Igreja um campanário com dois sinos bons em um lado dela ao pé do frontispício para a parte do Sul, e é de pedra

¹⁵⁶ São três.

MONOGRAFIA DE CARIA

ao antigo. É fabricada esta Igreja pelo povo e Mitra a qual, por escritura que lhe fez o Senhor Bispo deste Bispado, D. Martim Afonso de Melo, lhe paga em cada ano 8 mil reis pelos rendeiros da dita Mitra.

8 - Se o Pároco é cura, vigário, ou reitor, ou prior, ou abade, e de que apresentação é, e que renda tem?

Já se disse nos números acima que o pároco desta igreja se intitula prior. E este sempre é apresentado *in solidum* pelos senhores bispos deste bispado, porque é e sempre foi reputado por benefício da sua Mesa Episcopal, sem alternativa da Sé Apostólica ou de outro algum padroeiro eclesiástico ou secular, e assim estão de posse de apresentar a dita igreja de prior, em qualquer tempo que vagar.

Renderá a dita Igreja, uns anos pelos outros, pouco mais de 300 mil reis, *deductis expensis*, porque a Mitra percebe os frutos todos dos moradores deste lugar e somente a igreja e prior percebem a sexta parte, pelos privilégios que têm antigos, como se declarará abaixo no número 22, aonde se trata desta matéria.

9 - Se tem beneficiados, quantos, e que renda tem, e quem os apresenta?

10- Se tem conventos, e de que religiosos, ou religiosas, e quem são os seus padroeiros?

11- Se tem hospital, quem o administra e que renda tem?

12- Se tem casa de Misericórdia, e qual foi a sua origem, e que renda tem; e que houver notável em qualquer destas cousas?

Do número nono, décimo, undécimo e duodécimo não há nada que dizer se possa.

13- Se tem algumas ermidas, e de que santos, e se estão dentro ou fora do lugar, e a quem pertencem?

Há neste lugar e povo oito capelas e ermidas: a de S. Sebastião que está na entrada do lugar; a do Espírito Santo que está dentro; a de Santa Ana que está no fim; a de Santo António que está ao pé da Igreja Matriz; a de S. Marcos e a de S. Domingos que estão fora do povo; dentro estão duas de particulares com comunicação para as ruas do lugar, uma de Santa Constança e outra da Senhora do Carmo. Assim numas como noutras há várias imagens pequeninas; não sei que nelas haja concurso de romagem mais que na de Santa Constança virão algumas pessoas em algumas ocasiões de romaria, porém não há em nenhuma concurso em dia certo. Não há nas ditas capelas Irmandade ou Confraria somente na do Espírito Santo há uns mordomos que lhe fazem sua festa, principiando em dia de Páscoa, depois pelos domingos seguintes até à dita festa do Espírito Santo, festejando com folias pelo costume antigo que há nesta e em outras províncias. Todas as capelas acima ditas são do povo deste lugar e se paramentam e consertam pelo concelho dele, menos as duas particulares de que se fez menção.

14- Se acode a elas romagem, sempre, ou em alguns dias do ano, e quais são estes?

Está dito no número 14, no número acima o que pertence a este. E nada há mais que se possa dizer nele.

15- Quais são os frutos da terra que os moradores recolhem em maior abundância?

Os frutos que há nesta terra e cultivam os moradores dela, são : trigo, cevada, milho grosso e miúdo, grãos de bico e todas as mais sementes, porém com maior abundância há feijão e centeio. Também recolhe azeite e algum vinho. Também há bastantes gados, assim de reses como de pastores, ovelhas e cabras. Cultiva-se bastante linho.

16- Se tem juiz ordinário, etc., camara, ou se está sujeita ao governo das justiças de outra terra, e qual é esta?

Já se disse e fica dito no número primeiro. A respeito deste e para maior clareza digo: que se governa este lugar e povo muito bem no económico; no político rege-se o seu concelho com dois Juizes Ordinários e Procurador, um escrivão e três homens de acordo a que chamam Regedores com seu Porteiro.

Tem casas da câmara com seu sino para convocar aos actos de Concelharia o Povo dele e para as audiências que se costumam fazer às partes nas Quartas – feiras e sábados de cada semana, não sendo dias feriados. Tem Casa de Cadeia e por baixo outra que serve para açougue. Despacham os Juizes Ordinários por Assessores quando não são formados. Está sujeita no crime e órfãos ao Juiz de Fora da Vila da Covilhã e no Cível à Relação do Porto para onde vão as causas daqui por apelação.

É da Correição e Comarca da cidade da Guarda e vem o Corregedor dela aqui fazer as pautas de três em três anos para a eleição de Juizes e oficiais. Não sei que haja ofício de propriedade ou de oficial público nele encartado, senão o Escrivão do Concelho que serve por provimento do Corregedor da Comarca.

17- Se é couto, cabeça de concelho, honra ou behetria¹⁵⁷?

18- Se há memória de que florescessem, ou dela saíssem, alguns homens insignes por virtudes, letras ou armas?

19- Se tem feira, e em que dias, e quanto dura, se é franca ou cativa?

Aos números 17, 18 e 19 não há que responder.

20- Se tem correio, e em que dias da semana chega, e parte; e, se o não tem, de que correio se serve, e quanto dista a terra donde ele chega?

Aqui não há correio e serve-se do da Vila da Covilhã.

21- Quanto dista da cidade capital do bispado, e quanto de Lisboa, capital do reino?

Está este lugar em distância da cidade capital do bispado, que é a cidade da Guarda, 5 léguas e da cidade de Lisboa, capital do reino, 48 léguas.

¹⁵⁷ Na alta Idade Média, povoação rural que tinha o direito de escolher livremente os senhores que mais lhe conviessem para sua defesa e bem-estar. (Do b. lat. *benefactoria*-, «benfeitoria»), pelo cast. *behetría*, «id.»)

¹⁵⁷Era também Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício, por carta de 9.3.1706

22- Se tem algum privilégio, antiguidades, ou outras coisas dignas de memória?

Por relação antiga das memórias deste Bispado da Guarda, no tempo em que a Catedral dele existia na Idanha-a-Velha e nela assistiam os Bispos com o seu governo, sendo ainda no tempo em que a Espanha se achava inficionada dos Godos, como melhor constará do catálogo dos Bispos deste Bispado, entre eles estando governando o Bispo D. Frei João Martins e no mesmo tempo reinava neste Reino de Portugal o senhor D. Afonso III de gloriosa memória, no ano de 1260 mais ou menos, o dito Senhor Bispo, pela tradição que há, foi o motivo e causa impulsiva para alcançar do dito Senhor que houvesse neste lugar seu Concelho e Câmara com Juizes Ordinários com muitas outras regalias que pelo decurso do tempo e sujeição ao governo de Castela se perderam algumas mormente com Vacância dos Prelados nos Bispados deste Reino entre os quais padeceu mais este pela vizinhança ao de Castela que estando *viduata pastore* a Mitra da Guarda perdeu este lugar e povo para se lhe abolirem as honras e isenções que tinha e gozava nesse tempo e hoje tão somente tem o conhecimento do que foi, pelo que bem se mostra que os moradores deste povo conhecem ainda hoje a Mitra deste Bispado, pagando-lhe da novidade do centeio «Reção» que vem a ser de dez alqueires um de «Reção» e outro de dízimo, e da mesma forma a cevada, milho grosso e miúdo. E do vinho de cada 18 almudes, um de «Reção» exceptuando o

dízimo. E com este censo chamado «Reção» é que conhecem os Moradores deste povo aos Senhores Bispos da Guarda, em atenção aos privilégios de que gozavam naquele tempo e na fundação deste lugar que haverá 500 anos pouco mais ou menos que foi fundado.

E para melhor confirmação do que se tem dito se colhe de que os Senhores Bispos deste Bispado antigamente tinham casas e habitavam neste lugar que ainda existem parte delas em o mais alto dele junto à Igreja Principal e Matriz e se conservam com o título de Casas da Torre e pegado a elas há uma trincheira ao modo de forte com grande território continuado a modo de quinta com terras de cultura e olivais chamado ao dito território «Os Próprios» o que tudo valerá melhor de 3000 cruzados. São isentos que não pagam a «Reção» ou censo algum mais que o dízimo porque se diz que estas Casas da Torre foram doadas com todos os prédios ou emprazadas por um Senhor Bispo deste Bispado de quem eram, em um seu parente e hoje possui esta por prazo, Francisco Xavier de Mendonça, Capitão-mor da vila do Sardoal¹⁵⁸, o qual nele há pouco fez património a um seu filho para se ordenar clérigo a título dele e reconhece a Mitra em todos os anos com 18 alqueires de azeite, como direito Senhor¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Era também Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício, por carta de 9.3.1706

¹⁵⁹ Seria Frei Diogo de Mendonça, filho do casamento efectuado na Guarda, cerca de 1690, com Catarina Josefa de Albuquerque ?

MONOGRAFIA DE CARIA

Esta Casa e Torre mostra antiguidade e tem algumas inscrições de letras que já se não podem ler. Está entrincheirada como se disse e nas partes principais do lugar à entrada de S. Sebastião e à saída para Santa Ana há também em cada uma outra trincheira para defesa do povo em tempo de guerra, que se diz e consta que foram mandadas fazer no ano de 1650, depois da Aclamação do Reino pelo Senhor D. João IV, de gloriosa memória. E são estas as antiguidades que há neste lugar e povo.

23- Se há perto dela alguma fonte, ou lagoa célebre, e se as suas águas tem alguma especial qualidade?

Há neste lugar, dentro e fora dele, seis fontes: a primeira e principal chama-se fonte do Carvalho. É de rara grandeza toda feita de pedra de esquadria em abóbada, com colunas no pórtico. Não consta que secasse em ano algum, por mais esterilidade que houvesse de águas .

Outra, chamada a fonte do Ruivo, mais pequena e novamente consertada. Também não consta que secasse.

A do chafariz à ponte de Santa Ana.

A do outro chafariz à ponte de S. Sebastião.

A fonte da Laje do Monte, mais desviada do povo, que serve no Verão de muita utilidade para os homens de trabalho e serviço nas malhas do pão e mormente para beberem os gados no Verão; também não consta que secasse.

A chamada fonte do Prior, porém esta e a fonte de Santa Ana secam de Verão.

Não têm particularidade alguma as águas delas. Entre todas a menos pesada e mais saudável é a da dita fonte do Carvalho.

24- Se for porto de mar, descreva-se o sitio que tem por arte ou por natureza, as embarcações que o frequentam e que pode admitir?

Não há que se diga neste número porque está este lugar metido no sertão pela terra dentro, distante do mar 28 léguas, que tantas são daqui à vila de Aveiro, porto de mar.

25- Se a terra for murada, diga-se a qualidade dos seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se ha nela, ou no seu distrito algum castelo, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente?

Deste número 25 está dito no número 22 o que há neste lugar.

26- Se padeceu alguma ruina no terramoto de 1755, e em quê, e se está reparado?

A este número digo que, por diligência de Deus, não padeceu este lugar ruína alguma com o terramoto do primeiro de Novembro do ano de 1755.

27- E tudo o mais que houver digno de memória, de que não faça menção o presente interrogatório.

A este número 27 e último desta primeira parte do impresso remetido e dos mais não há coisa memoranda que se diga, relatar se possa além do que está acima escrito.

II – O que se procura saber dessa serra é o seguinte:

1 – Como se chama?

2 – Quantas léguas tem de comprimento e quantas de largura; onde principia e onde acaba?

3 – Os nomes dos principais braços dela?

4 – Que rios nascem dentro do seu sítio e algumas propriedades mais notáveis neles; as partes para onde correm e onde fenecem?

5 – Que vilas e lugares estão assim na serra como ao longo dela?

6 – Se há no seu distrito algumas fontes de propriedades raras?

7 – Se há na serra minas de metais ou canteiras de pedra ou de outros materiais de estimação?

8 – De que plantas ou ervas medicinais é a serra povoada e se se cultiva em algumas partes e de que géneros de frutos é mais abundante?

9 – Se há na serra alguns mosteiros, igrejas de romagem, ou imagens milagrosas?

10 – A qualidade do seu temperamento?

11 – Se há nela criações de gados ou de outros animais ou caça?

12 – Se tem alguma lagoa ou fojos notáveis?

13 – E tudo o mais que houver digno de memória.

Em quanto ao que se pede e procura saber a respeito dos números e capítulos da Segunda parte do impresso remetido e retro inserto (Sertão, Serras), não há nada que se dizer neste particular, por estar este lugar na forma que se tem declarado, entre povoados quase por todos os lados.

III – O que se procura saber do rio dessa terra é o seguinte:

- 1 – Como se chama assim o rio como o sítio onde nasce?*
- 2 – Se nasce caudaloso e se corre todo o ano?*
- 3 – Que outros rios entram nele e em que sítio?*
- 4 – Se é navegável e de que embarcações é capaz?*
- 5 – Se é de curso arrebatado ou quieto em toda a sua distância, ou em alguma parte dela?*
- 6 – Se corre de Norte a Sul, se de Sul a Norte, se de Poente a Nascente, se de Nascente a Poente?*
- 7 – Se cria peixes e de que espécie são os que traz em maior abundância?*
- 8 – Se há nele pescarias, e em que tempo do ano?*
- 9 – Se as pescarias são livres, ou de algum senhor particular; em todo o rio ou em alguma parte dele?*
- 10 – Se se cultivam as suas margens e se tem muito arvoredado de fruto ou silvestre?*
- 11 – Se têm alguma virtude particular as suas águas?*
- 12 – Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter diferente em algumas partes e como se chamam estas ou se há memória de que em outro tempo tivesse outro nome?*
- 13 – Se morre no mar ou em outro rio e como se chama este e o sítio onde entra nele?*
- 14 – Se tem alguma cachoeira, represa, levada ou açudes que lhe embarquem o ser navegável?*
- 15 – Se tem pontes de cantaria, ou de pau, quantas e em que sítio?*
- 16 – Se tem moinhos, lagares de azeite, pisões, noras ou outro algum engenho?*
- 17 – Se em algum tempo, ou no presente, se tirou ouro das suas areias?*

MONOGRAFIA DE CARIA

18 – Se os povos usam livremente das suas águas para a cultura dos campos, ou com alguma pensão?

19 – Quantas léguas tem o rio e as povoações por onde passa desde o seu nascimento até onde acaba?

20 – E qualquer outra coisa de notável que não vá neste interrogatório.

Na terceira parte aonde se procura saber do rio dessa terra, nela não há rio algum, porém há três ribeiras fortes e caudalosas no tempo de Inverno que não dão passagem para se entrar ou sair deste lugar; assim, fica totalmente mortificado este povo e bem se lhe pode chamar ilha quando enchem as ribeiras todas.

A primeira e principal ribeira chama-se de S. Sebastião e tem seu princípio por cima do lugar de Bendada, nas serras chamadas da Frágua. Não tem ponte alguma mais que a de S. Sebastião, junto a este lugar, com três olhais, a qual é de pau e está totalmente arruinada e precisa de grande conserto.

A ribeira de Santa Ana tem seu princípio por cima da quinta de Santo Amaro (no distrito da vila de Sortelha) nas quintas chamadas dos Vieiros. Não tem ponte alguma mais que a de Santa Ana, junto a este lugar, que é de pau, com um só olhal que está menos mal.

A ribeira da Ponte da Capinha tem seu princípio por cima da quinta do Panasco. A esta se lhe junta um ribeiro, chamado de D. Maria que tem seu princípio na serra da Barrenta do limite deste lugar. Tem duas pontes: uma de pedra, chamada a da

Capinha, e outra de pau, junto a um moinho chamado do Redondo. As quais ribeiras ambas se juntam por cima do Pinheiral que é do limite deste lugar, onde está outra ponte de pau com corta mares de pedra, tudo arruinado por causa das enchentes e inundações.

Padece grande detrimento este povo como todos os que vêm para ele de muitas partes.

Logo em pouca distância se juntam as três ribeiras acima ditas e declaradas que se vão incorporar no notável rio chamado Zêzere, que dista deste lugar pouco mais de meia légua, e de cujas particularidades darão conta seus confrontantes.

E não há mais que se diga nem memoradamente relatar se possa, neste parágrafo único, nem nos mais números ou capítulos, no papel impresso e remetido por ordem de Sua Majestade Fidelíssima, e pela sua Secretaria de Estado enviado a Vossa Excelência Reverendíssima, o que tudo vai na verdade incluso e incorporado nesta informação, à qual me reporto. Vossa Excelência Reverendíssima mandará o que for servido, que em tudo fico subordinado a sua obediência e ordens de Sua Majestade, que Deus Nosso Senhor conserve a vida e guarde espiritual e temporalmente, para bem governar este seu reino e a Vossa Excelência Reverendíssima o seu bispado, por muitos e felizes anos.

Caria, 13 de Abril de 1758

MONOGRAFIA DE CARIA

De Vossa Excelência Reverendíssima, humilíssimo criado e menor capelão

A) Gervásio Pereira Campos

GLOSSÁRIO

abegoaria

do Lat.
a + Pecuaría
s. f.,
lugar onde se
recolhe o gado
e utensílios de
lavoura;
estabelecimento
municipal, onde
se recolhem os
animais e o
material
empregado na
limpeza pública.

abóbada

do Cast. bóveda
s. f.,
construção
levantada em
arco;
tecto arqueado;
elemento
encurvado das
pontes,
destinado a
suportar o
tabuleiro.

acanto

do Lat. acanthu
< Gr. ákanthos,
acanto
s. m., Bot.,

planta
espinhosa
chamada erva-
gigante;
Arquit.,
ornato
característico do
capitel coríntio,
feito à
semelhança das
folhas de
acanto.

açougue

do Ár. assok
s. m.,
talho;
matadouro;
abundância de
carne;

adail

do Ár. addalil,
guia
s. m., ant.,
chefe ou guia
dos soldados;
cabo de guerra;
caudilho.

adintelado

adj. Arq.
diz-se do arco
que é
inferiormente
recto.

adossado

do Fr. adossé <
Lat. ad + dorsu,
dorso
adj., Heráld.,
diz-se de duas
peças idênticas,
que estão, nos
escudos, de
costas viradas
uma para a
outra.

aforar

dar ou
conceder foro
ou foral

alçada

de alçar
s. f.,
limite de acção
de um
magistrado;
competência;
jurisdição;
Dir.,
tribunal
colectivo e
ambulante que
percorria as
povoações,
administrando
justiça.

MONOGRAFIA DE CARIA

alcaria

do Ár. alkariya
s. f., Bot.,
planta das
areias;
ant.,
casa de campo;
aldeia mourisca.

alminhas

s. f. pl.,
painel que
representa as
almas do
purgatório;
pequenos
altares
colocados à
beira dos
caminhos com o
objectivo de
levar os
viandantes a
rezar pelas
almas do
purgatório.

ambão ou

ambom

s. m.
espécie de
púlpito, estante
ou tribuna, com
duas escadas,
uma para cada
lado à entrada

da capela-mor
de algumas
igrejas do séc.
XII, destinada à
leitura da
epístola ou ao
canto do
evangelho, na
missa;

âmbula

do Lat. Ampulla
s. f.,
vaso pequeno
de gargalo
estreito, bojo
largo e fundo
redondo;
Ecles.,
pequeno vaso,
em que se
guardam os
santos óleos.

apelação

do Lat.
appellatione
s. f.,
acto de apelar;
recurso para
tribunal superior;

apresentação

s. f.,
acto ou modo
de se
apresentar;
porte pessoal;
proposta para
provimento de
certos cargos;
festa que a
Igreja Católica
celebra a 21 de
Novembro em
comemoração
de a Virgem
haver sido
apresentada no
Templo, aos 3
anos de idade;

arauto

do Fr. ant. hiraut
< Franco
herialt?, Lat.
haraldus?
s. m., ant.,
oficial
encarregado de
conferir e
verificar os títulos
de nobreza, de
declarar a paz
ou a guerra e de
fazer
proclamações
solenes.

arcipreste

do Fr. arcipreste
< Lat. archi,
superior,
presbyteru,
presbítero < Gr.
archipresbýteros
s. m.,
delegado do
bispo com
jurisdição sobre
determinado
número de
freguesias;
primeiro dos
presbíteros;
título honorífico
que confere ao
pároco nele
investido certa
preeminência
com relação
aos demais
párocos da
diocese.

arquivolta

do It. archivolto
s. f.,
moldura que
guarnece o
arco.

arrolamento

s. m.,
acto de arrolar;

inventário de
bens ou
objectos.

arruela

do Fr. ant. roele
s. f.,
círculo, em
forma de
moeda, que
figura nos
escudos
heráldicos;
ornato do
brasão,
semelhante ao
besante, mas de
cor e não de
metal;
porção de prata
que os ourives
vasam nos
tijolos;

asna

do Lat. asina
s. f.,
peça de
madeira em
ângulo e sobre
cujo vértice
assenta o pau-
de-fileira;
Heráld., ângulo
formado por

duas barras que
se afastam
inferiormente.

aspa

do Germ. haspa,
dobadoira
s. f.,
instrumento de
suplício em
forma de X, ou
cruz de Santo
André;
cruzamento de
madeira em X,
para
construções;
cruz de pano
que se punha
nos sambenitos;
insígnia
heráldica com a
forma de X;

assessor

do Lat. assessore
s. m.,
assistente,
adjunto, auxiliar;
coadjutor;
ajudante;
ant.,
letrado que
assistia ao juiz

MONOGRAFIA DE CARIA

leigo para o ajudar;
letrado que acompanhava os embaixadores.

assistir

do Lat. assistere
v. int.,
estar presente;
habitar;
socorrer;
amparar;
proteger;
v. tr. e int.,
fazer companhia;
prestar socorros materiais ou espirituais.

barroco

adj.,
relativo ou característico do estilo barroco;
ornamentado;
exuberante;
fig.,
irregular;
extravagante;
s. m.,
estilo próprio das produções

artísticas e literárias, que ocorreu aproximadamente entre os fins do séc. XVI e os meados do séc. XVIII, e que se caracteriza pela pompa ornamental, pelo preciosismo decorativo, pelo floreado e pelos conflitos entre o espiritual e o temporal, entre o místico e o terreno.

besante

do Fr. besant < Lat. byzantiu, de Bizâncio
s. m.,
antiga moeda de ouro bizantina;
rodela lisa que representa moeda de ouro ou de prata nos brasões e simboliza o direito de cunhar moeda.

bisel

s. m.,
extremidade chanfrada;
chanfradura;
borda de vidro cortada obliquamente;
peça de apertar formas no prelo;
engaste de pedra de anel.

cabido

do Lat. Capitulu
s. m.,
conjunto dos cónegos de uma catedral;
ant.,
assembleia constituída por uma ordem religiosa;
alpendre anexo a uma igreja.

canonicato ou **conezia**

do Lat. Canonicatu
s. m.,
dignidade de cónego.

cantaria

de canto
s. f.,
pedra rija e
esquadrada
para
construções.

capela

do Lat. *capella*
s. f.,
igreja pequena;
santuário;
cada uma das
divisões de um
templo com o
respectivo altar;
grinalda de
folhas ou flores;

capelania

s. f.,
cargo ou
benefício
usufruído pelo
capelão.

capelão

s. m.,
sacerdote que
tem a seu cargo
dizer missa numa
capela;
padre que diz
missa nos

regimentos e
assiste
espiritualmente
aos militares, aos
reclusos, aos
doentes, e
também nos
conventos.

caria

s. f.,
género da
família das
juglandáceas
de boa madeira
e produtora de
nozes ricas em
óleo.

cariátide

do Lat.
caryatides < Gr.
karyátides,
(donzelas) de
Cárias, cidade
grega da
Lacónia,
«estátuas de
mulher a
servirem de
colunas»
s. f.,
figura de mulher
que serve de
base a uma

cornija ou
arquitrave.

carranca

s. f.,
rosto sombrio,
carregado;
cara disforme,
de pedra,
madeira ou
metal, com que
se ornamentam
diversas
construções.

cartela

s. f.,
superfície lisa, no
pedestal de
uma estátua ou
em qualquer
outro ornamento
arquitectural,
onde se inscreve
uma legenda;
mísula que
sustenta ou
aparenta
sustentar
membros de
grande vulto;
quadro com
orações
colocado no
altar.

MONOGRAFIA DE CARIA

censo

do Lat. censu
s. m.,
recenseamento
geral da
população;
rendimento que
serve de base
ao exercício de
certos direitos;
pensão anual
pela posse da
terra ou em
virtude de um
certo contrato.

chanfrar

do Fr. chanfrer
v. tr.,
fazer chanfros
ou chanfraduras
em;
recortar em
forma de meia
lua;
dentar;
cortar os
ângulos,
tirar as arestas.

chantre

do Fr. chantre,
cantor de igreja
s. m.,
eclesiástico que
dirige o coro

numa sé ou
colegiada.

citânia

do Lat.
*civitatania?
s. f.,
nome comum a
antigos
povoados
acastelados dos
tempos romanos
ou pré-romanos
da Península
Ibérica.

colegiada

s. f.,
corporação de
sacerdotes que
têm funções de
cónegos em
igreja que não é
episcopal;
igreja onde
existe essa
corporação.

comarca

do Lat.
commarca
s. f.,
divisão de
distrito judicial;
região;
país;

território;
ant.,
confins ou ponto
confinante de
povos limítrofes.

concheado

adj.
que tem
concha;
s.m.
estilo de
decoração que
imita as conchas
marinhas

cónego

do Lat. canonicu
< Gr. kanonikós,
regular
submetido à
regra de um
cabido
s. m.,
clérigo que é
membro do
cabido.

coroamento

s. m.,
acto de coroar;
coroação;
remate;
ornato que
coroa um
edifício.

corregedor

de corregedor
s. m., ant.,
funcionário que
estava à testa
de cada uma
das
circunscrições
administrativas
de Portugal;
imediate
representante
do soberano na
respectiva
circunscrição
(comarca) a
quem competia
zelar pela
jurisdição régia e
superintender os
oficiais da sua
comarca,
investigando o
modo como era
ministrada a
justiça, etc..

correição

do Lat.
correctio
s. f.,
correição, visita
do corregedor
aos cartórios da
sua alçada;
devassa;

vistoria que as
autoridades
mandam fazer
às testeiras dos
terrenos
marginais para
verificar se
foram feitas as
limpezas pelos
respectivos
donos.

corta-mar

s. m.,
quebra-mar;
prolongamento
dos pegões de
uma ponte para
os fortalecer.

coruchéu

do Fr. clocher
s. m.,
remate de torre,
de edifício
elevado;
elemento
arquitectural dos
estilos gótico e
românico,
formado por
pequena torre,
terminada em
pirâmide;

as almenaras da
arquitectura
árabe;
zimbório;
mitra de
papelão usada
pelos penitentes
da Inquisição.

credência

do It. credenza <
Lat. credentia,
crença,
confiança
s. f.,
mesinha
contígua ao
altar, onde se
colocam as
galhetas e mais
acessórios para
a celebração
da missa;
nicho com mesa
de escrever, nos
corredores dos
conventos;
mesa onde nas
antigas basílicas
se colocavam
as oferendas dos
fiéis;
espécie de
aparador em
sala de jantar;

MONOGRAFIA DE CARIA

cura

do Lat. cura,
cuidado
s. f.,
acto ou efeito
de curar;
recuperação da
saúde;
tratamento;
medicação;
fig.,
regeneração,
emenda;
s. m.,
pároco de
aldeia;
coadjutor de
pároco.

curato

do Lat. curatu,
que cuida
s. m.,
cargo do cura;
habitação do
mesmo;
povoação
pastoreada por
um cura.

deão

do Fr. doyen <
Lat. Decanu
s. m.,
dignitário
eclesiástico que

preside ao
cabido, numa
Sé.

dentear ou **dentelar**

v. tr.,
prover de
dentes;
recortar;
dentar;
chanfrar.

deputado

do Lat. deputatu
s. m.,
membro eleito
de uma
assembleia
legislativa ou
constituente;
membro eleito,
vogal de certas
instituições;
aquele que é
comissionado
para tratar de
negócios de
outrem junto de.

deputar

do Lat.
deputare, enviar
missão
v. tr.,

mandar alguém
incumbido de
missão;
delegar;
incumbir;
ant.,
assinalar;
designar;
marcar.

diadema

do Lat. diadema
< Gr. diádema,
s. m.,
espécie de faixa
ornamental, de
metal ou de
estofado, com que
os soberanos
cingem a
cabeça;
jóia, em forma
de meia coroa,
para o toucado
das senhoras;
coroa;
autoridade
soberana.

dintel

do Cast. dintel?
s. m.,
verga de pedra
ou ferro que
forma a parte

superior das portas e janelas; cada um dos degraus laterais em que assentam as prateleiras da estante; lintel.

dízimo

do Lat. decimu s. m., a décima parte; contribuição que se pagava à Igreja e que consistia na décima parte dos frutos colhidos.

donatário

do Lat. donatariu s. m., aquele a quem fizeram uma doação; aquele que recebia, no período dos Descobrimentos uma extensão de território para

povoar, explorar e administrar.

elmo

do Gót. hilms s. m., antiga armadura para a cabeça; espécie de capacete cilíndrico ou pontiagudo.

enfiteuta

s. 2 gén., pessoa que recebe ou tem o domínio útil de um prédio pelo contrato de enfiteuse; foreiro; emprazador.

ermamento

s. m., acto ou efeito de ermar; despovoamento

ermar

de ermo v. tr. e int., transformar em ermo; despovoar; viver no ermo.

ermitão

fem. ermitoa s. m., eremita; o que trata de uma ermida.

erisipela

do Lat. erysipelas < Gr. erysípelas, enrubescimento da pele s. f., doença infecciosa, causada por estreptococos.

escrivão das achadas

funcionário encarregado de registar as multas aplicadas aos indivíduos «achados» a praticar qualquer delito.

esmalte

do Germ. smalt
s. m.,
substância
vítrea, branca
ou de cores
variadas, que se
aplica como
ornato e
protecção sobre
metais ou
porcelana;
substância que
reveste a coroa
dos dentes;
fig.,
realce;
brilho;
esplendor;
cores do escudo
heráldico.

esquartelado

adj., Heráld.,
diz-se do escudo
dividido em
quartéis e em
cruz.

facultativo

adj.,
que dá a
faculdade ou o
poder de;
que permite que
se faça ou não

se faça uma
coisa;
s. m.,
aquele que
exerce a
medicina;
médico.

foral

de foro
s. m., Hist., carta
de lei que
regulava a
administração
de uma
localidade ou
lhe concedia
privilégios;
título de
aforamento de
terras.

foro

do Lat. foru
s. m.,
renda ou
pensão que o
enfiteuta paga
anualmente ao
senhorio directo;
domínio útil de
um prédio;

encargo
habitual;
uso ou privilégio
garantido pelo
tempo, ou pela
lei;
imunidade;
(no pl.) direitos,
privilégios.

franchado

do Lat. fractu?,
quebrado
adj., Heráld.,
diz-se do brasão
dividido
diagonalmente
em quatro;
o mesmo que
esquartelado
em aspa.

frontão

s. m.,
peça
arquitectónica
que adorna a
parte superior
de portas ou
janelas ou que
coroa a entrada
principal

gárgula

s. f.,
bica saliente nos
beirais dos
telhados, pela
qual as águas
pluviais caem
distanciadas das
paredes dos
edifícios;
especialmente,
cada uma das
figuras
caprichosas e
fantásticas que,
para esse fim,
ornam os
monumentos
ogivais da Idade
Média.

gótico

do Lat. *goticu*
adj.,
relativo aos
Godos;
proveniente dos
Godos;
diz-se de um tipo
de caligrafia;
diz-se do estilo
arquitectónico
prevalecente na
Europa
Occidental nos
sécs. XIII a XV

que se
caracterizava
pela abundante
utilização de
arcos e
abóbadas em
ogiva;

honra

s. f.,
ant.,
terra
privilegiada, de
fidalgos ou
cavaleiros.

inficionar

do rad. lat.
inficere
v. tr.,
infeccionar;
contaminar;
perverter.

isenção

do Lat.
exemptio
s. f.,
acto de eximir;
imunidade;
independência;
nobreza de
carácter;
abnegação;
renúncia;
desinteresse.

juglandáceas

do Lat. *juglande*
s. f. pl., Bot.,
família de
árvores que têm
por tipo a
nogueira.

lampassado

adj. Heráld.
diz-se da língua
do leão e de
outros
quadrúpedes
heráldicos,
quando de
esmalte
especial.

listel

do It. *listella*
s. m.,
moldura que
acompanha
outra maior;
moldura estreita
e lisa em
arquitectura;
filete.

MONOGRAFIA DE CARIA

mamo

s. f.,
pop.,
montão de terra
que cobre antas
ou túmulos pré-
históricos.

maneirismo

s. m.,
carácter
extravagante e
pouco natural
nas maneiras ou
processos
artísticos;
afectação;
presunção;
termo que
designa a arte
europeia entre
os sécs. XVI e
XVII, de
transição entre o
Renascimento e
o Barroco,
caracterizada
por formas muito
trabalhadas,
efeitos bizarros e
alongamento
das figuras e, de
um modo geral,
pela atenção

preponderante
dada ao estilo
(forma) em
relação ao
tema
(conteúdo).

masseira

s. f.,
designação do
tecto
aconchado.

meirinho

do Lat. majorinu,
dim. de major,
maior
s. m.,
o maior
magistrado das
comarcas,
antigamente;
antigo oficial de
justiça,
correspondente
ao oficial de
diligências de
hoje;

mísula

do It. mensola <
Lat. mensula,
pequena mesa
s. f.,

ornato que
ressai de uma
superfície,
geralmente
vertical, e que
serve para
sustentar um
arco de
abóbada, uma
cornija, figura,
busto, vaso, etc..

morgadio

s. m.,
qualidade de
morgado;
conjunto de
bens vinculados
que constituem
um morgado.

morgado

do Lat.
maioricatu?,
maioratu <
maior, mais
velho
s. m.,
filho primogénito
ou herdeiro de
possuidor de
bens vinculados;
por ext. filho
mais velho ou
único;

conjunto de bens vinculados indivisíveis e inalienáveis que, por morte do possuidor, passava ao filho primogénito.

movente

do Lat. movente
adj. 2 gén.,
que move ou
que se move;
móvel.

nártex

do Lat. narthex <
Gr. nártex,
caixa de
canafrexa
s. m.,
espécie de
alpendre ou
vestíbulo à
entrada das
antigas basílicas,
reservado para
os
catecúmenos,
energúmenos e
penitentes;
por ext. pórtico.

olhal

de olho
s. m.,
vão entre os
pilares de
pontes ou
arcadas.

ombreira

de ombro
s. f.,
cada uma das
partes laterais e
fixas que
sustentam a
verga ou os
enxaiméis
superiores da
porta ou da
janela;
entrada.

orago

do Lat. oraculu
s. m.,
santo a quem é
dedicado um
templo ou
capela;
oráculo;
invocação.

padieira

s. f.,
verga de porta
ou janela,

especialmente
se a verga é de
madeira.

padroado

do Lat.
Patronatu
s. m.,
direito de
protector,
adquirido por
quem fundou ou
dotou uma
igreja;
direito de
conferir
benefícios
eclesiásticos;
o território onde
se exerce esse
direito.

pâmpano

do Lat. pampinu
s. m.,
sarmento;
ramo tenro de
videira;
parra;
ornato
arquitectónico
imitando a haste
da vinha com
parras e uvas.

MONOGRAFIA DE CARIA

paquife

s. m.,
Heráld.,
folhagem que
sai do elmo e
serve de ornato
ao escudo.

pilastra

do It. pilastro
s. f.,
 pilar de quatro
faces, aderente
por uma delas a
um edifício.

plinto

do Lat. plinthu <
Gr. plínthos, tijolo
s. m.,
peça
quadrangular,
que serve de
base a um
pedestal ou
coluna;
soco em que
assentam os pés
da estátua;
aparelho de
ginástica próprio
para saltos.

poia

s.f.
pão ou bolo que
se deixa ao
dono do forno
em retribuição
da cozedura da
fornada;
porção de
azeite que se dá
ao dono do
lagar onde se
moeu a
azeitona.

porteiro

do Lat. portariu
s. m.,
aquele que
guarda uma
porta ou
portaria;
o que apregoa
em leilões
judiciais;
ant.,
cobrador de
direitos reais.

prazo

do Lat. placitu,
aprazimento
s. m.,
tempo
determinado;

tempo durante
o qual se deverá
realizar alguma
coisa;
o termo de um
determinado
período de
tempo;
aforamento;
prédio
enfitêutico;
ant.,
esfera de
jurisdição ou
influência;
por ext. ónus.

prebenda

do Lat.
Preabenda
s. f.,
rendimento de
um canonicato;
canonicato;
por ext. renda
eclesiástica.

presúria

do Lat. bár. b.
presura
s. f.,
reivindicação ou
reconquista à
mão armada;
posse justificada
de um terreno.

primícias

do Lat. primitias
s. f. pl.,
primeiras
produções;
os primeiros
frutos;
os primeiros
efeitos;
prelúdios.

prior

do Lat. Priore
s. m.,
pároco de
certas
freguesias;
superior de
convento;
dignitário de
certas
corporações;
dignitário de
ordem militar.

priorado

do Lat. Prioratu
s. m.,
cargo ou
dignidade de
prior;
tempo durante
o qual o prior

exerce as suas
funções.

raçoeiro

de ração
adj.,
que tem direito
a receber
pensão;
que distribui as
rações.

rédito

do Lat. redditu
s. m.,
acto de voltar;
lucro;
produto;
rendimento;
juro.

reduto

do It. ridotto
s. m.,
construção
fortificada, no
interior de uma
fortaleza, para
prolongar a
resistência
desta;
baluarte;
fig.,
refúgio;

regedor

s. m.,
indivíduo que
representa, na
freguesia, o
presidente da
Câmara
Municipal e tem
funções policiais;
ant.,
autoridade
judicial.

Renascimento

s. m.,
acto ou efeito
de renascer;
Renascença;
movimento que
nos sécs. XV e
XVI renovou a
ciência, a
literatura e
outras artes,
pelo estudo e
aplicação dos
princípios da
antiguidade
greco-latina
(grafado com
inicial
maiúscula).

MONOGRAFIA DE CARIA

resplendor

do Lat. resplendore
s. m.,
acto ou efeito
de resplender;
auréola;
claridade
intensa;
Relig.,
coroa luminosa
que se coloca
nas imagens dos
santos;
fig.,
celebridade;
glória.

retábulo

do Lat. retro,
detrás + tabula,
tábua
s. m.,
construção de
pedra ou de
madeira, com
lavrões, que se
eleva da parte
posterior do altar
e que encerra
geralmente um
quadro religioso
ou painel que
decora o altar.

rococó

do Fr. rococo
adj.,
diz-se do estilo
ornamental da
época de Luís
XV (França),
tipificado pela
assimetria,
caracterizado
pelo uso
exagerado de
floreados e
motivos
naturalistas
(conchas,
palmas, etc.) e
que sucede ao
Barroco.

rompante

em posição de
combate

rossio

do ant. ressio
s. m.,
terreno outrora
roçado ou fruído
em comum pelo
povo;
logradouro
público;
lugar espaçoso;
praça larga;

terreiro.

Rota

do Lat. rota,
roda
s. f.,
tribunal
pontifício
composto por 12
juízes
eclesiásticos,
que resolve
causas, por
apelo.

sambenito

do Cast.
sambenito
s. m.,
hábito em
forma de saco,
que se enfiava
pela cabeça
dos
condenados,
quando eram
levados para os
autos-de-fé.

santor ou **sautor**

corrup. sautor <
Fr. sautoir
s. m.,

figura formada por dois objectos dispostos de maneira que imitam um X ou a cruz de Santo André; Heráld., aspas nos brasões.

serafim

do Hebr. seraphim, pl. de seraph, o que queima, purifica com o fogo s. m., anjo da primeira grandeza.

silhar

do Cast. sillar s. m., pedra lavrada em quadrado, para revestimento de paredes; pedra que vai de uma face até ao meio da parede; pedra sobre que assenta a colmeia.

silharia

s. f., obra feita de silhares.

soco

do Lat. soccu s. m., base de pedestal; supedâneo; peanha; alicerce de muro ou de edificação; tamanco;

tabelião

pl. tabeliães do Lat. tabellione, o homem das tabuinhas enceradas de escrever s. m., notário público.

tálamo

do Lat. thalamu < Gr. thálamos s. m., leito conjugal.

tardoz

s. m.,

parede exterior de um edifício, que se encontra virada para a rua; face tosca da cantaria que fica para o interior da casa;

timbre

do Fr. timbre s. m., insígnia que se põe sobre um escudo de armas para designar a nobreza do seu proprietário;

torça

s. f., verga ou padieira da porta; pedra quadrilonga e esquadriada.

torso

do It. torso s. m., busto de pessoa ou de estátua.

MONOGRAFIA DE CARIA

do Lat. *torsu*,
torcido
adj.,
torcido;
ant.,
coluna torcida
em espiral.

tramo

de tramar
s. m.,
espaço entre
duas ou mais
asnas.

uncial

do Lat. *unciale*,
que mede uma
polecgada
adj. 2 gén.,
diz-se de uma
escrita romana
em letras de
grandes
dimensões, e de

uma escrita mais
pequena,
derivada da
precedente e
empregada nos
textos
eclesiásticos, do
séc. IV ao séc.
XI.

veeiro

s.m.
Brasil
filão aurífero;
linha por onde
uma pedra
racha, quando
percutida;
veio.

verga

do Lat. *virga*
s. f.,
vara flexível e
delgada;
Arquit.,
padieira;
parte ântero-
superior da
entrada da
chaminé.

vigararia

s. f.,
cargo,
dignidade ou
território da
jurisdição de um
vigário.

vigário

do Lat. *vicariu*
s. m.,
título do pároco
de algumas
freguesias.

virol

s. m., Heráld.,
rolo de fitas
entrançadas
que ornava os
capacetes nos
torneios, e
donde saíam os
paquifes que se
conservam
ainda na
ornamentação
dos escudos.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Padre João Saraiva, (1994) *Paróquia de Caria e Anexas – Narrativas* (manuscrito, 2 volumes)

CANELO, David Augusto (1995) *A Face Oculta dos Cabrais*, Ed. Autor, Belmonte

CANELO, David Augusto (1995a) *Belmonte – Documentos da 2ª metade do Séc. XIX*, ed. Autor, Belmonte

CANELO, David Augusto (2000) *Senhores, Cabrais e Camponeses em Belmonte – Estudos de História Local*, Câmara Municipal de Belmonte, Belmonte

CIDADE, Hernâni e SELVAGEM, Carlos (1967) *Cultura Portuguesa*, Volume 1, Empresa Nacional de Publicidade

GOMES, J. Pinharanda (1981) *História da Diocese da Guarda*, Editora Pax, Braga

MARCELO, M. Lopes (1993) *Beira Baixa – A Memória e o Olhar*, Editorial Presença, Lisboa

MARQUES, Manuel (2001), *Concelho de Belmonte – Memória e História*, Câmara Municipal de Belmonte, Belmonte

MEDINA, João (1993) (Dir.) *História de Portugal, Volume II, O Mundo Luso-Romano*, Ediclube, Amadora

NOGUEIRA, Cristina (2005) *Roteiro do Concelho de Belmonte*, Câmara Municipal de Belmonte, Belmonte

PEDROSA, Pedro (Org.) (2000), *Carta de Lazer das Aldeias Históricas, Volume 5*, INATEL, Lisboa

MONOGRAFIA DE CARIA

REIS, António dos (1959) *Vila de Caria*, Ed. Autor, Covilhã

RODRIGUES, Adriano Vasco (1984) *Monografia Artística da Guarda*, Câmara Municipal da Guarda, Guarda

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1990) *História de Portugal, Volume I, Estado, Pátria e Nação*, 4ª Edição, Editorial Verbo, Lisboa

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1990a) *História de Portugal, Volume II, A Formação do Estado Moderno*, 3ª Edição, Editorial Verbo, Lisboa

SERRÃO, Joel Dir. (sd) *Dicionário de História de Portugal*, Livraria Figueirinhas, Porto

SILVA, António Leal da (1967) *Antigos povos da nossa terra*, Ministério da E. Nacional - DGEP, Lisboa

SILVA, Joaquim Candeias (2000) *Belmonte, Cabral e o Descobrimento do Brasil*, Câmara Municipal de Belmonte, Belmonte

SILVA, Joaquim Candeias e BRANCO, Manuel da Silva Castelo (1999) *A Beira Baixa na Expansão Ultramarina*, Câmara Municipal de Belmonte, Belmonte

SOUSA, Manuel de, (sd) *As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas*, Sporpress, Mem Martins

THORAVAL, Yves (2000) *Abcedário do Islão*, Flammarion, Paris

MONOGRAFIA DE CARIA

VARGAS, José Manuel (2001) *Forais de Belmonte 1199 – 1510*, Câmara Municipal de Belmonte, Belmonte

VASCONCELOS, J. Leite (1980) *Etnografia Portuguesa*, Vol. II, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa

VERBO – ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA

Internet

www.armorial1.no.sapo.pt

www.priberam.pt

<http://genealogia.sapo.pt>

<http://lancia.planetaclix.pt>

<http://bandeiras.no.sapo.pt/>

